

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

BEATRIZ OSORIO STUMPF

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL INDÍGENA E INTERCULTURALIDADE:
REFLEXÕES A PARTIR DE PERCEPÇÕES MBYA GUARANI**

**Porto Alegre
2014**

BEATRIZ OSORIO STUMPF

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL INDÍGENA E INTERCULTURALIDADE:
REFLEXÕES A PARTIR DE PERCEPÇÕES MBYA GUARANI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em educação

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Bergamaschi

Linha de Pesquisa: Política e Gestão de Processos Educacionais

Banca Examinadora:

Dra. Rosa Maris Rosado (SMED Porto Alegre)

Dra. Magali Mendes Meneses (UFRGS)

Dra. Malvina do Amaral Dorneles (UFRGS/PPGEDU)

Porto Alegre

2014

CIP - Catalogação na Publicação

Osorio Stumpf, Beatriz
EDUCAÇÃO AMBIENTAL INDÍGENA E INTERCULTURALIDADE:
REFLEXÕES A PARTIR DE PERCEPÇÕES MBYA GUARANI /
Beatriz Osorio Stumpf. -- 2014.
100 f.

Orientador: Maria Aparecida Bergamaschi.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Educação Ambiental. 2. Educação Indígena. 3.
Interculturalidade. 4. Percepções Ambientais. 5. Mbya
Guarani. I. Bergamaschi, Maria Aparecida, orient.
II. Título.

*Nhanderú disse que o nosso corpo é uma terra.
Tomar chá é como plantar uma muda no corpo.
Nosso corpo é a terra e o mundo.*

José Verá, Cacique da Aldeia Campo Molhado

*A cultura guarani se mantém viva porque jamais
morreu na alma e no modo de ser e viver
guarani, onde a natureza sempre teve e sempre
terá lugar espiritual, essencial e vital. Revitalizar
o conhecimento tradicional, recuperar e
conservar o ambiente natural, e construir a
sustentabilidade socioambiental é fundamental
para garantir a preservação e a evolução da
nossa e das demais espécies, nesse belo e
ameaçado planeta.*

Denise Rosana Wolf, presidente do IECAM

AGRADECIMENTOS

Ao povo Mbya Guarani, por sua cosmologia e seu modo de ser, com o qual tenho muito a aprender.

À Denise Rosana Wolf, presidente do IECAM, por ter me introduzido nesta caminhada de encontro e aprendizagem com os Mbya.

Aos colegas de trabalho do IECAM, pela parceria, companheirismo e troca de experiências, nessa linda trajetória: Paulo Roberto Marques Fernandes, Raniera Aparecida da Silva Pinto, Ricardo Gundlach Schmitz e Virginia Koch.

À professora Dra. Maria Aparecida Bergamaschi, pela dedicação, tranquilidade e profundidade.

Aos familiares e amigos, pelo acompanhamento, a escuta e o carinho.

A Deus, por todas as Graças e Mistérios da Vida.

GLOSSÁRIO

Avaxi eté: Milho verdadeiro
Avaxikui: Farinha de milho
Avaximbaipy: Espécie de polenta
Cunhã Karaí: Liderança espiritual feminina
Eii: Mel
Igary: Cedro
Juruá: Pessoas não indígenas
Jurupikai: Pau Leiteiro
Kaáguy: Mata
Karaí: Liderança espiritual
Nande Reko: Modo de ser Mbya
Opy: Casa de Reza
Poãrenda: casa das plantas
Mbojape: Pão de milho assado nas cinzas da fogueira
Ñamandú, Kuaray, Karaí, Jakairá, Tupã: Divindades
Nhanderú: Deus
Nimongaraí: Ritual de batismo
Petyngué: Cachimbo
Peity rive eme yty: Não jogue lixo no chão
Pindó: Palmeira Gerivá
Potiró: Mutirão
Tekoá: Aldeia
Teko'a Anhetengua: Aldeia Verdadeira
Teko'a Yriapu: Aldeia Som das Águas
Teko'a Nhundy: Aldeia Capinzal
Teko'a Pindo Miri: Aldeia Coqueirinho
Teko'a Nhuu Porã: Aldeia Campo Molhado
Teko'a Itapoty: Aldeia Flor de Pedra
Teko'a Pindoty: Coqueiro
Typyxau - Vassoura
Xeramõi: Ancião

RESUMO

Este trabalho apresenta percepções Mbya Guarani sobre ambiente, educação ambiental e interculturalidade registradas durante minha participação no IECAM – Instituto de Estudos Culturais e Ambientais e, nos anos de 2011 e 2012, na execução do projeto "Ar Água e Terra: Vida e Cultura Guarani: Ações de recuperação e conservação ambiental e etnodesenvolvimento em aldeias indígenas Guarani do RS". A partir da observação participante e de um olhar etnográfico, registrei percepções, com as quais desenvolvo reflexões sobre esses temas, na forma de um diálogo intercultural com autores acadêmicos, como Ingold (2000), Capra (1982, 2001, 2002, 2006), Lovelock (1987, 1990, 1991) e Guattari (1990).

A pesquisa mostrou que percepções ambientais Mbya trazem uma concepção de mundo sistêmica, que integra ambiente e cultura, onde estão conectadas todas as dimensões da constituição de uma sociedade, como economia, saúde, arte e educação, tendo como centro integrador a espiritualidade, em um modo de vida comunitário, que reúne razão, emoção, intuição e ação. Também foi observada a consciência da relação entre degradação ambiental e cultural, bem como entre o processo de recuperação ambiental e estratégias de fortalecimento cultural. Estas percepções mostram similaridades com abordagens da educação ambiental, como a visão sistêmica, holística e transdisciplinar, a ética de respeito para com todas as formas de vida, os valores humanos, a dimensão artística e a relação entre natureza e saúde.

No entanto, considerando-se a situação atual de algumas aldeias, destaca-se a importância de projetos educacionais participativos interculturais nestas áreas. Percepções Mbya sobre a interculturalidade em atuações educativas ambientais deste tipo mostraram a importância de duas culturas diversas estarem construindo ações em conjunto para atender às demandas das aldeias e da questão indígena como um todo, se complementando, trocando ideias e experiências e enfrentando as dificuldades que fazem parte destes processos. As sugestões de soluções técnicas da cultura ocidental vão sendo integradas à sua cosmologia, conforme necessidades e interesses, se constituindo em estímulos para retomar e dar continuidade a suas atividades tradicionais.

Percepções Mbya revelam ainda a importância de que este tipo de atuação tenha como base o seu modo de vida, respeitando seus tempos e ritmos, em um processo contínuo de diálogo e construção coletiva, integrando a dimensão ambiental, social, cultural, econômica e política. A sabedoria Mbya constitui um conjunto de saberes, valores e práticas ecológicas, junto a um modo peculiar de transmissão de sua relação com o ambiente entre gerações, que pode contribuir para reflexões sobre Educação Ambiental e para transformações necessárias à nossa sociedade.

ABSTRACT

This paper presents Mbya Guarani perceptions about environment, environmental education and interculturalism recorded during my participation in IECAM - Institute of Cultural and Environmental Studies, in the years 2011 and 2012, on the implementation of the project "Ar Água e Terra: Vida e Cultura Guarani: Ações de recuperação e conservação ambiental e etnodesenvolvimento em aldeias indígenas Guarani do RS". From the participant observation and an ethnographic look, I recorded perceptions with which I develop reflections on these themes in the form of an intercultural dialogue with academic authors as Ingold (2000), Capra (1982, 2001, 2002, 2006), Lovelock (1987, 1990, 1991) e Guattari (1990).

Research has shown that Mbya environmental perceptions bring a systemic conception of the world, integrating environment and culture and connecting all dimensions of society, such as economics, health, art and education, with spirituality as the central core, in a communal way of life, which brings together reason, emotion, intuition and action. Awareness of the relationship between environmental and cultural degradation was also observed, as well as between the process of environmental recovery strategies and cultural strengthening. These perceptions show similarities with approaches to environmental education as the systemic, holistic and transdisciplinary vision, the ethics of respect for all life forms, the human values, the artistic dimension and the relationship between nature and health.

However, due to the current situation in some villages, it is important to have intercultural participatory educational projects in these areas. Mbya perceptions about interculturalism in environmental education performances have shown the importance of two different cultures together building actions to meet the demands of the villages and indigenous issues as a whole, complementing, exchanging ideas and experiences and facing the difficulties that make part of these processes. The suggestions for technical solutions of Western culture are integrated to their cosmology, constituting stimuli to continue their traditional activities.

Perceptions Mbya also reveal that this type of activity should be based on your way of life, respecting their times and rhythms, in a continuous process of dialogue and collective construction, integrating environmental, social, cultural, economic and political dimensions. The Mbya wisdom is a set of ecological knowledges, values and practices, together with a peculiar mode of transmission of their relationship with the environment across generations, which may contribute to reflections on environmental education and necessary changes in our society.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
1. INTRODUÇÃO.....	14
1.1. Caminhos e vivências da pesquisadora.....	08
1.2. Metodologia.....	17
1.3. Situando o povo Mbya Guarani.....	20
2. APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DESENVOLVIDO JUNTO AO IECAM.....	23
2.1. Contextualizando o trabalho.....	23
2.2. Em cada aldeia uma história.....	27
3. PERCEPÇÕES AMBIENTAIS MBYA GUARANI.....	44
4. EDUCAÇÃO AMBIENTAL MBYA GUARANI.....	58
4.1. Percepções Mbya Guarani sobre a aprendizagem de valores ambientais.....	58
4.2. Relação entre cultura Mbya Guarani e Educação Ambiental.....	61
4.2.1. Contextualizando a Educação Ambiental.....	61
4.2.2. Relacionando percepções Mbya Guarani e Educação Ambiental.....	62
4.3. Percepções Mbya Guarani sobre a interculturalidade na Educação Ambiental.....	70
5. CONSTRUÇÕES INTERCULTURAIS SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL MBYA GUARANI.....	77
5.1. Contribuições Mbya Guarani para a Educação Ambiental.....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	91
ANEXOS.....	96

APRESENTAÇÃO

A presente dissertação propõe reflexões geradas a partir da convivência com os Mbya Guarani durante minha participação no IECAM - Instituto de Estudos Culturais e Ambientais¹, nos anos de 2011 e 2012, na execução do projeto "Ar Água e Terra: Vida e Cultura Guarani: Ações de recuperação e conservação ambiental e etnodesenvolvimento em aldeias indígenas Guarani do RS". Este trabalho de Educação Ambiental (EA) contemplou oito aldeias do Rio Grande do Sul, envolvendo atividades de apoio à recuperação de áreas degradadas, melhoria da fertilidade do solo e da produção de alimentos, coleta e intercâmbio de sementes, viveirismo, compostagem, destino de resíduos, etnoturismo e reflorestamento com espécies vegetais nativas escolhidas pelos Mbya Guarani².

A atuação oportunizou conviver, escutar, dialogar e aprender com os Guarani, pois a metodologia de trabalho do IECAM se fundamenta em um processo de construção participativa e dialógica, no qual os membros da aldeia apresentam suas demandas e, junto com os técnicos do Instituto, propõem soluções, gerando trocas interculturais de saberes e ideias.

Desde o início da minha participação neste trabalho, considerei a importância de conhecer as percepções Mbya sobre ambiente e relativas ao próprio processo educativo ambiental que estava sendo desenvolvido com eles, incluindo suas opiniões sobre as trocas interculturais que fizeram parte desta atuação. Optei por uma prática reflexiva, acompanhada por muitas conversas, leituras acadêmicas e registros em diário de campo, assumindo um duplo papel, simultaneamente como educadora ambiental e pesquisadora.

Neste sentido, minha dissertação se propõe a apresentar percepções³ Guarani sobre ambiente, educação ambiental e interculturalidade compreendidas e registradas na

¹ O IECAM é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, fundada em 1991, direcionada para o estudo e o desenvolvimento de ações relacionadas com a sustentabilidade social e ambiental, que busca principalmente a revitalização de saberes tradicionais e da biodiversidade. Desde 2004, esta instituição tem criado um espaço de aproximação e de envolvimento com os Mbya-Guarani, tendo desenvolvido diversos projetos relacionados com o etnodesenvolvimento e a etnoconservação, em uma perspectiva de construção e ação em conjunto com estes povos para o atendimento de suas demandas.

² No capítulo 2 apresento detalhadamente o projeto do IECAM que participei, foco principal no desenvolvimento da dissertação. Nesse capítulo também trago algumas informações sobre os Mbya Guarani, subgrupo pertencente ao grupo indígena Guarani. Ao longo do texto da dissertação utilizo os termos Mbya e Guarani para denominar este povo.

³ O dicionário Michaelis indica dois tipos de percepção: a externa como faculdade de perceber pelos sentidos; e a interna, se referindo a consciência. Este termo tem sido utilizado na Educação Ambiental para o entendimento dos processos pelos quais os indivíduos atribuem significado ao ambiente (VESTENA et al., 2008). Neste trabalho o termo está sendo usado na busca de um diálogo com os significados de ambiente, educação ambiental e interculturalidade para os Guarani, formados a partir de suas apreensões pelos sentidos, sentimentos, intelecto e intuição, e que se manifestam no seu modo de ser e de se relacionar.

vivência propiciada no desenrolar do trabalho do IECAM, dialogando com outros autores e desenvolvendo reflexões sobre estes temas. A questão central a que me propus é de investigar percepções Guarani sobre o ambiente e os processos de degradação ambiental ocorridos em suas terras, e relativas às relações interculturais no caminho educativo de construir em conjunto possibilidades de recuperação ambiental. Acredito na importância desta compreensão para reflexões e construções sobre projetos socioambientais em aldeias indígenas, de um modo cada vez mais integrado à visão de mundo e ao modo de ser destes povos, bem como sobre as especificidades de uma Educação Ambiental Guarani e possíveis contribuições Mbya para a EA em geral.

No primeiro capítulo, de caráter introdutório, exponho elementos da minha trajetória pessoal e profissional, no sentido de tornar compreensíveis alguns aspectos subjetivos mais profundos que me levaram a pesquisar estas questões. Apresento ainda a proposta metodológica da pesquisa, a qual se divide em dois momentos. A parte principal e de maior duração foi desenvolvida através do trabalho de campo realizado junto ao IECAM, sendo que posteriormente foi feito um retorno a algumas aldeias para complementação. Finalizo este capítulo com informações sobre o povo Mbya-Guarani, visando situar o(a) leitor(a) no tema.

O segundo capítulo se refere a uma contextualização do trabalho desenvolvido pelo IECAM, trazendo informações gerais, explicando a metodologia utilizada e apresentando o processo concretizado em cada aldeia. Procurei desenvolver esta parte detalhadamente, pois constituiu a base principal a partir da qual foram observadas percepções Mbya sobre ambiente, educação ambiental e interculturalidade. Muitas das percepções foram relativas à própria atuação que estava se realizando, ou sobre temas que surgiram a partir das atividades que ocorreram no âmbito desse trabalho.

Na terceira parte da dissertação, trago percepções Guarani relativas a temas como ambiente, cultura, saúde, alimentação e resíduos. Estas percepções surgiram principalmente a partir de manifestações espontâneas de diversos membros das aldeias, através dos diálogos ocorridos durante a execução do trabalho. Busco valorizar a palavra Mbya-Guarani, destacando suas expressões junto à reflexão e diálogo com outros autores que estudaram aspectos dessa cultura ou de outros povos indígenas. Inicialmente pensei em dividir em tópicos, mas fui deixando o texto fluir, como que tecendo os fios que conectavam naturalmente cada elemento ao tema seguinte, exemplificando o modo integrado do pensamento Mbya.

O capítulo quarto se dedica a reflexões sobre Educação Ambiental. Aqui os fios Guarani vão se entrelaçando mais com os de autores que abordam outros temas, na proposta de ir formando um tecido intercultural. A primeira parte contempla percepções Mbya sobre a relação entre ambiente e educação, bem como a forma como ocorre em sua cultura a transmissão de valores e práticas ambientais. Em um segundo momento, desenvolvo reflexões no sentido do diálogo entre a cultura Guarani e visões de educação ambiental, iniciando com uma contextualização sobre a EA e algumas de suas abordagens, identificando onde situo através da minha atuação como educadora ambiental. Posteriormente, apresento percepções Guarani sobre a interculturalidade no trabalho desenvolvido através do IECAM, no sentido de contribuir com a reflexão sobre processos educativos ambientais interculturais em aldeias indígenas.

No quinto capítulo, a partir das percepções Mbya apresentadas anteriormente, com relação a ambiente, educação ambiental e interculturalidade, busco desenvolver uma reflexão intercultural sobre EA, identificando especificidades para a construção de uma Educação Ambiental Guarani, trazendo ainda algumas de suas percepções sobre o trabalho desenvolvido, junto a percepções minhas e de outros técnicos do Instituto, e relacionando com contribuições teóricas de abordagens da EA. Finalizo traçando alguns elementos para reflexões sobre possibilidades de contribuição da cultura Guarani para a Educação Ambiental, tendo ainda como pano de fundo a interculturalidade.

Nas considerações finais, busco reunir as “duas Educações Ambientais”, aquela que pode ser desenvolvida e construída “com os Guarani”, em um objetivo de contribuir com as demandas das aldeias; e uma Educação Ambiental “dos Guarani”, que é como um precioso presente para nossa sociedade, um convite para penetrarmos no sagrado e na ecologia da vida.

Acrescento como anexos algumas fotografias e o “Mapa Geral de Localização e Uso da Terra”, produzido através desta atuação do IECAM. O mapa foi escolhido para mostrar a localização das aldeias participantes do trabalho, mas também por ser ilustrativo de uma produção intercultural (elaboração conjunta entre a equipe técnica do Instituto e os Guarani), que apresenta a proporção das áreas das aldeias que estão sendo conservadas, recuperadas através das atividades de reflorestamento, utilizadas para produção de alimento e em uso para construções. Incluo também na forma de anexo os modelos do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi acordado e assinado por lideranças indígenas e pela presidente do IECAM.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Caminhos e vivências da Pesquisadora

Girar, girar, girar... até cair... me entregar para o céu e para a terra que giram comigo, me levando para o infinito...

Deitada na terra, olhando para o céu estrelado e sentindo que tudo é uma coisa só, sem divisão: meu corpo, a terra e a imensidão do céu.

Deitada na areia, sentindo o calor do sol no meu corpo, como se me tocasse não só por fora, mas por dentro, como se não existissem limites: nem fora nem dentro.

Me misturando com a espuma das ondas do mar e me sentindo mar.

Boiando na água, me sentindo água, misturada ao céu, sentindo a brisa e o sol me tocar e me sentindo ar e sol; olhando o pássaro que voa no céu e me sentindo pássaro.

Em baixo de uma cachoeira, me entregando e me perdendo completamente na força das águas, com a sensação de não ter mais corpo, de não existir como um ser separado.

Através destas palavras tento expressar o que ficou na memória de sensações da infância, mesmo sem crer que palavras possam realmente expressar sensações e sentimentos, ou que a inteireza das sensações possa permanecer na memória de um tempo em que eu costumava muito mais sentir do que pensar.

Do mesmo modo, através desta dissertação, busco expressar percepções de um povo cuja cultura é muito diferente da minha. Ao começar a escrever, veio à tona estas sensações da infância, um modo de sentir o mundo que me parece ser agora um elo de ligação com as percepções ambientais Guarani.

Muitos anos após essas sensações da infância que tentei descrever acima, realizei um estágio no projeto Peixe-Boi Marinho, do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Aquáticos (CMA), vivendo durante seis meses em Barra de Mamanguape, na Paraíba. É para esta colônia de pescadores, totalmente afastada do meio urbano, que me desloco neste momento. Uma das minhas atividades neste estágio consistia em permanecer sentada em uma pedra, olhando para um local fixo no mar, aguardando o aparecimento de algum peixe-boi, para registrar em uma planilha. Em muitos destes momentos eu também alcançava um estado inexplicável de não divisão, de não existência como um ente separado do todo.

Alguns anos depois, ao realizar o Mestrado em Psicobiologia, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, eu seguia um grupo de saguis em uma área de mata atlântica, em Nísia Floresta – RN. Lembro de muitos momentos em que eu me sentia como um daqueles filhotes, pertencendo àquela família, por mais estranho que isto possa parecer.

Após o término do mestrado, ao retornar à Porto Alegre, comecei a trabalhar com Educação Ambiental na Fundação Gaia, Organização Não Governamental fundada pelo ambientalista José Lutzenberger, também conhecido como Lutz. Foi quando alcancei uma compreensão racional para aquelas minhas sensações referidas anteriormente. Na época éramos um grupo formado por funcionários da Fundação, voluntários e estagiários, que passávamos boa parte das semanas no Rincão Gaia (Pantano Grande/RS), recebendo grupos, realizando cursos, seminários, oficinas, e também nos divertindo, tomando banho de lago, convivendo com o Lutz, caminhando pelo Rincão e por outros locais próximos, onde ele nos mostrava muitas coisas da natureza, ensinando sobre geologia, botânica, zoologia, agricultura, física, política, história, enfim, conhecimentos de diversas áreas, de um modo transdisciplinar e totalmente integrado à vida.

Além da aprendizagem sobre vários assuntos, as longas conversas com Lutz me proporcionaram o conhecimento científico sobre uma visão de mundo que eu já tinha na minha essência, com relação à teoria de Gaia, elaborada James Lovelock (1987), com a cientista Lynn Margulis. Segundo esta visão de mundo, o planeta Terra é um sistema vivo que se mantém e se auto-regula através das relações entre todos os seus componentes, todos interdependentes e complementares. Lutz falava cientificamente, considerando a ciência como o “diálogo puro com a vida”, mas afirmava que a ciência jamais conseguiria explicar o “grande mistério do universo”.

Nesta época eu comecei a ler mais sobre Educação Ambiental, sendo que muitos textos se referiam à necessidade de uma mudança de paradigma, através de uma visão sistêmica e holística. Passei também a participar do curso Formação Holística da Universidade Internacional para a Paz - UNIPAZ, na qual esta compreensão era trazida não somente através da ciência, mas de uma forma muito integrada à espiritualidade, com reflexões, vivências e práticas espirituais ligadas a diversas religiões e tradições, de um modo vivencial e artístico.

Eu percebia a distância do ser humano de uma percepção mais sistêmica e a importância da educação em um caminho de reaproximação. Absorvi esta concepção em uma abordagem de educação ambiental, incorporando nas minhas falas e dinâmicas a

noção de unidade, de complementaridade entre os diversos elementos que fazem parte do planeta, e a importância da diversidade humana, com a riqueza das suas diferenças, com todas as raças, cores, culturas, línguas, dons e modos de ser. Além disso, compreendi a relevância de uma perspectiva educativa ambiental que integra cultura e ambiente, com a construção de programas que contemplem a dimensão social e a ambiental, de forma a integrar as diversas áreas de conhecimento, tipos de saberes e dimensões de uma sociedade, abrangendo saúde, educação, economia, ambiente, política, cultura, arte, etc.

Ainda através da Fundação Gaia, passei a desenvolver trabalhos socioambientais, principalmente em assentamentos da Reforma Agrária, utilizando como base para estas atuações a observação participante e metodologias participativas, de modo que todos pudessem expressar suas demandas e, coletivamente, propor e executar soluções.

Em 2009, comecei a atuar no IECAM - Instituto de Estudos Culturais e Ambientais, no projeto "Artesanato Mbya Guarani: Um Programa de Índio", o qual tinha como objetivo contribuir para a geração de trabalho e renda nas aldeias, buscando atender as demandas relacionadas com a sustentabilidade da matéria-prima utilizada na confecção das peças artesanais (sementes e mudas); e com a produção e a comercialização do artesanato, através de materiais, oficinas para troca de saberes, divulgação e acesso a locais de venda. Durante o desenvolvimento deste trabalho foi verificada a necessidade de plantio nas aldeias das espécies vegetais utilizadas para o artesanato, dando origem à construção de um viveiro de mudas, o Poãrendá (Casa das Plantas), na Teko'a Anhetengua - Aldeia da Lomba do Pinheiro. Atuei com atividades de viveirismo, compostagem e reflorestamento com espécies nativas em quatro aldeias. Aí começa a convivência com os Guarani, reforçando ainda mais minha visão da natureza como uma unidade, que integra cultura e ambiente, bem como a compreensão da importância da integração entre as diversas dimensões que constituem uma sociedade.

Em 2010 eu participei de duas disciplinas que foram muito importantes para o meu olhar como pesquisadora: "O cuidado em educação e disposições ético-afetivas do pesquisador", com a professora Malvina do Amaral Dorneles do PPGEDU da UFRGS; e "Antropologia e Educação", com a professora Isabel Cristina de Moura Carvalho, da PUCRS.

Este olhar se inseriu como um elemento importante da minha participação em outra atuação do IECAM, em 2011, o projeto "Ar Água e Terra: Vida e Cultura Guarani" a qual se constitui como ponto de partida para minha dissertação. Como desta vez o

trabalho envolveu oito aldeias, foi possível a relação com áreas mais distanciadas do ambiente urbano e um contato mais profundo com esta cultura. A interação mais intensa com os Mbya, através da convivência e diálogo, foi proporcionando a visualização do quanto sua visão de mundo e sabedoria poderiam contribuir para mudanças na nossa sociedade. Foi crescendo a vontade de conhecer mais e dialogar com a concepção Guarani de ambiente, em buscar compreender também por meio do sentir.

1.2. Metodologia

A metodologia desta pesquisa abrangeu dois momentos. A primeira etapa, a qual teve maior duração, se refere ao trabalho de campo desenvolvido durante a participação no projeto "Ar Água e Terra: Vida e Cultura Guarani: Ações de recuperação e conservação ambiental e etnodesenvolvimento em aldeias indígenas Guarani do RS", nos anos de 2011 e 2012. Neste período atuei em um contexto simultâneo de educadora ambiental e de pesquisadora. Como educadora ambiental eu utilizava a metodologia de trabalho construída coletivamente pela equipe do IECAM e pelos Guarani⁴, a qual inclui observação participante e realização de atividades diversas, como reuniões, encontros, oficinas, mutirões, grupos de trabalho, uso de mapas e trilhas. Ao mesmo tempo, eu trazia um olhar etnográfico, com o qual observava a própria observação participante. Participava das experiências buscando observar e registrar como o eu e o outro percebíamos esta vivência, e como estavam ocorrendo as trocas entre estas percepções.

Desde o início do trabalho, fui buscando exercitar o olhar e o ouvir descritos por Rocha e Tosta (2009), quais sejam, ver as coisas como elas se apresentam aos olhos, sem julgar ou desejar que fossem diferentes, buscando a compreensão daquilo que se apresenta e ouvindo diferentes pontos de vista com uma escuta de abertura e acolhimento, não discriminadora.

Silva (2009) aborda a influência mútua estabelecida na interação entre o etnógrafo e o grupo estudado, a qual incide não só sobre a condição atual das pessoas, mas sobre a sua identidade e desenvolvimento. No contexto desta investigação, a circunstância que me levou à aldeia e proporcionou o convívio e observação se trata de uma atuação em Educação Ambiental, sendo a relação com os Guarani, e o deslocamento em seu território, proporcionada pelas reflexões e construções coletivas de um trabalho educativo ambiental. Neste caso, o envolvimento e a influência não são negados, mas há o cuidado de uma reflexão sobre o meu próprio envolvimento, em direção a um envolvimento

⁴ Essa metodologia está descrita no capítulo 2.

reflexivo, com sentido, observando como as perspectivas vão mudando, através dos encontros e desencontros, entusiasmos e frustrações, identificações e estranhamentos. Busco explorar o próprio envolvimento, as transformações mútuas originadas nesta atuação e as questões geradas a partir deste processo.

Precisei aprender a lidar com meu envolvimento, através de uma trajetória de contínua autoeducação do olhar, do escutar, do pensar e do escrever. O diário de campo se constituiu em um instrumento de grande relevância, através do registro dos diálogos, junto a observações sobre o modo Guarani de se relacionar com o ambiente, bem como minhas impressões, emoções e inquietações, buscando assimilar as percepções do outro e de mim mesma.

Para tratar das questões ambientais com os Mbya, eu buscava compreender como percebiam o ambiente e o processo educativo ambiental que estava se desenvolvendo. Também observava e registrava como era para eles a percepção da relação com os Juruá (pessoas não indígenas) junto aos quais estavam construindo uma trajetória de transformações ambientais nas aldeias, inclusive com a possibilidade de inserção de elementos de outra cultura.

Neste sentido, minha dissertação se propõe a apresentar percepções Guarani sobre ambiente, educação ambiental e interculturalidade compreendidas e registradas nessa vivência propiciada pelo trabalho junto ao IECAM, dialogando com outros autores e desenvolvendo reflexões sobre estes temas. A questão central a que me propus é de investigar percepções Guarani sobre o ambiente e os processos de degradação ambiental ocorridos em suas terras, e relativas às relações interculturais no caminho educativo de construir em conjunto possibilidades de recuperação ambiental. Acredito na importância desta compreensão para reflexões e construções sobre projetos socioambientais em aldeias indígenas, bem como sobre as especificidades de uma Educação Ambiental Guarani e possíveis contribuições Mbya para a EA em geral.

Minha abertura para a aprendizagem com os Guarani proporcionou que a escuta sensível ao que me diziam e a valorização da sua palavra contribuíssem na própria construção do método de pesquisa. Notei desde o início certo cansaço com relação ao excesso de pesquisadores nas aldeias e o pequeno retorno em termos de contribuições mais práticas. Os seguintes dizeres marcaram bastante minha escolha metodológica:

Não adianta vir aqui na aldeia só pra perguntar sobre nossa cultura, nossa cosmologia, tem que trabalhar nossas necessidades, ver o que falta. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2011).

É um conhecimento milenar que a gente tem. Tem muita coisa no mundo indígena. É difícil falar tudo. Tem coisas que a gente nunca fala. É importante não falar. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2011).

Em profundo respeito ao “mistério Mbya Guarani”, passei a evitar fazer muitos questionamentos, desenvolvendo uma pesquisa com base no que eles espontaneamente me traziam. Minhas perguntas se relacionaram mais com o trabalho desenvolvido junto ao IECAM, direcionadas principalmente para a tomada de decisões e resolução de questões práticas. A pesquisa envolveu a observação de um processo prático, coletivo, intercultural, absorvendo as percepções que surgiram naturalmente a partir desta trajetória; mas também a observação da convivência cotidiana, momentos em que estávamos juntos, compartilhando alimento, chimarrão, palavras e silêncios. A troca de carinhos, risadas e brincadeiras, e as atividades práticas com as crianças também foram muito importantes.

De um modo geral, eu procurava estar receptiva aos silêncios e ao que eles falavam espontaneamente, buscando mais escutar do que perguntar. Evitei entrevistas e somente em um caso usei o gravador, com posterior transcrição, mas percebi algum constrangimento e passei a fortalecer mais a escuta atenta, com o coração, e o posterior registro no diário. Às vezes eu escrevia suas falas no momento em que eram ditas, mesmo estando junto aos Guarani, principalmente durante reuniões.

Cada aspecto manifestado poderia ser profundamente explorado através de questionamentos e observações, mas o objetivo não era tanto de aprofundar cada elemento, mas de abordar suas conexões. Portanto, como forma de análise, procurei apresentar percepções Guarani relacionando com outros trabalhos sobre os mesmos aspectos, desenvolvidos com este povo ou com outras etnias indígenas. Além disso, focalizei nas relações das percepções entre si, em um diálogo com outros autores, como Ingold (2000), Capra (1982, 2001, 2002, 2006), Lovelock (1987, 1990, 1991) e Guattari (1990), em direção à exemplificação de uma construção intercultural.

Em um segundo momento do trabalho de campo, foram feitas novas visitas a quatro aldeias participantes do projeto, para conversas com os caciques, seus familiares, professores e outras pessoas que estavam junto. Nestes encontros foram realizadas conversas informais, nas quais fui apresentando as reflexões desenvolvidas a partir das minhas vivências junto a eles, bem como escutando suas opiniões e contribuições sobre as ideias apresentadas. Além da abertura para a escuta do que era trazido espontaneamente, houve momentos em que precisei direcionar o diálogo, trazendo questões com base nas reflexões que eu havia desenvolvido, como que buscando a

confirmação ou a negação. O olhar etnográfico continuou sendo utilizado, procurando observar a própria observação, o diálogo, a escuta, a vivência e a reflexão, dando continuidade aos registros no Diário de Campo. A partir destes diálogos e observações foram elaboradas novas reflexões, principalmente em um sentido de complementação. As percepções e construções reflexivas provenientes desta segunda etapa foram inseridas ao longo do texto, de acordo com cada tema, contribuindo para compor a dissertação final.

As aldeias escolhidas para esta segunda etapa foram as seguintes: Teko'a Anhetengua (Aldeia Verdadeira), Lomba do Pinheiro, Porto Alegre; Teko'a Nhundy (Aldeia Capinzal), Estiva, Viamão; Teko'a Itapoty (Flor de Pedra), Riozinho e Teko'a Nhüu Porã (Campo Molhado), Riozinho, Maquiné e Caraá. Esta escolha foi feita devido à decisão de optar por duas aldeias da região central e duas da região norte do Estado, considerando a possibilidade de haver diferenças entre percepções ambientais Guarani das áreas mais próximas da cidade e das mais afastadas.

A metodologia da dissertação envolveu ainda a pesquisa de materiais do IECAM: relatórios, relatos de atividades, filmes, materiais de divulgação e textos produzidos pela equipe técnica durante o desenvolvimento da atuação. Portanto, alguns dos dizeres contemplados na escrita não foram expressados diretamente para mim, mas para colegas de trabalho.

1.3. Situando o povo Mbya Guarani

Segundo Chamorro (2008), o grupo Guarani é pertencente à tradição Tupi-guarani, desenvolvido a partir do tronco linguístico Tupi, cuja formação tem origem a cerca de 5.000 anos. O grupo foi um dos primeiros a entrar em contato com os Europeus no século XVI, quando constituía uma grande população que habitava do litoral de São Paulo até a Lagoa dos Patos, especialmente ao longo dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai. Conforme Ladeira e Matta (2004), é estimado que no ano de 1.500 existiam dois milhões de indígenas Guarani no Brasil, sendo que atualmente são aproximadamente 70.000 entre Argentina, Brasil e Paraguai.

Brochado (1984), através do estudo de indícios arqueológicos, refere que os povos Guarani são provenientes de movimentos migratórios a partir da região amazônica que se iniciaram há cerca de 3.000 anos. Partindo do baixo Amazonas, através do rio Madeira, se expandindo para o sul e o leste, alcançaram a Bacia do Prata, há aproximadamente 2.000 anos.

De acordo com Schaden (1974), no Brasil os Guarani formam três sub-grupos, com diferenças linguísticas e culturais: Mbya, Kaiová e Nhandeva. Os Guarani Mbya vivem preferencialmente na Mata Atlântica do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, percebendo esta área como um território contínuo, não vendo sentido nos limites políticos entre países e estados.

Gobbi et al (2010) indicam que os Mbya habitam todos os estados do sul e sudeste do Brasil, com exceção de Minas Gerais. No Rio Grande do Sul, de modo geral, esta etnia abrange praticamente todas as aldeias, sendo que apenas no norte do Estado algumas comunidades são referidas como Nhandeva. Na época do contato com os colonizadores, os povos Guarani do Rio Grande do Sul estavam distribuídos em todas as áreas de mata subtropical, se estendendo ao longo dos rios Uruguai e Jacuí, com seus afluentes, e da costa marinha e suas lagoas. Os padrões de ocupação foram modificados com a colonização europeia, a partir do século XV, através de processos de catequização, escravização e confinamento. Atualmente a população Mbya no Estado é de aproximadamente 2.000 indivíduos, em cerca de trinta e cinco pontos de ocupação, sendo difícil uma previsão exata, devido a ocupações temporárias e a contínua circulação de indivíduos e famílias entre os locais, conforme a visão de territorialidade desta etnia, que inclui a mobilidade. Além disso, a presença em diversas áreas foi inviabilizada devido à violência de proprietários particulares e estatais.

Devido à intensa redução da área de mata Atlântica e alteração deste bioma, com substituição por monoculturas, indústrias, represas e habitação de grande parte da população brasileira, com o consequente esgotamento dos solos e poluição das águas, os Mbya foram ficando cada vez mais confinados a pequenas áreas. Liebgott (2010) enfatiza que os lentos processos de demarcação e aquisição de terras ainda são insuficientes e muitas vezes se restringem a áreas degradadas. Nestes reduzidos espaços, os Mbya continuam buscando manter sua cultura milenar, cultivando sua língua, tradições e ritos, confeccionando artesanato, cultivando suas roças e criando pequenos animais. Muitos indivíduos vivem em acampamentos próximos a estradas, em condições precárias, áreas pequenas e recursos escassos, buscando a demarcação de terras para manter suas formas de vida tradicionais. Lideranças se organizam na reivindicação de terras de ocupação tradicional, respeito pela sua cultura e espaços para a comercialização de artesanatos.

A continuidade desta sabedoria ancestral se dá a partir da vivência cotidiana comunitária, com fundamentos espirituais, ritualísticos, ecológicos e artísticos, em um

modo de ser (Nhande Reko) que está intimamente conectado com a existência da aldeia, a Tekoa, o espaço onde vivem coletivamente, o qual precisa ter elementos naturais, como fonte de água, terra apropriada para plantio e áreas de mata, com disponibilidade de lenha, frutas, ervas para uso medicinal e matéria-prima para construção e artesanato. A Tekoa torna possível a manifestação do Nhande Reko, sendo que ambos estão relacionados com a saúde física e espiritual, a forma de educação das crianças, a economia e a manifestação da espiritualidade.

2. APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DESENVOLVIDO JUNTO AO IECAM

2.1. Contextualizando o trabalho

O projeto “Ar, Água e Terra: Vida e Cultura Guarani: Ações de recuperação e conservação ambiental e etnodesenvolvimento em aldeias indígenas Guarani do RS, desenvolvido pelo IECAM, com o patrocínio do Programa Petrobras Ambiental, foi construído junto com os caciques e lideranças das oito aldeias participantes, especialmente com Cirilo Morinico, cacique da Teko’a Anhetengua (Aldeia da Lomba do Pinheiro), e teve a duração de dois anos (2011 e 2012), com perspectiva de renovação.

O trabalho foi realizado em oito aldeias indígenas Guarani, localizadas nas regiões sul, centro e norte do Rio Grande do Sul. A área inclui os biomas Mata Atlântica e Pampas Sulinos, possuindo mais de setenta nascentes e extensas áreas de mata nativa, com grande biodiversidade e presença de espécies endêmicas de flora e fauna; mas conta também com grandes espaços em estados variáveis de degradação, principalmente devido ao cultivo de espécies exóticas (eucalipto e pinus), anterior à formação das aldeias⁵. A atuação do IECAM por meio desse projeto visava contribuir para a recomposição ambiental destes locais, a partir de atividades de coleta e intercâmbio de sementes, viveirismo, compostagem e reflorestamento com espécies vegetais nativas escolhidas pelos Guarani, as quais são utilizadas para a alimentação, a saúde (medicina tradicional) e a economia, como por exemplo, na confecção de artesanato para comercialização.

Cada aldeia apresenta características próprias, dependendo do histórico do processo de aldeamento e das especificidades da região, consistindo em áreas mais próximas ou mais afastadas do meio urbano; mais degradadas ou mais preservadas. Portanto, em cada local foram desenvolvidas atuações diferenciadas, de acordo com suas características e com as ideias e demandas dos seus habitantes. As aldeias participantes do trabalho foram as seguintes: Teko’a Anhetengua (Aldeia Verdadeira), Lomba do Pinheiro, Porto Alegre; Teko’a Yriapu (Aldeia Som das Águas), Granja Vargas, Palmares do Sul; Teko’a Nhundy (Aldeia Capinzal), Estiva, Viamão; Teko’a Pindo Miri (Aldeia Coqueirinho), Itapuã, Viamão; Teko’a Nhuu Porã (Aldeia Campo Molhado), Barra do Ouro, Maquiné, Riozinho e Caraã; Teko’a Itapoty (Aldeia Flor de Pedra), Teko’a Pindoty

⁵ Os Guarani ocupavam anteriormente estes territórios, mas foram expulsos através dos processos de colonização. Atualmente retomam estas terras e constituem suas aldeias, por meio de intensos trabalhos de luta para demarcação e regularização. No entanto, muitas destas áreas se encontram em estados avançados de degradação, devido à acelerada exploração econômica.

(Coqueiro), Riozinho e Teko'a Ka'aguy (Aldeia da Varzinha), Caraá. Para atender a todas as aldeias, a equipe de técnicos contemplava duas subequipes, uma para a área mais central do Estado, na qual eu participava junto aos agrônomos Ricardo Schmitz e Raniera Pinto; e outra para a região norte do Estado, formada por Virginia Koch e Paulo Fernandes, os quais já se relacionavam há muitos anos com os Mbya-Guarani.

Junto à revitalização de práticas tradicionais, o trabalho contemplava o apoio à recuperação de áreas degradadas, à melhoria da fertilidade do solo e à produção de alimentos, incluindo o uso de técnicas agroecológicas, como a adubação verde, a adubação orgânica, a agrofloresta e a criação de hortas e canteiros de plantas medicinais, além do intercâmbio de sementes da agricultura tradicional Guarani, no sentido de contribuir para a segurança alimentar e a autonomia.

Outro foco da atuação se referia ao desenvolvimento do eco-etnoturismo⁶ nas aldeias, com objetivos de geração de renda para as famílias, valorização da cultura Guarani e difusão da visão de mundo ecológica e dos saberes ambientais destes povos. Neste sentido, foram elaboradas coletivamente as rotas turísticas e as trilhas ecológicas, com o preparo da infraestrutura necessária para esta finalidade. Foi observado o interesse no eco-etnoturismo, por parte de representantes de algumas aldeias, pois existe a preferência dos Guarani por comercializar o artesanato no próprio local, sem precisar ir para as cidades.

O tema do eco-etnoturismo se tornou um dos geradores da necessidade de se trabalhar com a questão dos resíduos nas aldeias, além de outros motivos que compõem o interesse por parte de algumas lideranças, em mudar a forma como são descartados. Neste sentido, o trabalho passou a incluir atividades direcionadas para o destino adequado dos resíduos, com o aproveitamento do lixo orgânico para a compostagem, gerando adubo para as hortas e viveiros e o condicionamento dos outros tipos de resíduos para a coleta.

A metodologia utilizada neste trabalho do IECAM partia da escuta das demandas Guarani e da busca conjunta de soluções, de modo que a atuação se fundamentava no respeito e na valorização desta cultura, com sua visão de mundo, seu ritmo de vida e seu jeito de ser, ao mesmo tempo em que levava sugestões de formas ecológicas de resolver os problemas derivados das condições atuais de vida, propiciando, quando necessário, outros tipos de saberes e as estruturas necessárias para lidar com algumas questões. O

⁶ Termo utilizado por Denise Wolf, presidente do IECAM, para significar o turismo que contempla a valorização ecológica e étnica, possibilitando o maior conhecimento da cultura Guarani integrada à conservação ambiental da região.

processo educativo foi sendo construído coletivamente, por meio de conversas informais e reuniões. Estas ocasiões eram aproveitadas para estimular a troca de ideias sobre ações para a resolução de questões ambientais da aldeia. Por meio destes diálogos e reflexões foram sendo organizados elementos estruturais para a melhoria da situação ambiental do local e foram construídas algumas atividades educativas, como oficinas e encontros sobre temas diversos, envolvendo reflexão e ação, direcionados para adultos, jovens e crianças, contemplando dinâmicas peculiares para cada faixa etária. Em cada aldeia havia um ou dois monitores que atuavam no projeto, além da participação mais direta dos caciques, agentes de saúde, agentes de saneamento e professores, sendo que gradativamente foi se buscando o envolvimento de todas as famílias, para que pudessem dar continuidade na condução do processo, mesmo após o término do patrocínio.

As estratégias metodológicas utilizadas constituíram-se principalmente de observação participante, planejamento com o uso de mapas, reuniões, encontros, oficinas, mutirões, grupos de trabalho, entrevistas e registro audiovisual. A observação participante se apresentou como um instrumento de grande importância na construção deste processo, permitindo um aumento gradativo da aproximação com os Guarani, buscando a aprendizagem e a compreensão de seus hábitos, concepções e percepções. Esta era desenvolvida durante todo o tempo de convívio, nas conversas ao redor do fogo, na partilha de alimentos, nas visitas às casas, nos encontros e oficinas e nos trabalhos diários; percorrendo as trilhas das aldeias, atuando coletivamente nos viveiros, no manejo das composteiras, nas roças e no plantio de mudas. Nestas ocasiões, surgiam naturalmente conversas sobre as plantas, a paisagem, os resíduos, a cultura, a saúde. Por meio destes diálogos informais e do convívio cotidiano, foram sendo trocados exemplos, ideias e mensagens, provenientes de ambas as culturas. Para mim esta convivência proporcionou uma intensa aprendizagem, com a alegria, a sinceridade, a simplicidade e a tranquilidade deste povo.

Alguns encontros e oficinas foram construídos para possibilitar que a maior parte do tempo acontecesse somente entre os Guarani, proporcionando a troca de experiências, ideias, sementes e mudas entre as aldeias, além da reconstituição de saberes e de hábitos relacionados com o uso e o manejo sustentável dos sistemas naturais, muitas vezes ainda desconhecidos pelos jovens. A confecção artesanal da erva mate, a produção de alimentos típicos indígenas e a construção de habitações tradicionais, como a Opy (casa de reza) são exemplos desta revitalização. Encontros de avaliação e de planejamento também foram organizados com este formato, em que a

presença da equipe do projeto ocorria somente nos momentos da abertura e do fechamento, para a escuta das avaliações, demandas e propostas. Outros encontros contavam com a participação dos técnicos durante todo o tempo, mas eram conduzidos pelos Guarani.

Havia ainda outro formato de encontros e oficinas, que era conduzido pelos técnicos, onde eram discutidos temas específicos e possibilidades de soluções, podendo abranger o uso de imagens, o planejamento das áreas com o uso de mapas, ou a experiência prática de alguma técnica ecológica, como a compostagem, a adubação verde e a confecção de biofertilizantes e defensivos naturais.

Outros métodos utilizados no trabalho fazem parte da própria cultura Guarani e foram sugeridos por eles, como os grupos de trabalho e os Potirõ (mutirões). Com a formação de grupos de trabalho, cada grupo fica responsável por alguma atividade comum a todos, como coleta de sementes e frutos, plantio de espécies arbóreas, medicina tradicional, produção agrícola, etc. Os mutirões reúnem esforços de muitas pessoas em torno de uma mesma atividade, sendo importantes não só para as ações práticas coletivas, mas para o entrosamento e a convivência. Foram realizados mutirões para plantio de adubação verde, manutenção do pomar, plantio de mudas e coleta de resíduos.

A atuação também contemplou atividades específicas para as crianças, envolvendo a realização de conversas, desenhos, brincadeiras, lanches, troca de afetos... Além destes momentos peculiares, as crianças costumavam participar de todas as ações, estando bastante envolvidas nas dinâmicas do projeto, como os encontros e oficinas, as atividades de viveirismo, plantio, manejo da composteira e limpeza das áreas.

Para o andamento e a continuidade de todas estas atividades, o projeto possibilitou ainda a infraestrutura necessária. Na aldeia da Lomba do Pinheiro, além da construção de uma composteira e de um local para o armazenamento do lixo, foi realizada a reforma e a ampliação do viveiro, o Poãrendá, o qual havia sido construído no projeto anterior. Nas aldeias Campo Molhado e Coqueiro, foram construídos mais dois viveiros. Outras aldeias também manifestaram a vontade de ter viveiros, os quais estão sendo previstos para futuros projetos, sendo que nestes casos, por enquanto, as atividades de viveirismo foram sendo realizadas em locais protegidos, escolhidos pelos Guarani.

Também foi realizado o georeferenciamento das áreas trabalhadas, com a atuação de um engenheiro cartógrafo, o qual visitou a aldeias, verificando os pontos

determinantes dos limites territoriais, da localização das nascentes, dos contornos das áreas preservadas, áreas construídas, áreas recuperadas e em recuperação. Com estes dados foram construídos os "Mapas de uso da terra" (Anexo 1), referentes a cada aldeia, com a indicação da área em hectares dos corpos d'água, reconversão produtiva, conservação de florestas e pampa, áreas de passeio e trilhas, áreas construídas, recuperação de áreas degradadas e áreas de lazer e esportes. O processo de construção destes mapas gerou momentos muito ricos em termos de trocas de informações e ideias. Alguns Guarani de cada aldeia participaram ativamente desta construção, acompanhando os técnicos ao percorrer as áreas, trazendo informações importantes e contribuindo na elaboração dos mapas finais. Os mapas foram utilizados em diversos momentos para planejamentos conjuntos das áreas de plantio.

2.2. Em cada aldeia uma história ...

Tekoá Anhetengú - Lomba do Pinheiro, Porto Alegre

A Tekoá Anhetengú está localizada na região norte de Porto Alegre, na proximidade do município de Viamão. É uma área de 12 ha⁷, onde habitam cerca de 28 famílias. O local é bastante degradado, com a presença de muitas árvores exóticas, como pinus e eucalipto, sendo os solos arenosos e pobres em matéria orgânica, desgastados pela excessiva exploração destas monoculturas. Mas também apresenta áreas de mata secundária e se constitui em uma rica região de vertentes.

Esta foi a primeira aldeia que visitei, no ano de 2009, quando fui chamada a participar do projeto "Artesanato Mbyá-Guarani: Um Programa de Índio", do IECAM. Cheguei com o colega Ricardo, em um dia frio de junho e fui apresentada ao cacique Cirilo e ao Feliciano, que iria trabalhar comigo no viveiro de mudas. Na época não sabia praticamente nada sobre o Nande Reko (modo de ser Guarani), sendo que a primeira coisa que me chamou a atenção foi a tranquilidade da aldeia, diferente do ambiente da cidade, mesmo se tratando de um local próximo ao meio urbano.

Conseguimos uma doação grande de sementes da Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária - FEPAGRO, principalmente de cedro, e de mudas nativas diversas, incluindo muitas frutíferas, do Viveiro Municipal de Cachoeirinha. Eu trabalhava

⁷ Esta área foi ampliada, por meio do Decreto Nº 18.390, de 27 de agosto de 2013, que "Declara de Utilidade Pública, Para Fins De Desapropriação, Os Imóveis Localizados No Beco dos Mendonças, Nesta Capital" (publicado no Diário Oficial do dia 3 de setembro de 2013), através da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria de Direitos Humanos, como ação estruturante da política pública específica direcionada aos Mbya Guarani presentes na cidade, elaborada em resposta a um Inquérito Civil Público, no âmbito do Ministério Público Federal.

com o Feliciano no Poãrendá, semeando e repicando mudas; plantando as mudas maiores em vários locais da aldeia e fazendo canteiros com plantas medicinais. Também começamos uma pequena composteira, um cercadinho com pedras encontradas no local, onde era inserido o lixo orgânico e de onde retiramos quatro sacos de adubo, até o final daquele ano.

Após a conclusão deste projeto, houve um período de um ano sem financiamento, no qual Feliciano continuou cuidando do viveiro, fazendo repicagem e plantando mudas. No início de 2011, quando fui chamada para atuar no projeto "Ar Água e Terra: Vida e Cultura Guarani", havia grande quantidade de mudas já crescidas e prontas para serem plantadas. Além do Feliciano, entraram mais duas pessoas da aldeia para atuar no projeto: Diego e Ariel, e também trabalhavam comigo dois colegas agrônomos.

Através de um mapa da aldeia, realizamos em conjunto o planejamento dos locais de plantio das mudas, incluindo pátios das casas, bordas dos roçados, cercas de divisa, áreas de mata, entorno das nascentes e margens da trilha para as atividades de visitação. Construímos uma lista junto aos Guarani, com as espécies que eles gostariam que fossem plantadas, utilizando livros com imagens para facilitar a escolha das espécies.

Em relação ao eco-etnoecoturismo, os Guarani já haviam elaborado uma trilha e escolhido o cedro como a árvore principal a ser plantada ao longo do trajeto, além de já ter planejado grande parte da visitação turística, tendo como início da visita a atual casa do cacique, que seria o "Centro de Memória Viva", denominação dada por Cirilo, onde poderiam ser expostas imagens, peças de artesanato, publicações, filmes e outros materiais. O trajeto passou a ser chamado de "Trilha do Igary" (Trilha do Cedro), ao longo do qual plantamos muitas mudas de cedro, além de ipê amarelo, ipê roxo e outras espécies. A trilha percorre toda a área da aldeia, passando por locais diversos, como matas, roças, Opy, casas de barro, açude, viveiro e escola.

Quanto às atividades envolvendo resíduos, procurei sempre construir com o cacique, professores, monitores do projeto e quem mais quisesse participar, buscando também envolver as mulheres. Começamos com um encontro sobre este tema, para o qual convidamos todos os membros da aldeia. Este momento iniciou com a fala do Cacique, sendo que em seguimento eu me apresentei, falei sobre o projeto e introduzi o tema daquela atividade, mostrando imagens e buscando incentivar a participação Guarani. Fiz uma demonstração da separação do lixo, com duas latas e figuras, representando os tipos de resíduos, com os respectivos termos em português, e sugeri que escrevessem em Guarani. Neste mesmo dia fizemos uma oficina de compostagem,

com a demonstração do manejo do lixo orgânico para ser transformado em adubo. Ao longo do trabalho, aquele cercado inicial de pedras foi sendo manejado e ampliado até a construção da composteira definitiva, de madeira, de onde foi sendo retirado adubo orgânico para hortas, canteiros e mudas.

Após este encontro, na minha próxima ida à aldeia, já notei algumas iniciativas espontâneas com relação aos resíduos: algumas famílias começaram a recolher o lixo que estava no chão, ao redor de suas casas; e logo na entrada da aldeia havia um cartaz escrito: "Não jogue lixo no chão". Cirilo me falou que uma das dificuldades encontradas para a resolução da questão dos resíduos era a falta de uma estrutura adequada para a sua disposição, então consegui latas e sacos de lixo. Realizei visitas às famílias, levando cartazes para identificar as latas, com figuras e dizeres (em português e em guarani), representando lixo seco e lixo comum, além de baldes para o lixo orgânico. Em uma das famílias, a do Sr. Lourenço, eles mesmos já tinham identificado as latas de lixo. Nesta casa, como era mais distante para levar o lixo orgânico até o viveiro, eles construíram sua própria composteira, usando bambu.

Quando eu chegava na aldeia, costumava ficar durante um tempo sentada com os Mbya perto do fogo, tomando chimarrão, e sentia que estes momentos eram importantes, pois conversávamos sobre vários assuntos, e o tema do lixo às vezes surgia espontaneamente. Foi em uma destas ocasiões que Cirilo falou que precisavam de placas dizendo pra não jogar lixo no chão, pois os cartazes que eles tinham feito eram de cartolina e não duraram muito. Com a ajuda de um colega nós providenciamos estas placas, com os dizeres em português e em guarani. O cacique também comentou sobre o problema da falta de um local adequado para colocar os resíduos para a coleta, pois os sacos eram colocados no chão e os cachorros os abriam, espalhando o conteúdo. Eu solicitei esta estrutura ao IECAM, a qual foi providenciada, através do projeto de Daisy Wolf, arquiteta do Instituto, a qual faz parte da equipe e também projetou o viveiro e a composteira.

Desenvolvi ainda algumas atividades na escola, para envolver mais as crianças e jovens. Após algumas conversas com o professor Jerônimo, este passou a trabalhar o tema com os alunos, abordando sobre como era o lixo no passado e atualmente. Em uma dinâmica com a turma dos jovens, nós conversamos sobre os problemas relacionados com a disposição dos resíduos, e sobre de onde vem e para onde vão os materiais que são considerados lixo. Levei algumas imagens e materiais sobre o assunto, para eles fazerem cartazes, através de trabalhos de grupo.

Em atividade com a turma das crianças, levei materiais para fazerem desenhos sobre o que gostam na aldeia. Depois cada um apresentou seu desenho e conversamos sobre a aldeia, as plantas e os resíduos. Notei como nos desenhos não aparecia o lixo, mas havia muitas plantas, animais, o lago e outros elementos da natureza. Então conversei sobre o fato do lixo não fazer parte da aldeia, assim como não estava fazendo parte dos desenhos, e sobre o que poderíamos fazer para ele não ficar mais no chão. Fiz uma conversa sobre a separação, mostrando cartazes e as latas identificadas, e depois fizemos um lanche com frutas e bolachas e notei que as crianças colocavam os diferentes tipos de lixo nos seus respectivos recipientes. Após o lanche, nós levamos o lixo orgânico até a composteira e cobrimos com folhas. Depois cada aluno plantou uma flor em um canteiro ao redor de uma muda de Cedro e visitamos o viveiro.

Além das atividades específicas para as crianças, estas costumavam acompanhar toda a execução do projeto, escutando os adultos, levando o lixo orgânico para a composteira, observando e ajudando nas ações em geral, como o plantio de sementes e mudas e a identificação das latas de lixo. Os jovens se interessavam e participavam mais dos encontros.

Após estas atividades na escola, houve a entrada de nova diretora, a qual também começou a trabalhar com a questão do lixo e eles passaram a fazer mutirões periódicos de limpeza. Neste momento eu percebi que era melhor parar de falar sobre o assunto dos resíduos durante um tempo, para não se tornar repetitivo. Conversei com Cirilo sobre como eu considerava importante que ele continuasse conversando com as pessoas com relação a este tema, pois a melhor forma de ir trabalhando a questão era através do próprio cacique, dos professores e outras pessoas da aldeia.

Para tratar da temática da segurança alimentar, resolvemos fazer um encontro reunindo as pessoas responsáveis pelos roçados, para planejamento dos plantios, visando à recuperação da fertilidade do solo nas áreas de cultivo. A agrônoma do projeto, Raniera Pinto, apresentou visões da agrofloresta e agroecologia, incluindo técnicas de enriquecimento do solo, como adubação orgânica e consorciação de cultivos. Ariel fez a tradução das falas para a língua guarani. Usamos um mapa da área para a identificação dos roçados e de seus respectivos responsáveis, e o planejamento das atividades de plantio, com a ideia de plantação das espécies normalmente cultivadas pelos Guarani, como amendoim, milho, mandioca, abóboras, junto com espécies de adubação verde também utilizadas por este povo, como o feijão miúdo, usado como alimento e a crotalária, cujas sementes são aproveitadas para confecção de artesanatos. Após esta

atividade, realizamos uma caminhada até área de roçado da família do Sr. Lourenço, para observação do plantio de adubo verde de inverno, a qual havia sido feito anteriormente. Como encerramento, fizemos uma confraternização, com um lanche coletivo, envolvendo não só os participantes do encontro, mas todos os membros da comunidade. Posteriormente a este encontro, desenvolvemos a primeira atividade de plantio da adubação verde, através de um mutirão com os alunos, professores e diretora da escola, além da equipe do IECAM. Ao longo do trabalho foram sendo organizados outros mutirões.

Teko'a Pindo Mirĩ - Itapuã, Viamão

A aldeia Pindó Mirĩ possui 21 ha, onde vivem aproximadamente 11 famílias, sendo uma área adjacente ao Parque Estadual de Itapuã, com vegetação típica de mata de restinga, mas com locais bastante degradados por antigas plantações de eucalipto, com solo pobre e arenoso.

Na primeira visita a esta aldeia, ainda no projeto anterior, em 2009, meu colega me apresentou ao cacique, o Sr. Turíbio. Nesta ocasião levamos grande quantidade de mudas e fiquei impressionada com o interesse deste cacique, e a rapidez com que foi escolhendo os locais e plantando as mudas. Depois nos mostrou cada árvore que havia sido plantada desde o início do projeto, sendo que algumas já estavam bem crescidas. Nesta ocasião também conversamos um pouco sobre compostagem, mas, sobre isso não mostrou interesse.

Em 2011, no segundo projeto que atuei, fizemos uma nova revisão das mudas que haviam sido plantadas, com a realização dos cuidados, conforme a necessidade, incluindo a aplicação de produtos ecológicos, como Biofertilizante, Formifu e Nim. As áreas de plantio foram incrementadas e expandidas, com o acréscimo de muitas mudas nativas. O Sr. Turíbio possui grande conhecimento sobre o cuidado com as árvores e plantas em geral e foi fazendo os plantios das mudas nos espaços de roçado do entorno de casa, áreas ainda com tocos de eucalipto, com a ideia de virem a ser pequenos matos com a presença mútua de árvores frutíferas e de cultivos como milho, aipim, batata-doce e abóbora, constituindo quintais agroflorestais ou Sistemas Agroflorestais Guarani.

O cacique também demonstrou interesse em ter um viveiro na aldeia, mas como o projeto não tinha verba suficiente para construir em todas as aldeias que estavam solicitando, a opção foi de não construir o viveiro neste momento, e aproveitar o local como banco de sementes. Mesmo assim, aproveitando a sua motivação, escolhemos um

local abrigado, próximo à horta, para a semeadura de sementes em pequenos canteiros e bandejas, com a produção de algumas mudas.

Sr. Turíbio se dedica bastante às roças e à horta, a qual funciona na área cercada do Posto de Saúde. Fizemos um trabalho de incentivo à horta, levando sementes e mudas de hortaliças em geral; e de apoio aos roçados, estimulando mutirões de plantio e manejo de adubação verde, oferecendo sementes agrícolas crioulas e facilitando o processo de troca de sementes entre as aldeias. As áreas cultivadas foram aumentando e houve nítida mudança nos roçados onde foram plantadas diversas mudas de arbóreas nativas, sendo que aos poucos estas áreas estão sendo recuperadas com o plantio das mudas e com os cultivos tradicionais.

Quando perguntei ao Sr. Turíbio se havia interesse na coleta dos resíduos, ele respondeu que sim, mas que iriam precisar das “bolsas” para colocar o lixo. Também retomei o tema da compostagem, mas novamente não mostrou interesse. Não insisti mais e não considerei este fato como um problema, pois o lixo orgânico jogado ao chão vai se incorporando ao solo como matéria orgânica. Além disso, ele não tem necessidade de comprar adubo para uso na horta e para as árvores, pois recebe periodicamente adubo orgânico da EMATER/RS.

Teko'a Yriapu - Granja Vargas, Palmares do Sul

A Teko'a Yriapu é uma área de 43,32 ha onde vivem sete famílias. O local apresenta uma área com mato nativo, onde há diversas espécies que servem como matrizes para produção de mudas, como o Kurupikai (pau-leiteiro), planta importante para produção do artesanato, com a qual são confeccionadas as esculturas de animais. Esta área possui um histórico anterior à implantação da aldeia, com plantio de eucaliptos, ainda havendo a presença dos tocos. O projeto contribuiu com o apoio na resolução das questões burocráticas para a retirada de muitos eucaliptos.

Estas famílias também solicitaram um viveiro, mas tiveram a iniciativa de aproveitar, como local para a produção de mudas, a Casa Tartaruga, uma casa de barro e telhado de capim santa-fé, que havia sido construída anteriormente com o objetivo de servir para encontros e atividades culturais. Com a finalidade do viveiro, eles retiraram uma parte da cobertura, para ampliar a entrada de luz, e construíram canteiros, ao longo de todo o contorno, com o uso de toras de madeira. Através do projeto, foi colocado um plástico para a cobertura, evitando a entrada de chuva.

Também fizemos um planejamento em conjunto, com o uso de um mapa da aldeia, e os locais escolhidos para o plantio das mudas foram principalmente nas áreas de mato nativo, próximo às casas e ao redor dos roçados, ajudando a proteger da incidência dos raios solares e do calor extremo do verão. As áreas de roçados são antigos matos de eucalipto, onde os solos arenosos já mostram sinais de recuperação pelos anos de plantio tradicional guarani, o que pode ser observado no bom desenvolvimento dos cultivos. Através das conversas entre técnicos e indígenas, foi avaliada a importância de fazer o plantio cedo, para garantir boa colheita. A proposta de adubação verde foi bem aceita pelos habitantes da aldeia, os quais já tem a prática de plantio de mamona ao longo dos roçados, com o objetivo de melhorar a terra, oferecer sombra e proteção contra ventos fortes, frequentes na região.

Foi organizada uma visita de alguns membros desta comunidade à aldeia de Campo Molhado, de onde foram trazidas sementes de milho guarani doadas pelo cacique Sr. José. Neste dia, além da busca de sementes, eles puderam conhecer a área, trocar ideias e partilhar um alimento típico guarani. Outras sementes foram adquiridas pelo projeto, como abóbora, melancia e feijão miúdo, além de sementes e mudas para a horta.

No projeto anterior, em 2009, eu havia realizado somente uma visita a esta aldeia, mas tinha já conversado sobre compostagem e iniciado este processo, o qual não teve continuidade. Na primeira visita deste projeto, em 2011, eu perguntei ao Eduardo, filho do cacique Augusto, se havia coleta do lixo e se eles teriam interesse na coleta. Ele respondeu que não havia nenhum tipo de coleta, mas que tinham interesse. Encaminhei um ofício à prefeitura de Palmares do Sul, solicitando a coleta, e a resposta foi que não teriam como ir até à aldeia, mas poderiam coletar o lixo na estrada, se fosse levado até lá. Em outra visita, conversamos novamente sobre compostagem, sugerindo o uso de materiais do local. Também falamos sobre a horta e Eduardo disse que tinha vontade de reiniciar, mas não tinha sementes. Na visita seguinte, levamos algumas sementes e observamos que eles já haviam começado a compostagem, usando uma geladeira velha que tinha sido descartada.

Perguntei a Eduardo se havia interesse em levarmos sacos e latas de lixos, para armazenar os resíduos não orgânicos e nós levarmos até a estrada. Ele concordou e combinamos de fazer uma conversa com todas as famílias para estimular a separação do lixo orgânico. Neste dia eu levei um cartaz sobre o ciclo do lixo orgânico, incentivando a produção de adubo para a horta e para o viveiro, com o uso de imagens sobre a separação do lixo, e baldes identificados com a figura do lixo orgânico e os dizeres em

português e em guarani, um para cada família, para facilitar a coleta dos resíduos orgânicos e levar até a composteira. Também levei sacos para os outros tipos de lixo.

Teko'a Nhundy - Estiva, Viamão

A Teko'a Nhundy é uma área de sete ha, onde vivem cerca de 38 famílias, localizada na zona rural de Viamão, próximo à Rodovia RS 040, na localidade de Águas Claras. É, portanto, uma aldeia pequena, com várias casas e pouco espaço para plantio. Nesta área também foram plantadas muitas árvores em projetos anteriores, principalmente com o cuidado do Sr. Antônio. Na minha primeira visita, em 2009, este senhor foi mostrando cada muda que tinha sido plantada e conversando um pouco sobre cada espécie.

Em uma de nossas visitas eles nos mostraram vinte esculturas de animais que foram feitas com um pau leiteiro plantado no projeto anterior, demonstrando satisfação por estes resultados. Durante o trabalho, plantamos outras mudas de espécies nativas ao redor das casas, ao longo dos caminhos e em torno dos roçados, funcionando como quebra-vento. Plantamos mudas de bananeira ao redor das casas, aumentando o cultivo desta fruta, mas também com o intuito de auxiliar na absorção das águas cinzas⁸ das torneiras que não possuem tratamento.

Os Guarani desta aldeia estavam com grande expectativa com relação à construção de um viveiro. Aproveitando este interesse, levamos sementes, mudas e saquinhos para o início da produção de mudas, e eles tiveram a iniciativa de construir uma bancada de madeira, protegida por uma cobertura.

As atividades da horta e da roça são desenvolvidas principalmente por uma Guarani, a Dona Alzira. Levamos sementes para horta e para os roçados, como hortaliças, ervilha e feijão, também com a ideia de estimular que outras famílias se interessem em aumentar seus cultivos, pois mesmo com pouca área disponível na aldeia, ainda há espaço para fazer outros roçados. A proposta de manejo com adubação verde foi muito bem aceita por esta comunidade. Uma área experimental foi feita inicialmente, com o plantio de nabo forrageiro, oferecendo bons resultados, como o controle do desenvolvimento de gramas grosseiras.

Para melhorar a fertilidade do solo, realizamos oficinas sobre a produção de biofertilizante a partir de esterco de vaca, água, açúcar e cinzas; e de dois tipos de repelentes de insetos, feitos com pimenta e com alho. Estes produtos passaram a ser

⁸ Água residual gerada a partir dos processos domésticos de banho, lavagem de louça e de roupas.

usados periodicamente pelos Guarani nos roçados e o biofertilizante também passou a ser pulverizado nas mudas.

Esta aldeia conta com a Escola Estadual de Ensino Fundamental Indígena Karaí Nhe'é Katu, na qual a direção e professores já vêm desenvolvendo um trabalho sobre as questões do lixo, compostagem e horta. As pessoas da aldeia já estão bem organizadas com relação a atividades de limpeza da área e de destino adequado dos resíduos. Eu procurava estimular estas atividades, através de conversas informais e durante as reuniões de planejamento. A minha ideia era de construir um encontro específico sobre este tema, junto com a escola, agentes de saúde e de saneamento, o cacique e os monitores do projeto. Infelizmente não tive oportunidade de realizar esta atividade, pois fui chamada para outras funções dentro do projeto.

Esta Teko'a foi a sede do encontro das aldeias Anhetengua, Yriapu, Nhundy e Pindó Mirĩ , em março de 2012, onde participaram monitores do projeto, caciques e outros interessados, escolhidos pelas comunidades. O evento teve como objetivo proporcionar um espaço de reflexão e avaliação do projeto, com a construção de uma carta com decisões e contribuições para a continuidade do trabalho. Anteriormente foram feitas reuniões e conversas nas quatro aldeias, preparando o evento, ressaltando a importância do encontro para compartilhar experiências e tomar decisões, e salientando a relevância da participação dos monitores, caciques, xeramõi (anciões) e jovens, pela possibilidade de aprender e dar continuidade às atividades nas aldeias.

Na abertura e encerramento houve a participação dos técnicos e da coordenação do instituto. Na abertura foi feita a apresentação do filme sobre o projeto e a exposição de mapas das aldeias e cartazes com imagens das ações, incluindo algumas fotografias dos projetos anteriores, possibilitando um resgate histórico e mostrando a evolução do trabalho. Uma das demandas apresentadas pelos indígenas durante este encontro foi a de um local para armazenamento do lixo para a coleta na aldeia da Estiva, pois o que eles tinham era muito pequeno. O último dia contou com a participação dos caciques das aldeias do norte. Sentamos todos em uma grande roda, com as mudas nativas no centro. O cacique José trouxe grandes contribuições no sentido da valorização da cultura Guarani e da troca de saberes entre as aldeias. Eles solicitaram mais encontros e ficou combinado o encontro para a colheita de pinhão e a confecção de erva mate. No encerramento foram plantadas mudas pelos caciques de cada aldeia. Eu senti este momento como de confraternização e alegria, entre os Juruá e os Guarani de diferentes aldeias, além de ter um profundo significado de integração entre as aldeias e de participação de cada cacique.

Teko'a Itapoty - Riozinho

A Teko'a Itapoty fica localizada na beira da estrada de Riozinho, no Km 45, possuindo 12 ha e sendo habitada por aproximadamente 30 pessoas, com a presença de grande número de crianças. Quando visitei esta aldeia pela primeira vez, com toda a equipe, vivenciei momentos de muita emoção. Já era quase noite, nos sentamos todos em círculo, a equipe técnica e os Guarani, e ficamos um tempo conversando sobre o projeto. Naturalmente fui trocando alguns olhares e sorrisos com as crianças que estavam ali. Elas foram se aproximando de mim e começamos a trocar carinhos. Elas falavam comigo em guarani e eu respondia outras coisas em português, mas neste momento ficou claro pra mim que existe a linguagem do afeto, que é universal, independente de país, raça ou gênero, que se fundamenta na sinceridade, espontaneidade e profundidade. Espontaneamente, as crianças começaram a cantar em guarani, o que parecia ser uma genuína vontade de mostrar para nós a sua música. O cacique Miguel levantou, pegou o violão e começou a tocar enquanto as crianças cantavam. A colega Virgínia, que já os conhecia há muitos anos, levantou e nos convidou a dançar junto, mostrando como são os passos masculinos e femininos. Todos dançamos juntos em uma roda: Guarani e Juruá. Esta vivência foi como um fechamento daquele dia de visitas nas aldeias, pois como já era tarde, após o término das músicas começamos a nos despedir. Na despedida, como eu ainda não sabia nenhuma palavra em guarani, funcionou novamente a linguagem do afeto, da emoção, dos sorrisos e olhares.

Ao longo do projeto, foram plantadas mudas de variadas espécies nativas nesta aldeia, principalmente as do pinheiro brasileiro, cultivadas a partir da colheita de pinhões de 2011. Algumas atividades foram desenvolvidas em conjunto, entre a aldeia Itapoty e a Pindoty, como plantio de mudas e oficinas no viveiro da aldeia Pindoty, para tratar dos processos de reprodução das plantas nativas.

Em 2011 foi bastante trabalhada a questão dos resíduos, com limpeza da área, separação, destino adequado e compostagem, incluindo momentos com as crianças, como conversas, atividades práticas e confecção de desenhos, com a escrita das denominações dos tipos de lixo, em guarani e em português. Também foram realizadas conversas sobre manejo da horta, bem como cultivo, usos e formas de preparo de fitoterápicos. As famílias em conjunto realizaram o plantio de mudas de hortaliças, com a participação das crianças. No entorno do posto de saúde foram plantadas mudas de chás, com as espécies solicitadas pelas famílias, e foi desenvolvida uma oficina com o preparo de xarope para gripe. Através do projeto esta aldeia resolveu ampliar a área das lavouras

em mais um hectare e foi feito um acompanhamento, com o fornecimento de sementes e materiais.

Foi realizada ainda uma oficina sobre o manejo de abelhas Jhateí (Jataí), abelhas sem ferrão, nativas da região. Através de uma visita a um produtor local, houve uma conversa com a família do cacique sobre o manejo das colmeias e foram instaladas algumas caixas na aldeia. Foi dada ênfase especial à importância ambiental destas abelhas, principalmente no que se refere à polinização de muitas espécies vegetais nativas. Estas abelhas fazem parte da cultura Guarani, manejadas com o objetivo de utilizar o eii (mel) como fonte de alimento e medicina.

Ocorreram conversas sobre o eco-etnoturismo, e através de uma caminhada na aldeia, foram identificados aspectos importantes que podem ser apresentados aos visitantes. Já existe uma trilha ecológica demarcada, um galpão para receber os grupos, a Opy e o grupo de canto guarani. A aldeia já recebe a visita de escolas locais e outros grupos para conhecer a aldeia e para adquirir artesanato. Em função disto foi sugerida a proposta de um Turismo Pedagógico, trabalhando especialmente com as escolas da região.

Também realizamos um encontro sobre o plantio de árvores nativas, envolvendo representantes das quatro aldeias da região. Este momento foi riquíssimo em termos de trocas de ideias e saberes, com grande profundidade nas manifestações.

Teko'a Pindoty - Riozinho

A aldeia Pindoty é um antigo sítio de 24 ha, área recentemente adquirida pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI, onde vive uma família Guarani que cultiva árvores frutíferas, roças e hortas e cria porcos e galinhas. Esta família está implantando seu Teko'a e é uma das aldeias interessadas na rota do Eco-etnoturismo, com o entusiasmo do sr. Alberto, que considera importante que sua aldeia tenha todas as características e costumes de uma aldeia guarani. O sr. Alberto escolheu uma área que chamou de "mata de frutas", onde plantou as frutíferas nativas, e outra área para o cultivo de erva mate. Neste local, com o apoio do trabalho do IECAM, foi construída uma Opy, com as paredes de madeira e taquara, amarradas com cipó e preenchidas com barro, e o telhado de folhas de Pindó (Palmeira Gerivá).

Nesta área também foi construído um viveiro para a produção de mudas, com a participação da família, e foram realizadas oficinas, nas quais participaram membros da Aldeia Itapoty. Nestes momentos, todos vivenciavam a coleta de sementes e a realização

da sementeira das mesmas, bem como o manejo do viveiro. Foi feita a colheita do pinhão e o seu plantio no viveiro, para produzir mudas para as demais aldeias.

Foram realizadas ainda conversas sobre o plantio das lavouras, através das quais as famílias eram incentivadas a produzir seu alimento respeitando as técnicas tradicionais da agricultura guarani. Os Guarani solicitavam as sementes e mudas que gostariam de plantar, as quais eram adquiridas pelo IECAM. Após a colheita, eles guardavam sementes e mandavam para seus familiares de outras aldeias. Através da participação no projeto, esta aldeia ampliou bastante a sua área de cultivo. Receberam ramos de aipim e sementes de arroz de “sequeiro” (para ser cultivado em áreas secas). Estas foram obtidas através de agricultores da região, sendo o plantio deste tipo de arroz uma prática conhecida pelos Guarani e há muito tempo não mais cultivado pela falta de sementes. Também foi conversado com as famílias sobre o cultivo de hortaliças e de plantas medicinais e condimentares, com a entrega de mudas e sementes, e sobre a implantação do Eco-etnoturismo.

Nesta aldeia foi realizado o encontro das quatro aldeias da região, com a participação de 37 representantes Guarani. O objetivo do encontro foi discutir e avaliar o projeto, bem como planejar a sua continuidade. Na abertura, com os técnicos do IECAM, houve a apresentação do vídeo produzido nas oito aldeias. Durante dois dias eles ficaram reunidos para a discussão de questões relevantes para suas aldeias, como ampliação das lavouras, intensificação do plantio de espécies nativas, troca de sementes, resgate da culinária guarani, envolvimento dos jovens, formação de grupos de trabalho e produção de sementes. O sr. José, da aldeia Nhuu Porá, foi escolhido pelo grupo para ser um representante e professor da cultura guarani.

No terceiro dia a equipe técnica se fez presente para ouvir os depoimentos e conclusões dos participantes e contribuir na sistematização do que foi discutido, na forma de uma carta de intenções. Houve falas importantes, tanto por parte dos Guarani como dos técnicos e da coordenadora do projeto. O fechamento do encontro foi um momento muito bonito, com a apresentação do grupo de canto da aldeia Itapoty, e o plantio de mudas de Cedro na Opy. Novamente em uma roda, com muitas pessoas, escutando a música Guarani, me senti integrada àquele povo e àquela paisagem, em um encontro espiritual de imensa profundidade, impossível de descrever.

Teko'a Ka'aguy– Caraá

A Teko'a Ka'aguy é uma área de 776,27 ha de mata atlântica, em ótimo estado de preservação, onde vivem aproximadamente 115 pessoas. Nesta aldeia não existem mais pinheiros, pois no passado foram retirados pelas madeiras. Em área próxima ocorre a nascente do Rio dos Sinos, responsável pelo abastecimento desta região. A preservação ambiental desta aldeia é muito importante devido a este fato e também porque na área da mesma são encontradas várias nascentes e diversas espécies nativas de flora e fauna.

Este foi o primeiro projeto desenvolvido nesta aldeia, o qual foi recebido com interesse. Na medida em que as atividades foram sendo realizadas, foi crescendo a compreensão da importância do trabalho, do verdadeiro alcance que o mesmo poderia ter e de como poderia cada vez mais ir ampliando suas metas, com a efetiva participação de cada morador. A partir dos resultados obtidos no primeiro ano de trabalho, um grupo de pessoas, principalmente jovens, se manifestou no sentido de ter uma participação mais efetiva e resolveu unir esforços para promover o envolvimento mais ativo de toda a comunidade, ocasionando grande mobilização no sentido da organização e do entrosamento das famílias.

Para facilitar as atividades e envolver as famílias desta aldeia, foram formados três grupos de trabalho, com diferentes responsabilidades: resíduos, plantios de mudas e roçados. Cada grupo tinha um coordenador e colaboradores, atingindo assim, todas as famílias, fazendo visitas para orientar quanto aos aspectos propostos. Esta metodologia foi proposta pelos Guarani, sendo muito importante para aldeias com áreas extensas e grande número de habitantes.

A partir de reuniões de planejamento coletivo, os habitantes desta aldeia concluíram sobre a prioridade da construção da Opy, pois a mesma é fundamental para manter a comunidade unida, o que contribuiria para realizar as demais tarefas em conjunto. Para a construção da Opy, utilizaram materiais disponíveis na mata e solicitaram a presença do cacique José, da aldeia Nhuuporã.

Esta comunidade, de uma forma muito organizada, foi efetuando o plantio das mudas no entorno das casas e da Opy, nos caminhos e ao longo dos córregos. A erva mate foi sendo cultivada em forma de uma lavoura comunitária. Através de uma reunião com a comunidade, foi conversado sobre aspectos de cada espécie, como nome, crescimento, reprodução, frutificação, usos e importância ecológica. Os moradores desta aldeia solicitaram mudas de pinheiros, pensando especialmente na rica fonte de

alimento que é o pinhão. A ideia foi de cultivar uma floresta desta espécie, buscando reconstituir a flora original desta região.

A atuação nesta aldeia contou com a participação dos caciques Miguel da Teko'a Itapoty e José da Teko'a Nhuu Porá, através de visitas para troca de experiências. As visitas do Sr. José foram importantes para estimular o cultivo das lavouras para as aldeias, salientando a relevância do resgate e da troca de sementes guarani.

A partir da organização dos grupos de trabalho, o incentivo para desenvolver a agricultura foi crescente. Um grande número de novas áreas foi sendo preparado para o cultivo de lavouras. Foram entregues sementes de feijão, melão, melancia, abóbora, moranga, para ampliar as áreas de cultivo de lavouras e foram plantadas mudas de tabaco.

Numa das partes mais altas desta aldeia, mora o Sr. Adolfo, um Guarani de 96 anos, que já não enxerga bem, mas ainda bem disposto. Na primeira vez que fui até sua casa, o caminho me pareceu ser completamente encantado, pela beleza e a sensação de paz que oferece, com o acolhimento do rio, das pedras, da mata, e finalmente, do sorriso do Sr. Adolfo. Este senhor é detentor de grande conhecimento da agricultura guarani e possui uma boa área de lavouras. Durante o trabalho do IECAM ele ampliou a áreas de plantio e as variedades, solicitando sementes de arroz sequeiro. Em uma das visitas a este Guarani, a equipe acompanhou o preparo de avaxikui (farinha de milho) e de avaximbaipy (uma espécie de polenta), feitos a partir de milho seco e milho verde, respectivamente. Neste dia ele também entregou aos técnicos algumas sementes de uma árvore frutífera nativa em extinção, muito apreciada pelos Mbya, chamada de bacupari, dizendo se tratar de uma espécie que produz frutos muito saborosos e raros nas matas locais.

Poucas aldeias possuem o cultivo de tabaco, adquirindo o fumo no comércio local. Como na lavoura do Sr. Adolfo existem mudas de tabaco, reproduzidas através de sementes, ele cedeu algumas para serem cultivadas no viveiro de Riozinho e posteriormente enviadas às demais aldeias do projeto. O Sr. Adolfo também recebeu sementes enviadas pelo Sr. Alberto, da Aldeia Pindoty, com muita alegria.

A partir da preocupação do Sr. Adolfo em envolver mais os jovens nos cultivos agrícolas, ficou decidido com a comunidade a realização de um encontro para conversar sobre a agricultura guarani na aldeia. O local escolhido foi no entorno da Opy, para que os cultivos fossem abençoados por Nhanderú (Deus). Eu tive a oportunidade de participar deste importante momento, no qual houve entrega e distribuição de sementes entre as

famílias. A construção da Opy havia sido concluída e eles haviam feito alguns bancos de taquara no seu entorno, para esta ocasião. Todos sentaram em uma roda, com os sacos de sementes no centro. Houve a fala dos caciques de outros indígenas. Os Jurua também foram estimulados a se manifestar. Grande parte das falas foi feita em guarani, mas no final do encontro, quando eu estava conversando com Felipe Brizoela, ele me contou que falaram sobre a terra, as plantas, a importância de plantar árvores, de trocar sementes e de cultivar a terra todos os anos, para terem seu próprio alimento e não precisar comprar de fora, para ter saúde.

Esta aldeia manifestou interesse em cultivar uma horta de hortaliças e Gustavo, coordenador do grupo da agricultura, neto do Sr. Adolfo, expressou o desejo em fazer uma horta comunitária. Ele foi trabalhando com as famílias no sentido de fomentar cada vez mais o cultivo de espécies alimentares, propondo fazer uma horta que além de produzir alimentos seria um local de aprendizado para as crianças e de união entre as famílias.

Teko'a Nhuu porá – Barra do Ouro, Maquiné, Riozinho e Caraã

A Teko'a Nhuu porá é uma área de 2.266 ha, onde vivem cerca de 37 indígenas Guarani. É rica em vegetação nativa, com florestas exuberantes, com muitas espécies arbóreas da Mata Atlântica, em especial o pinheiro brasileiro e a erva mate.

Na minha primeira visita, junto com a equipe, fui bastante tocada pela beleza do local, a tranquilidade das pessoas, e a sabedoria do Sr. José Verá, o cacique desta aldeia. Era um dia muito frio e ficamos todos sentados dentro de uma casa feita de xaxim, tomando chimarrão, comendo pinhão assado na brasa e escutando o Sr. José, em um “cenário” em que haviam muitos milhos coloridos pendurados. Neste momento ele conversou sobre as sementes, as plantas, a água, e a sua preocupação com a alimentação, com o fato de que algumas aldeias estavam consumindo mais produtos comercializados e esquecendo a alimentação típica guarani e a sua importância para a cultura e para a saúde. Ele também mostrou seus desenhos, explicando os significados, falando principalmente da importância do Cedro e da sua relação com a preservação da água. Ouvindo isto eu pensei que seria muito bom se pudessemos organizar na Lomba um encontro sobre saúde e levar o Sr. José para conversar com eles sobre estes temas. Cheguei a conversar com o Cirilo sobre esta ideia e ele se interessou. Este encontro terminou não acontecendo, mas na vinda posterior do Sr. José para o encontro realizado na aldeia da Estiva, ele pôde falar sobre estes e outros assuntos.

Neste local também foram desenvolvidas atividades de viveirismo, através da construção do viveiro Nhuu Porá, em área adjacente à aldeia. Este viveiro tem apresentado um papel muito relevante para o reflorestamento de algumas aldeias, pois está localizado em uma Área de Preservação Ambiental - APA da Mata Atlântica, com um potencial grande de coleta de sementes e de reprodução. Foi realizada a semeadura de espécies florestais nativas, com sementes coletadas na área, como a do tarumã, e do pinheiro brasileiro, sendo também plantadas sementes colhidas em outras áreas e recebidas da FEPAGRO. Ocorria ainda o transplante e a reprodução de mudas, para que fossem plantadas nas demais aldeias. Foram realizadas oficinas sobre o manejo do viveiro, semeadura, transplante das mudas e cuidados com as mesmas. Neste viveiro foram produzidas mudas de tabaco para as demais aldeias, a partir das sementes do Sr. Adolfo da aldeia da Varzinha. Eles também fizeram a doação de 100 mudas de pinheiro brasileiro produzidos no viveiro Nhuu Porã para a Aldeia Campo Bonito em Torres, a qual havia manifestado o desejo de plantar esta espécie. As mudas foram transportadas através da Fundação Nacional de Saúde - FUNASA.

Com este trabalho a área passou a ser mais visitada pelos habitantes de outras aldeias, como o cacique da aldeia Itapoty, o sr. Miguel e seus filhos. Além da oportunidade de conhecer a aldeia e de reencontrar seus parentes, a família coletou pinhão e recebeu sementes de avaxi (milho guarani).

Este local foi a sede do encontro das aldeias para a colheita comunitária de pinhão e confecção de erva mate. Durante quatro dias, 31 indígenas, representantes de todas as aldeias do projeto, ficaram reunidos para colher pinhão e erva mate, retomar a produção de artesanato com o nó de pinho do pinheiro e o beneficiamento das folhas da erva mate para produzir o chimarrão. Nesta ocasião, as aldeias visitantes colheram sementes de espécies nativas, mudas de chás e matéria prima para produção de artesanato, como pau leiteiro e embira, além de identificar plantas medicinais e seus preparos, com a sabedoria do Sr. José, grande conhecedor da medicina indígena. Também prepararam alimentos tradicionais, contaram histórias, lembraram fatos e resgataram conhecimentos, num clima de confraternização, companheirismo e alegria. O Sr. José presenteou os visitantes com sementes de milho e feijão.

Eu tive a oportunidade de realizar uma entrevista com o Sr. José sobre a erva mate, com a finalidade de escrevermos um texto sobre esta planta e a sua importância para os Guarani, sendo que ele também falou sobre outros temas, com um enfoque bastante ecológico, que costuma fazer parte de suas falas. Esta foi para mim uma grande

oportunidade de aprender sobre a visão ecológica Guarani, conviver mais com esta família, partilhar o alimento e experimentar um pouco mais da comida guarani. Neste dia o cacique José também mostrou as sementes de feijão e de milho que havia guardado, da colheita realizada a partir de sementes recebidas através do projeto em 2011.

3. PERCEPÇÕES AMBIENTAIS MBYÁ GUARANI

O convívio com os Guarani durante a participação no trabalho do IECAM permitiu uma grande riqueza de informações e de observações que podem contribuir para reflexões sobre a percepção ambiental deste povo. O desenrolar da atuação foi possibilitado a expressão de algumas de suas percepções com relação a temas como ambiente, cultura, saúde, alimentação, resíduos, valores humanos, entre outras, as quais foram surgindo na convivência cotidiana, nas atividades construídas e nos encontros de avaliação, de modo espontâneo e em alguns momentos a partir da minha iniciativa, proposição ou estímulo, como educadora ambiental. As suas declarações sobre o próprio trabalho que estava sendo desenvolvido também possibilitaram reflexões sobre percepções ambientais. Neste capítulo apresento algumas destas percepções, junto ao pensamento de outros autores que estudaram aspectos dessa cultura, no sentido de um diálogo intercultural.

Muitos comentários Guarani refletem seu entendimento sobre os processos históricos de degradação ambiental, social e étnica, principalmente com relação às terras indígenas originárias que foram tomadas e degradadas.

Temos um longo caminho para atingir os nossos objetivos, pois são 500 anos de riquezas naturais perdidas, nossa mata, água e nossa terra. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2012)⁹.

Nhanderú não deixa de largar lágrimas sobre a terra, pois nossa terra nos foi tirada e destruíram as matas, a água, nossa medicina e nossa terra". (Cacique Turíbio, Aldeia de Itapuã, 2012).

Esta percepção não se refere somente a eventos do passado, mas a uma preocupação com relação à continuidade histórica de processos de degradação socioambiental e de pressão e exclusão étnica que ainda estão ocorrendo, de diferentes formas.

Botaram veneno na água e na terra. Na beirada do rio não tem mais nenhuma fruta, só lixo e animal morto. Coitado do peixe, está se alimentando do lixo. Pra ele não morrer tem que comer. Isso não é alimento. (Cacique José, Aldeia de Campo Molhado, 2011).

Ocorreram diversas falas relativas à redução das áreas de mata e ao crescimento contínuo das cidades, cercando aldeias, com o aumento de construções e de monoculturas de eucalipto. Houve relatos sobre a dificuldade burocrática para a retirada de eucaliptos de suas áreas, e o quanto os tocos destas árvores prejudicam o plantio, bem como o entendimento de que este tipo de vegetação resseca o solo e impede o

⁹ Todas as falas indígenas estão destacadas do texto, visando enfatizar os dizeres Guarani, apesar das normas da ABNT indicarem o destaque apenas das frases com mais de três linhas.

crescimento de plantas nativas. Também escutei, observei e participei um pouco das lutas e esforços necessários para minimamente conseguir satisfazer suas necessidades básicas, com relação a terras com mata, água e aptas para o plantio, bem como condições de moradia, saúde e educação de forma adequada à sua cultura.

É nítido o entendimento de que essas destruições são realizadas devido a questões econômicas e a visualização das consequências e dos limites do modelo de desenvolvimento de nossa sociedade. A preocupação ambiental não se refere somente às aldeias, mas ao planeta como um todo, com referência a aspectos e regiões mais amplas e distantes.

As pessoas só pensam no dinheiro, destroem grandes áreas de mata. Estão destruindo a Amazônia para plantar soja. As pessoas precisam se preocupar mais, ainda está fraca a discussão. Tem que trazer mais recursos, reunir mais gente para discutir e fazer alguma coisa. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2013).

O cacique José declarou que o Governo Federal deveria reconhecer o significado da terra indígena, o fato de quererem terras para preservar, plantar árvores nativas, guardar sementes. Este cacique revelou que as sementes, as plantações e as construções do Juruá não vão continuar existindo, devido ao aumento da gravidade das questões climáticas e desastres naturais.

Sr. José falou também sobre sua missão, como construtor de “casas naturais”, guardião da floresta e das sementes e educador. Ao se referir ao seu modelo de arquitetura, mostra uma profunda relação do modo de construir as casas de Xaxim com conhecimentos fundamentais da ecologia, como o tempo de crescimento destas plantas, seus ciclos e ritmos naturais, com a programação do momento adequado para corte e uso, seguindo critérios como quantidade, época do ano e etapa de crescimento. Isto ocorre do mesmo modo com outros materiais, como a taquara e a madeira. A arquitetura dessa aldeia foi estudada por Prudente (2007, 2009), que a destaca como uma arquitetura harmoniosamente integrada à paisagem, concretizada através de processos coletivos de construção, utilizando materiais locais e com técnicas tradicionais de importância simbólica e cultural, transmitidas através das gerações. A casa está relacionada com seu modo de vida e suas necessidades culturais, vista como um elemento vivo, com ciclo de vida e morte, com uma orientação solar em que fica protegida e alimentada pelo sol, Nhamandú.

Sr. José se refere ainda, com muito respeito e sabedoria, sobre a importância das sementes, e que aprendeu a guardá-las com sua avó, enfatizando esta forma de transmissão de conhecimentos milenares.

As sementes foram doadas aos índios por Nhanderú. Quando a gente se muda pra outro lugar, leva junto as sementes. Cada vez mais tem que cuidar para não perder, pois só as sementes dos índios vão continuar. As do Jurua não vão continuar. Nhanderú também criou os pássaros para espalhar as sementes, mas hoje não tem mais muitos pássaros como Tucano e Jacu, por que o Jurua quase acabou com eles. (Cacique José, Aldeia Campo Molhado, 2011).

É grande a reverência à semente do milho guarani (Avaxi), com as suas quatro cores. Segundo o Sr. José, não é fácil de conseguir esta semente, pois Nhanderu deixou cada tipo para uma família de um país diferente, sendo importante guardar e plantar todos os tipos. O amarelo foi dado para uma família no Brasil, o branco na Argentina e o escuro no Paraguai. Verá (2007) informa que cada cor representa uma divindade: Ñamandu (amarelo), Karai (branco), Jakairá (vermelho) e Tupã (escuro). Durante o encontro da agricultura, realizado na aldeia da Varzinha, o Sr. Alberto me mostrou, com muita satisfação, uma garrafa cheia de sementes de milho que ganhou do Sr. Adolfo, dizendo: “Este é o verdadeiro milho Guarani, o Avaxi Eté”.

Algumas informações aqui apresentadas podem ser confirmadas e aprofundadas no trabalho de Tempass (2005), que aborda aspectos espirituais e ecológicos relacionados com a alimentação Guarani. Os cultivos foram criados pelos deuses para que os Mbya pudessem ter alimentos, sendo que os deuses também ensinaram o modo de cultivar. Todas as etapas do cultivo são sagradas, desde a bênção às sementes antes de semear, incluindo a semeadura, o cuidado da planta na terra e a colheita, possuindo profundos significados e sendo realizadas de formas ritualísticas. Há séculos as sementes estão sendo cuidadosamente mantidas, sem que haja mistura com outras sementes. Assim foram aprimorando a qualidade destes alimentos, os quais possuem importância na alimentação mundial.

Também foram bem presentes as declarações Guarani sobre a importância das matas e a percepção da perda progressiva deste tipo de vegetação. Observei muitas conversas que começaram com as palavras “Quando tinha mata...”, se referindo a épocas e situações em que havia animais para a caça, plantas para cura e alimentação, madeira e fibras para construções e produção de artefatos, o que gerava mais saúde, beleza, integração e harmonia nas aldeias. O caminhar na mata foi referido e mostrado como um hábito de grande importância cultural, que atualmente se restringe a áreas bem menores, principalmente nas aldeias mais próximas aos centros urbanos. Gobbi (2009) salienta as matas (ka'aguy) como uma das principais características dos locais escolhidos para formar as aldeias Mbya, sendo totalmente contrário ao seu modo de viver o processo de

ocupação espacial de nossa sociedade, em que tem predominância da crescente destruição de áreas de mata.

Portanto, junto à presença de uma memória da história da degradação ambiental, existe forte preocupação com a situação ambiental atual das aldeias, a qual muitas vezes se manifesta de modo diretamente relacionado com a desvalorização da cultura Guarani. A degradação das áreas, o consumo de produtos industrializados, a falta de matas, sementes, água boa e terra pra plantar são fatos citados como geradores de perdas culturais, como com relação a sua alimentação e medicina.

As crianças não querem mais o alimento guarani e não sabem mais o que significa este alimento. (Cacique José, Aldeia Campo Molhado, 2011).

Conheci a erva mate com minha avó. Naquele tempo ela não comprava na venda. Eu subia pra pegar o galho, tirava e ela sapecava no fogo. Pendurava em cima do fogo e tirava em um pedaço de pano a parte que ia secando, depois pilava. Tinha erva mate no mato, na beira da estrada. Hoje a gente compra na venda. A gente tomava o mate de taquarinha. Minha avó só fazia de taquara e a cuia de porongo, plantada. Nhanderu também tomava assim. (Cacique José, Aldeia Campo Molhado, 2011).

Outro exemplo de manifestação desta percepção foi durante a visita dos técnicos do IECAM à Aldeia Campo Bonito, em Torres, uma área que não estava incluída no projeto, mas que foi visitada a partir da solicitação do cacique para ver a possibilidade de inclusão futura, na renovação do projeto ou em outros trabalhos do Instituto. A área desta aldeia é de 96 ha e está coberta por plantio de eucalipto e pinus, o que a torna muito quente, com a falta da vegetação nativa. A fala do cacique também revela a preocupação com a situação ambiental, de um modo ligado a questões culturais:

Não temos sombra, frutas, medicina e animais nativos. As crianças não conhecem as frutas nativas e quando ficam doentes não temos como tratar. Meus filhos sequer conhecem um tatu. (Cacique Mário, Aldeia Campo Bonito, 1012).

Junto a essas percepções ambientais, o trabalho que estava sendo desenvolvido era visto pelos Mbya como uma estratégia de fortalecimento cultural, a partir de um processo de recuperação ambiental das aldeias. As atividades foram consideradas como um recomeço para recuperar as florestas, as águas, a medicina, a alimentação típica, a agricultura, seus costumes e cultura.

Nós vamos fortalecer mais a nossa cultura através do resgate das plantas, das matas, das aldeias mais parecidas com o que eram antes. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2011).

O índio não tem mais o mato, mas quer reconstruir na aldeia o que tinha no mato: frutas, flores, animais, porque tudo isso faz parte da vida do índio. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2011).

O projeto é uma grande oportunidade de recuperar a natureza e de nos unirmos para trabalhar juntos e ficar fortes novamente. (Cacique Felipe Brizoela, Aldeia Pindoty, 2011).

O projeto é para nós um novo começo. (Cacique José, Aldeia de Campo Molhado, 2011).

Foi nítido o grande reconhecimento da importância dos elementos naturais, como a mata, as plantas, os animais, a água e a terra, em sua relação com aspectos culturais e necessidades humanas, mas também em uma visão de conexão espiritual e de integração entre todos os seres e elementos da natureza. A valorização das plantas, por exemplo, apareceu junto à sabedoria em relação a elas e o sentimento de respeito e veneração. Eu observava a relação deles com as plantas em diversos momentos, como nas caminhadas na mata, nos cuidados com as mudas no Poarendá e quando levávamos as doações de mudas. Nestes episódios, adultos, jovens e crianças se aproximavam e ao mesmo tempo em que ajudavam a descarregar e realizar os cuidados necessários, falavam em guarani, apontando, mostrando, identificando as plantas, demonstrando entusiasmo, cuidando das mudas “como se fossem crianças”, como declarou Sr. Turíbio, da Aldeia de Itapuã, ou “como se fosse um filho” conforme expressou Ariel, um dos monitores da Aldeia da Lomba do Pinheiro.

A planta nos dá alimento, sombra, medicina, e o projeto nos traz grande oportunidade e condições para trabalhar. (Felipe Brizoela, Aldeia Pindoty, 2012).

Precisamos plantar muitas árvores para recuperar nosso alimento, nossa medicina e nossa água. (Cacique José, Aldeia Campo Molhado, 2011).

Não se pode cortar e nem arrancar a árvore da erva mate. Ela é uma mocinha de 15 anos que cuida de Nhanderu. Quando Nhanderu foi pela terra, a moça deixou um pé de erva pra usar nesse mundo. (Cacique José, Aldeia Campo Molhado, 2011).

Nhanderu mandou água pra todo mundo e lá de cima ele cuida. Tem que respeitar a água, para os animais e as pessoas beberem, para as árvores, pra brotar tudo na primavera. O rio nasceu aqui dentro da reserva indígena e tá correndo toda vida. Aqui ninguém vem e joga lixo. Então ele tá vivo. (Cacique José, Aldeia Campo Molhado, 2011).

O Encontro da Árvore, realizado na Aldeia de Riozinho, consistiu em um momento de grande profundidade, em que houve ricas manifestações demonstrando as conexões entre todos os elementos da natureza e todas as dimensões da cultura Guarani. Embora o encontro fosse direcionado para a importância das árvores nativas, as expressões mostravam que tudo está ligado com tudo. Estávamos sentados em círculo, com mudas de árvores no centro da sala e uma forte chuva lá fora, com muito vento. As falas conectavam as mudas com a chuva, a germinação das sementes, a ação das pessoas, a espiritualidade...

Os dizeres Mbya, escutados ao longo do trabalho, foram revelando que para eles o significado de plantar ou de cuidar de árvores vai além de uma atividade de reflorestamento ou de proteger a natureza como algo externo ao humano. A consciência da relação entre a degradação ambiental e a degradação cultural e étnica, bem como a ligação entre a recuperação ambiental e a recuperação cultural e étnica, reflete uma visão em que ambiente e cultura não estão separados, e sim integrados.

Ao escutar os Guarani e observar o seu cotidiano, fui percebendo um modo de viver que reflete um entrelaçamento entre cultura e ambiente, através de uma relação viva entre seus hábitos/saberes e as plantas, os animais, a água, o sol, o fogo, a natureza como um todo. Esta profunda conexão entre a cultura Mbya e o ambiente em que vivem, observada cotidianamente no seu modo de ser (Nhande Reko) e em muitas das suas falas, está em convergência com o pensamento de Ingold (2000), baseado em modos de vida de grupos caçadores coletores do Ártico, que questiona a separação entre natureza e cultura, bem como entre explicações culturais e naturalistas. O autor sugere uma superação desta dicotomia a partir da premissa de que o ser humano é cultural e biológico, e o seu modo de agir no ambiente é também o modo de o perceber, estando as características culturais em relação com as habilidades de engajamento ambiental ativo, no que ele considera uma autêntica ecologia da vida.

O modo Guarani de ser e de se relacionar com o outro (incluindo outras pessoas e outros seres e elementos da natureza) está fundamentado na sua cosmologia, a qual se manifesta até nas mais simples atitudes cotidianas, onde cada gesto apresenta profundo significado, ilustrando essa relação entre percepção ambiental e engajamento. Conforme Ingold (2000), não se trata da soma entre o organismo e o seu ambiente, uma composição entre duas coisas, mas uma sinergia dinâmica, formando uma totalidade indivisível, sendo necessária uma ecologia da vida para lidar com a dinâmica destes sistemas evolutivos.

A complementação e a interdependência entre todos os elementos naturais, com as diversas conexões que compõem esta totalidade, aparecem repetidamente nas falas Guarani:

A gente não vive sem a terra, o sol, a planta, a água, o peixe, a gente faz parte de tudo isso; nós não somos separados da terra. É tudo uma mesma família, são todos nossos parentes. Tudo tem significado: árvores, vento, chuva, trovão, tudo se trata como um só, não se separa. A mata tem sua organização, tem chefe, tem criança, parece um ser humano. Precisa de parceria com o humano. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2011).

Se tem plantas vem passarinhos e a gente fica mais feliz com o canto dos pássaros. (Professor Jerônimo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2011).

Se tem fruta tem macaco. (Paulo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2011).

Garnelo (2007) se refere a esse modo indígena de perceber as relações entre os seres como um campo intersubjetivo que integra humanos e animais, o qual não apresenta uma oposição entre cultura/sujeito e natureza/objeto. Nesta visão o universo é organizado em um modelo sociocêntrico, permitindo atribuir sentido a um conjunto de relações sociais que vai além dos limites da sociedade humana e a envolve com outras formas de vida, não humanas.

Este estado original de indiferenciação entre os humanos e os animais é apresentado por Viveiros de Castro (1996, 2011) como uma noção universal no pensamento ameríndio, a qual aparece nas narrativas míticas. Na mitologia indígena há presença de seres nos quais se misturam características humanas e não humanas, em contextos iguais aos de uma comunicação entre humanos, e onde cada ser aparece para as outras espécies como é para si mesma, isto é, como um ser humano. Viveiros de Castro (2011) vê este perspectivismo ameríndio como um multinaturalismo, em que há uma unidade que se manifesta de diferentes formas, ou “uma só cultura com múltiplas naturezas”. Deste modo, natureza e cultura compõem um mesmo campo sociocósmico.

Além dessa integração e interdependência entre todos os seres e elementos da natureza, apareceu fortemente nos dizeres Mbya a valorização dos ciclos naturais, também na forma de conexões:

A mata traz a chuva, e a chuva mantém a mata, por isso também precisamos plantar cada vez mais árvores nativas. (Cacique José Verá, Aldeia Campo Molhado, 2012).

A chuva traz as plantas, as plantas trazem a água. A planta traz o alimento e a semente para uma nova planta. (Cacique José Verá, Aldeia Campo Molhado, 2012).

Se tem árvores e plantas, suas folhas caem no solo e a terra fica boa, aí vêm as minhocas e melhora ainda mais para as plantas crescerem e deixarem cair suas folhas de novo. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2013).

Tem que plantar árvore frutífera ao lado do rio, pitanga, guabiroba, aí o peixe tem saúde, por que come a fruta. Assim que Deus deixou. (Cacique José Verá, Aldeia Campo Molhado, 2011).

Suas ações são harmonizadas com estes ciclos, influenciadas pelas estações e astros, respeitando as fases de reprodução e crescimento dos seres, de um modo integrado à espiritualidade.

O milho a gente planta na lua minguante, que é pra não bichar a ponta da espiga. (Sr. Adolfo, Aldeia da Varzinha, 2011).

A flor do Ipê marca a mudança do tempo. Há dois tempos: do frio e do calor. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2012).

Alguns rituais estão relacionados com os ciclos naturais e as estações, como por exemplo, o do Nimongaraí ou do batismo, relatado por Pissolato (2007), o qual é realizado na época de colheita do milho, cerimônia em que o nome das crianças é revelado através do Karaí que coordena o ritual. Nesta ocasião é feito o Mbojape, um pão feito de milho e assado na cinza. A importância da colheita do milho e sua relação com a festa do batismo foi comentada com alegria por alguns Guarani.

Catafesto de Souza (2008, 2010) se refere às fábulas míticas dos Mbya, com seus conteúdos filosóficos a cerca da existência humana e seus conhecimentos específicos sobre ciclos astronômicos, climáticos e meteorológicos, bem como relativos a elementos da paisagem e suas características, com reverência aos astros, plantas e animais como reflexos das forças criativas cósmicas às quais se integra o seu modo de ser.

Busco traçar um diálogo deste modo de ser integrado às forças cósmicas com a ecologia da vida proposta por Ingold (2000), em que a experiência de engajamento ambiental não se dá através de uma mediação entre mente e natureza, pois estas não estão separadas. É uma experiência inerente ao processo de estar vivo e de fazer parte de um mundo, onde o ser é visto como intrínseco ao desdobramento das relações que se apresentam a partir da sua relação com o ambiente.

Assim, não há uma divisão entre o estado interno de um ser e suas manifestações externas; entre razão, linguagem, sentimento e ação. Esta não divisão é clara no modo de ser Mbya, sendo ilustrada na forma como Menezes e Bergamaschi (2009) abordam a importância das emoções e sentimentos como mediadores na construção do conhecimento destes povos.

Em uma conversa com o Sr. Adolfo, ele chamou a atenção para a relação da sabedoria Guarani com o sentimento e a memória. O sentimento torna possível a memória, e desta forma, o fortalecimento e a continuidade da sabedoria deste povo. O sentimento faz parte da sua vida, da sua relação com a natureza e entre as pessoas, permitindo a integração, através de valores como respeito, perdão, fraternidade e alegria. Pissolato (2007) se refere à alegria como um tema que faz parte do cotidiano Mbya, dando forma às suas falas, aos comentários sobre suas andanças e constituindo um motivo para o cuidado de si e do outro.

Não tem nada que se faz com uma pessoa só. Tudo se faz junto, cada um faz um pouco. (Professor Jerônimo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2011).

As coisas eu não resolvo sozinho. Só eu não sou nada. Preciso das parcerias. Quando tem várias pessoas cresce a vontade de pensar junto. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2013).

A aldeia é pequena, mas sempre tem espaço para plantar mais árvores, assim como sempre tem espaço para mais um animal e mais um Guarani. (Cacique Eloir, Aldeia da Estiva, 2011).

A profundidade desses valores está relacionada com a espiritualidade, que na cosmologia Guarani é o eixo central que dá sentido a tudo e atua como um tipo de "cola" que permite as conexões/entrelaçamentos entre corpo, mente, fala, sentimento, relação e atuação no ambiente; entre todos os seres e elementos da natureza; e também entre todas as dimensões culturais da aldeia, fortalecendo as ligações entre saúde, educação, cultura, política, organização social, etc. Na vivência Guarani, de acordo com Bergamaschi e Menezes (2009), a espiritualidade assume um papel fundamental de ligação entre a dimensão ecológica e a social.

Está tudo conectado espiritualmente, isto é o mais importante (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2011).

Nosso pai é Deus, nosso governador é Deus, nosso médico é Deus. É assim. (Carai Adolfo, Aldeia da Varzinha, 2011).

A conexão entre Ecologia e Espiritualidade também é bastante viva em suas falas:

Sustentabilidade para o Guarani é ter terra e Casa de Reza. O Guarani tem que se afastar da cidade para rezar. Os desertos não chegam nas aldeias por que o Guarani reza. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2012).

AOPY é a casa de reza, nós chamamos assim porque ali começa a salvação, a saúde e a sabedoria. OPY é uma casa que tem poder para gerar coisas limpas sobre a vida, as plantações, a medicina. Até o nome das crianças surge para nós dentro da OPY, isso é sagrado. AOPY é a casa da alma, porque ali que o Deus fala. Através da OPY os guarani fazem coisas certas sobre as plantações, batizam as sementes de milho e melancia para plantar na hora, no tempo certo, com toda a esperança de brotar com a qualidade da espécie. (Professor Hugo França, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2012).

Nhanderú disse que o nosso corpo é uma terra. Tomar chá é como plantar uma muda no corpo. Nosso corpo é a terra e o mundo. Pra proteger o filho, Nhanderu deixou muita coisa. Nhanderu ficou muitos anos trabalhando, deixou tudo pros Guarani, faz uns 600 anos. Ele mora na Terra, no outro lado do mundo. Ele deixou seu filho, o sol, Kuaray. Primeiro Nhanderu fez limpeza na terra. Era tudo coberto de água. Quando ele veio, secou. Onde tinha terra estragada, ele arrumou tudo. Primeiro não tinha nenhum pé de árvore. Ele pediu pro pai maior pra conseguir muda. Ele não plantou tudo, só uma parte, começou com uma lavoura, com vários tipos de plantas. Demorou pra vir chuva. Pra crescer árvore, brotos, fazer flor, tem que ter chuva. Esperou uns doze dias e aí a chuva veio. Nhanderu pediu pro pai maior as sementes e jogou as sementes na terra. O pai maior criou pássaros pra espalhar as sementes. Eles comem os frutos e levam as sementes. (Cacique José, Aldeia Campo Molhado, 2011).

O Cacique Cirilo explicou que a espiritualidade ajuda na resolução de dificuldades nas relações sociais, quando ocorrem, através do diálogo, com a orientação do Karai e da

Cunhã Karai (liderança espiritual masculina e feminina, respectivamente), salientando a importância da Opy (Casa de Reza), além do apoio do Cacique (liderança política).

Esta ligação entre a espiritualidade, a ecologia e os diversos aspectos que compõem a vida humana se manifesta no cotidiano Mbya, em uma forma de vida em que economia, saúde, educação, etc., estão integrados na relação humana com a natureza. Esta percepção apareceu em repetidas expressões, como no comentário de Felipe Brizoela, sobre o Encontro da Agricultura, realizado na aldeia da Varzinha.

O encontro era sobre agricultura, mas nós conversamos sobre vários temas: agricultura, alimentação, saúde, educação, cultura e espiritualidade, pois tudo está ligado. (Felipe Brizoela, Aldeia Pindoty, 2012).

É com esta perspectiva que alguns dizeres Guarani mostraram um questionamento com relação às divisões e compartimentações da sociedade dos Juruá. Cacique Cirilo, por exemplo, manifestou inquietações com relação às instituições e à sociedade dos não indígenas, na qual é tudo dividido, havendo uma separação e um distanciamento entre a palavra e a ação. Estas constatações também aparecem no trabalho de Bergamaschi (2007), que revela como a visão Mbya, com um entendimento global da sociedade e do mundo, estranha a setorização e a disciplinarização que identificam as instituições ocidentais da modernidade, com suas formas de conhecimento e de pensamento.

A economia Guarani é vista como integrada ao ambiente, sendo que esta visão se manifesta nitidamente na fala do cacique José, explicando que é na mata que eles alcançam os elementos para suprir suas necessidades de saúde, alimentação, materiais para artesanato e construções:

A mata nativa para nós é como a cidade e o mercado para os brancos, a mata tem tudo que precisamos (Cacique José, Aldeia Campo Molhado, 2012).

De modo semelhante, Sr. Adolfo, em uma conversa sobre o prazer de plantar, comparou a importância do dinheiro na economia ocidental com a relevância, para a cultura Guarani, do alimento vindo direto da terra, produzido pelo modo de plantar deste povo:

A safra das pessoas da cidade é o dinheiro, a minha é o alimento (Karai Adolfo, Aldeia da Varzinha, 2012).

A economia aparece no cotidiano Mbya como um exemplo deste fazer parte da dinâmica de um sistema vivo, tendo como fundamento a reciprocidade, em uma conexão com todos os elementos da natureza e as pessoas, de modo integrado à visão espiritual. Os elementos são retirados da natureza conforme a necessidade, seguindo a sabedoria dos ciclos, fases de crescimento, épocas de reprodução, etc., e mediante oração, respeito

e gratidão, para depois serem criativamente transformados, compartilhados e trocados. Presenciamos, participamos e tivemos a oportunidade de contribuir com o hábito das trocas de sementes, mudas, alimentos e objetos entre os Guarani e com não indígenas, levando entregas entre aldeias e ajudando na organização de encontros em que estas trocas eram muito presentes, com muita alegria.

O dinheiro também faz parte da economia deste povo, mas não é identificado como o elemento mais importante.

O que importa é a nossa crença no projeto, na oportunidade de plantar, não o dinheiro. (Felipe Brizoela, Aldeia Pindoty, 2012).

O turismo nas aldeias é importante pra mostrar o que é a aldeia Guarani e pra vender o artesanato, mas não é bom ficar pensando no lucro, e sim no objetivo principal que é mostrar a cultura Guarani. (Cacique Eloir, Aldeia da Estiva, 2013).

Essa percepção unificadora entre as diversas dimensões da sociedade Mbya integra a paisagem interna e externa, a subjetividade humana e a relação com o outro, incluindo todos os seres e elementos da natureza, e se reflete também nas questões de bem estar, saúde, ética e valores humanos.

Quando a comunidade está bem vem borboleta, flor pássaro. Quando tem flor o espírito fica bom, isto ajuda a curar as pessoas. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2011).

Com este entendimento, o pensamento Guarani mostra como a saúde, a doença sua prevenção estão fortemente relacionadas com a natureza.

Todas as plantas são medicinais, mas o branco acha que apenas algumas plantas são medicinais. A cura vem da terra, das plantas. Tem que ter terra pra poder buscar o remédio que vem da terra. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2011).

Se a pessoa não trata as plantas com respeito, ela fica doente. (Ariel, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2011).

Antigamente não se cortava as árvores, só o cheiro já protegia contra a doença. Depois o branco veio e cortou tudo. Aí a doença vem. A gente respira melhor quando tem árvores e flores. O vento traz o cheiro da pureza das flores e assim traz remédio. Hoje tem nariz entupido, por que desde criança entra a poluição, por que está acabando a mata. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2013).

Às vezes a gente mistura a erva mate com algum chá, pra não pegar gripe, febre, dor de cabeça. A gente seca outras plantas e pila junto. Não precisamos esperar chegar a doença no corpo, tomamos chá mesmo quando estamos bem. A gente guarda a folha e o grão do porongo pra fazer remédio. Quem tem sarna usa. Nhanderu ensinou. Nhanderú deixou os chás pro índio. O Juruá tem que perguntar pro índio, por que tem o corpo cansado, o sangue doente. (Cacique José, Aldeia Campo Molhado, 2011).

No entanto, a saúde também é vista na sua relação com a estrutura básica que permite as necessidades físicas humanas, o que chamamos de qualidade de vida.

Saúde também é dormir bem, ter casa, colchão. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2011).

A conexão entre a saúde e um bom alimento é outro fator frequente nas falas de alguns Mbya, como do cacique Cirilo, o qual, inclusive me solicitou para falar com sua comunidade sobre os malefícios da "comida dos brancos". A alimentação tem grande importância nessa cultura, estando fortemente relacionada com saúde, espiritualidade e valores humanos. Tempass (2005) aponta, por exemplo, a importância do milho no modo de ser Guarani, pelo fato de ser um alimento espiritual, além de físico. Em uma fala do Sr. Adolfo, este se referiu à agricultura Mbya como um modo de produzir "alimento não só para o corpo, mas para o espírito".

A relação entre alimentação e espiritualidade também foi evidenciada durante as conversas para a escolha dos alimentos para evento a ser realizado na aldeia da Lomba do Pinheiro, em que o cacique se manifestou contra a presença de refrigerantes e alimentos industrializados e se referiu à importância do milho, das frutas e do peixe; expressando a relação entre as dimensões física e espiritual:

Tendo a força do alimento é que a gente vai receber a luz. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2011).

Apareceu ainda, durante o trabalho, um reconhecimento da saúde como relacionada com o manejo adequado de resíduos sólidos na aldeia, em conversas com o cacique Cirilo, Agente de Saúde da aldeia da Lomba do Pinheiro, o qual se referia à importância de falar para as pessoas que o lixo jogado no chão pode atrair agentes causadores de doenças. A relação entre resíduos sólidos e doenças também foi trazida pelos alunos da escola, em atividade relacionada com a temática dos resíduos, quando apresentei ilustrações sobre este tema e pedi que falassem o que vinha na mente ao ver aquelas imagens.

O hábito de jogar resíduos no chão é comum entre os Guarani, desde quando eles não consumiam produtos industrializados e geravam somente resíduos orgânicos. Esta questão sobre como era o lixo antigamente e atualmente foi abordada na escola da aldeia da Lomba do Pinheiro, através do professor Jerônimo, gerando reflexões interessantes sobre o consumo de produtos industrializados e as consequências desse modo de destinação das embalagens.

Algumas falas ao longo do trabalho, principalmente por parte de lideranças, foram revelando percepções sobre essa forma de descarte dos resíduos como um problema que consideram importante resolver. Esta noção pode ter influências de um processo intercultural, envolvendo indivíduos, grupos, instituições governamentais e não governamentais que já passaram pelas aldeias e já abordaram essa questão, mas também mostra relação com valores Guarani, transmitidos entre gerações, como o respeito pela natureza, fruto da sua percepção ambiental, sua cosmologia e seu modo de ser, referidos anteriormente.

Sr. Miguel, cacique da Aldeia de Riozinho, relata que seus avós já falavam sobre esse tema, sobre a importância de não deixar sujeira dentro de casa, de manter sempre bem limpo. De fato, observei diversas vezes as mulheres varrendo o pátio das casas. Zanin (2009) relata este hábito da limpeza dos pátios que circundam as casas, com uma vassoura tradicional (typyxau), confeccionada com galhos de um arbusto, dizendo terem referido como motivo que “é para o sol nos abençoar, por que Nhamandu não gosta de pátio sujo”.

Fica nítida, em diversas falas, a percepção dos diferentes tipos de lixo: “os que são da natureza” e “os que são criados pelos Juruá”. O cacique Cirilo se refere a uma angústia proveniente dessa existência nas aldeias dos resíduos originados através de criações do Juruá. Preocupação que também apareceu junto a outras questões, como o turismo, o consumo de produtos industrializados e a relação com a saúde.

A gente sabe que o lixo no chão é ruim, que não é da gente. A gente se preocupa, conversa sobre isso todo o dia, pensa no pátio que antigamente era limpo, pra não ter moscas, mosquitos, pra ter saúde. Todo mundo sabe disso, mas fica acostumado a jogar no chão. É difícil pra nós, mas vamos tocar nis so, vamos falar do lixo, vamos lutar pra mudar isso. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2011).

Pra receber turista tem que cuidar do lixo. Vão vir autoridades, pessoas de outros países, tem que se preparar pra receber. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2013).

Foi constatada ainda uma inquietação com relação ao lixo que os Juruá trazem pra aldeia. Isto ficou claro quando o cacique indicou os dizeres para as placas que eles queriam para a aldeia: "Não jogue lixo no chão", "Peity rive eme yty".

Tem que escrever em português e em guarani, porque a placa é pros brancos também, eles também jogam lixo aqui no chão da aldeia. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2011).

Outro elemento importante que surgiu na pesquisa foi uma percepção de mudança do ambiente com relação à presença ou ausência de resíduos no chão. A fala do cacique

Cirilo, surgida espontaneamente em uma caminhada na aldeia após a realização de mutirão de limpeza, mostra a satisfação na percepção de que um ambiente sem lixo faz uma diferença, inclusive com relação a uma mudança no ambiente interno das pessoas, afetando a dimensão mental e emocional:

O lixo muda o que a gente vê. Quando tem lixo a gente só enxerga o lixo, mas quando a gente tira o lixo, enxerga o verde. Aí muda o que a pessoa pensa, o que ela sente. O verde inspira outros pensamentos. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2011).

Essa relação com os resíduos é bastante complexa e também pode estar ligada a um modo de se relacionar com as coisas em geral, que contempla o desapego e a visão cíclica de tudo, com seus ciclos de vida e morte. No entanto, observei que apesar deste hábito de jogar no chão, eles se preocupam em juntar depois e dar outro destino, organizando mutirões para esta tarefa, colocando nas lixeiras, nas aldeias em que há coleta; solicitando sacos de lixo, latas e ajuda para conseguir a coleta de resíduos onde ainda não ocorre.

A percepção da relação entre resíduos, saúde, turismo, economia, bem como todas as percepções ambientais Guarani apresentadas neste capítulo, remetem a uma concepção de mundo sistêmica, que integra o humano a todos os outros seres e elementos da natureza, unindo cultura e ambiente em um modo de vida comunitário, onde estão conectadas todas as dimensões da constituição de uma sociedade, tendo como centro integrador a espiritualidade, e possibilitando a manifestação do “ser por inteiro”, ligando razão, emoção, intuição e ação. Neste sentido, a relação ecológica se dá em cada Mbya, com o grupo e com a natureza como um todo. Considero que esta visão ambiental pode ser dialogada com a Ecosofia proposta por Guattari (1990), a qual é composta por três dimensões: da subjetividade humana, das relações sociais e do meio ambiente. O autor sugere estes três elementos como base para uma verdadeira revolução paradigmática em nossa sociedade, em termos culturais, sociais e políticos, que tenha como inspiração a ética, a estética e a sensibilidade.

4. EDUCAÇÃO AMBIENTAL MBYA GUARANI

4.1. Percepções Guarani sobre a aprendizagem de valores ambientais

A educação também apareceu fortemente nas percepções ambientais Guarani, integrada a todos os outros elementos e saberes da sua cultura, sendo aqui abordada em um capítulo diferente, no sentido de formar uma ponte para o próximo tema da dissertação: a Educação Ambiental Mbya Guarani. Como eu estava participando de um trabalho de EA em aldeias Guarani, considerei importante buscar compreender como ocorre o que nós chamamos de Educação Ambiental, como é para este povo a aprendizagem e a internalização de valores e práticas ambientais.

A percepção ecológica Mbya, sobre a importância da aldeia ambientalmente conservada, com mata, água e animais, bem como a relevância de processos de recuperação ambiental foi abordada por alguns membros das aldeias em uma relação com a educação das crianças, junto à compreensão de que a degradação ambiental de algumas áreas apresenta consequências na educação. Conforme referido no capítulo anterior, muitas falas refletem uma preocupação pelo fato das crianças não terem mais oportunidades de conhecer plantas e animais que são importantes para a sua cultura.

Se a criança nasce em uma aldeia que não tem árvores não tem como saber o nome das plantas. Se só falar que existe ela não vai saber. Por isso o viveiro e o plantio das mudas ajuda também na educação. (Cacique Eloir, Aldeia da Estiva, 2013).

A escuta, a observação e o diálogo com os Guarani mostrou uma educação intimamente relacionada com o ambiente em que vivem, com sua cosmologia e seu modo de ser (Nhande Reko), trazendo, de modo intrínseco, a visão ambiental. A importância da natureza na vida e no cotidiano indígena é destacada por Menezes e Bergamaschi (2009) como grande inspiradora na educação Mbya, em um processo onde indivíduo, cultura e ambiente formam uma totalidade inseparável.

O cacique Miguel, por exemplo, falou da importância da criança aprender desde cedo com a natureza, mexendo na terra, conhecendo as plantas, plantando junto com os adultos, além de aprender em primeiro lugar a língua guarani, e o português somente depois de maior, quando vai para escola. Ele ressaltou esta relevância, lembrando que atualmente as crianças tem contato com a televisão e brincam com coisas dos Juruá, e também relatou que nem todas as aldeias querem ter escola, que pensam muito em como deve ser a escola e na sua aldeia demoraram para tomar esta decisão. Em uma das conversas sobre como seria uma escola diferenciada dos Mbya, em que participei através

do grupo de pesquisa da Professora Maria Aparecida Bergamaschi, o cacique Cirilo fez um desenho no quadro, representando a escola e a Opy e falou: “Somos espiritualidade, não podemos trocar pela escola”.

A escola tem apresentado um papel importante na EA Guarani, principalmente com relação a como lidar com alguns produtos e resíduos criados pelos Juruá. Mas a internalização de valores ecológicos acontece na vivência cotidiana, na Opy, na música, nas brincadeiras, nas conversas com os mais velhos e no acompanhamento das atividades dos adultos, pois a ecologia faz parte da cosmologia que constitui o fundamento da vida Guarani. A compreensão da terra como viva é apresentada por Madeira (2006) como princípio da pedagogia Mbya e como elemento de integração entre a educação e as questões ambientais.

Durante as observações ao longo do trabalho, ficou bastante evidente a vivência das crianças nas brincadeiras com elementos naturais e no acompanhamento dos mais velhos nas atividades ligadas à natureza. As crianças estavam espontaneamente muito presentes nas atividades do IECAM, no plantio das mudas, no manejo da composteira, nos mutirões, etc., sempre demonstrando alegria, entusiasmo e curiosidade.

A aprendizagem é muito valorizada pelos Guarani, ocorrendo a todo momento e não estando separada da vida, sendo um dos aspectos ressaltados por eles durante o desenvolvimento do trabalho:

Aprender é a coisa mais importante. (Tiago, Aldeia Pindoty, 2012).

Os encontros são fundamentais, não dá para expressar e estimar todo o valor. É muito importante a participação dos mais velhos, aprendi muito. (Cacique Eloir, Aldeia da Estiva, 2012).

A memória foi ressaltada como elemento de grande relevância na aprendizagem e na sabedoria Mbya, de forma conectada com o sentimento, conforme explicou Sr. Adolfo. A memória faz parte da pessoa, não vindo através do papel e da escrita, por isso a importância da oralidade, da palavra emitida com o coração e da escuta com o coração, que possibilitam o aprender com o coração. Em muitos momentos eles se referiam a ter aprendido algo com os pais, avós e antepassados em geral.

Carrara (2002) destaca a importância na educação dos Xavante, da participação em rituais e da escuta dos mitos, histórias que são contadas às crianças pelos velhos, plenas de significados e de elementos naturais, em ambiente acolhedor, com alegria e com temas que despertam a atenção e a curiosidade, em uma cosmologia ecológica que considera, por exemplo, os animais como seus parentes. O autor se refere a uma “Educação Ambiental” dos Xavante, como um fenômeno sociocultural que ocorre a todo

momento e em todos os locais, realçando o ambiente doméstico no qual são aprendidas as primeiras lições ambientais, através do observar, sentir, questionar e nomear, muitas vezes através de brincadeiras, em uma relação intensa com a natureza, ajudando os adultos e percorrendo trilhas, tomando banho de rio e trocando saberes entre as próprias crianças. Deste modo, a aprendizagem passa não só através da mente, mas pelo corpo e por todos os sentidos, consistindo em um processo que é construído ao longo da vida, de acordo com interesses e questionamentos individuais, seguindo a manifestação do dom de cada pessoa.

A manifestação do dom de cada indivíduo também é muito forte entre os Guarani, aparecendo em diversos momentos, com relação a diferentes vocações. No caso específico do trabalho com o IECAM, notei que havia uma busca de perceber quem entre eles apresentava o dom do plantio e do cuidado com as plantas, se identificando e sendo identificados como os “cuidadores”.

Armstrong (2005), referindo-se aos Okanagan, povo indígena do Canadá, ressalta que a realização plena do potencial humano de cada indivíduo é resultado do seu bem-estar físico, emocional, intelectual e espiritual, estando a aprendizagem e a sustentabilidade relacionadas com a comunidade. No sistema ancestral Okanagan, toda a aprendizagem era tão natural como aprender a falar e andar, pois a educação ocorria como parte natural da vida cotidiana na família e na comunidade, com grande valorização da colaboração e da partilha. Cada pessoa é um elemento de um organismo transgeracional conhecido como família, que é a base da manutenção a longo prazo de uma rede de vida chamada comunidade. A comunidade é vista como um organismo vivo, que interage com o planeta Terra, um grande corpo de padrões interligados de maneira complexa, onde cada órgão tem uma função. A terra precisa ter saúde, para que as pessoas tenham saúde. Há um senso de pertencimento, em que plantas e animais são como parentes que compartilham suas vidas com os seres humanos.

Muñoz (2003), convivendo com o povo maya-tzeltal, nos Altos de Chiapas, também ressalta essa aprendizagem indígena integradora, cotidiana, tendo o ambiente comunitário como elemento ideal para a educação ambiental, envolvendo emoções, sensibilidade e dons, sonhos e silêncios, no compartilhar de uma diversidade de experiências, na transmissão oral dos anciãos, nos mitos, em uma convivência de intercâmbio de saberes, e nos espaços como potenciais de vivências pedagógicas. Os processos naturais são observados detalhadamente, para diferenciar, nomear, reconhecer as plantas e usar, na ética do respeito e do saber cuidar.

Outro elemento que aparece de forma muito forte na observação e convivência com o povo Guarani se refere à alegria, tanto dos adultos como dos jovens e crianças. A alegria e a afetividade das crianças me tocaram profundamente. O trabalho de Menezes (2006) revela a alegria como fazendo parte da aprendizagem Guarani, a qual reúne aspectos sensoriais, reflexivos e emocionais, através da vivência, criatividade, afetividade e arte.

Enfim, se trata de uma aprendizagem integral, como a busca em algumas perspectivas do que chamamos de Educação Ambiental. Conforme declara Muñoz (2003), "toda comunidade indígena é uma unidade social oral, em cuja cosmovisão é reconhecida a memória sagrada".

4.2. Relação entre a cultura Mbya Guarani e a Educação Ambiental

4.2.1. Contextualizando a Educação Ambiental

O termo "Educação Ambiental" foi criado em 1972, em Estocolmo, Suécia, na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente. Desde essa data, o tema tem passado por uma série de discussões e reflexões, através de conferências internacionais e nacionais, eventos, publicações e atuações práticas diversas.

No Brasil, em 1999 foi promulgada a Lei 9.795, a qual institui a Política Nacional de Educação Ambiental, determinando a EA como componente essencial e permanente da educação nacional, que deve estar presente, articuladamente, em caráter formal e não formal, em todos os níveis e modalidades do processo educativo; sendo compreendida como os processos por onde são construídos, individual e coletivamente, competências, conhecimentos, valores, habilidades e atitudes direcionadas para a conservação ambiental (BRASIL 1999).

Apesar da denominação "Educação Ambiental" ser convencionada historicamente para identificar os processos educacionais relacionados com a questão ecológica, ao longo das contínuas reflexões e construções, tem aparecido outros termos e complementos para designar estas práticas, constituindo diferentes abordagens. Sauv e (2005) desenvolve uma cartografia da EA, indicando 15 correntes, embora a autora indique que em uma mesma corrente pode ser incorporada uma diversidade de proposi es.

N o pretendo simplificar a discuss o, mas penso que um dos motivos para esta pluralidade de concep es est  relacionado com as separa es inerentes ao modo de

pensar ocidental. A falta de ligação entre ambiente e cultura, por exemplo, proporcionou a existência de abordagens mais naturalistas e preservacionistas, e outras mais sociais, com o surgimento de perspectivas críticas. A divisão entre teoria e prática levou ao aparecimento de enfoques mais reflexivos e outros mais voltados para a resolução de problemas. A desconexão entre ciência e espiritualidade trouxe visões que buscam mais a inserção a dimensão espiritual e outras que a deixam de fora.

Conforme Carvalho (2004), o melhor modo de lidar com a multiplicidade de perspectivas do campo da Educação Ambiental está relacionado com a abertura para experiências que contemplem o diálogo entre as diferentes abordagens.

Considero importante elucidar resumidamente onde me encontro em meio a essa trama de significados e abordagens no que se refere à EA. Conforme relatado anteriormente, minha atuação neste campo tem ocorrido desde 1996, sempre integrando reflexões teóricas com atuações práticas em que foram se consolidando construções coletivas. Identifico alguns enfoques que me tocaram mais profundamente, os quais passei abordar na minha atuação. Estas perspectivas são citadas aqui de um modo introdutório e passam por maior detalhamento ao longo da dissertação.

Tive meu primeiro contato com a visão sistêmica, a partir da Hipótese Gaia, a qual comecei a usar de um modo integrado à questão social. Paralelamente fui me aproximando da abordagem holística, contemplando a dimensão espiritual no meu trabalho. Lutz falava muito na importância de aprender com a natureza, o que me impulsionou na busca da alfabetização ecológica. Na prática, uma estratégia de efetivar a alfabetização ecológica apareceu através da Permacultura. Busquei o uso de métodos participativos, no sentido de proporcionar o maior envolvimento das pessoas, bem como a arte-educação, dinâmicas de grupo e vivências, buscando proporcionar a sensibilização e o contato mais profundo de cada indivíduo consigo mesmo, com as outras pessoas e com a natureza, conforme as três dimensões ecológicas de Guattari (1990).

4.2.2. Relacionando percepções Mbya Guarani e Educação Ambiental

Durante o convívio com os Mbya, observei algumas similaridades importantes entre essa cultura e aspectos que são considerados objetivos da Educação Ambiental, buscados com dedicação e esforços em processos educativos ambientais com diferentes públicos, incluindo a relação de respeito para com a natureza, a visão sistêmica e holística, os valores humanos, a dimensão artística, a relação entre natureza e cura, e as conexões entre diversos saberes e dimensões de uma sociedade (o que almejamos

através da transdisciplinaridade). As percepções ambientais e os modos de vida Guarani revelam profunda consciência, conhecimento e sensibilização sobre a importância da recuperação da natureza, a qual está sofrendo processos degradativos originados do modelo de desenvolvimento ocidental. Estas manifestações incluem aspectos como cuidado com a água, plantio de árvores nativas, agricultura ecológica, alimentação e medicina saudáveis, economia integrada ao ambiente e com base na reciprocidade, e educação fundamentada na vivência desses valores e na aprendizagem vivencial com a natureza.

A relação entre a cultura indígena e a ecologia tem sido ressaltada por alguns autores. Com relação ao seu modo de viver, Guimarães (1995) chama a atenção para a relação de equilíbrio e integração com a natureza, a qual leva em consideração a capacidade de suporte dos recursos naturais. O histórico dos povos Guarani mostra modos de vida tradicionalmente integrados aos ecossistemas florestais, através de um manejo sustentável que permite a extração de alimentos, medicamentos e matéria-prima para a construção das casas e para a confecção de instrumentos e adornos. Este sistema de vida, com sua cultura peculiar, apresenta uma conjunção de saberes e de técnicas ecológicas e saudáveis de produção de alimentos, culinária, arquitetura, medicina, arte e confecção de artefatos.

Tempass (2005) salienta que os Mbya se consideram guardiões da natureza, com seu modo de ser (Nhande Reko) fundamentado em um respeito à diversidade, sendo sua sustentabilidade, em grande parte, proveniente das matas, através de coletas em que é retirado somente o necessário, com o corte na época em que as plantas brotam mais facilmente e o cuidado para que não haja esgotamento das espécies.

A agricultura Guarani apresenta semelhanças com alguns princípios que têm sido apresentados para a agricultura ecológica, como a diversidade, a consorciação e rotação de cultivos, os sistemas agroflorestais e a ocupação dos espaços respeitando as características da área, conservando árvores e regiões de mata. A conservação de sementes ecológicas, que não passaram por processos químicos ou de transgenia, é tema de grande importância entre os ecologistas da atualidade. Balée (2008) utiliza o termo “indigeneidade das paisagens” para se referir a alterações primárias desenvolvidas em florestas através de povos tradicionais, que resultaram em melhorias ambientais, em termos de diversidade, fortalecimento de espécies e aparecimento de espécies endêmicas.

Reichel-Dolmatoff (1976) se refere à compreensão cosmológica dos índios Tucano, da Amazônia, como uma profunda consciência ecológica, a qual pode ser comparada às visões ambientais sistêmicas da atualidade. Nessa cultura, cada indivíduo se considera como parte de uma rede complexa de interações que abrange o Universo como um todo, seguindo uma série de princípios que regem as relações das pessoas entre si e com os outros componentes da natureza.

Também considero importante esse diálogo da percepção Mbya de interdependência ecológica com a visão sistêmica, a qual tem sido apresentada por diversos autores como uma dimensão importante da Educação Ambiental. Ao apresentar um histórico das abordagens teóricas dos sistemas, Vasconcellos (2002) relata que o autor da Teoria Geral dos Sistemas, o biólogo austríaco Ludwig Von Bertalanffy, desenvolveu esta teoria em 1966, a partir de um questionamento do enfoque mecanicista da ciência, propondo um conjunto de princípios básicos universais, interdisciplinares, que pudessem ser aplicados aos sistemas em geral, sejam de natureza biológica, física ou sociológica. Capra (1982, 2001, 2002) destaca o surgimento, a partir da década de sessenta, de movimentos de mudanças em diversas áreas de conhecimento, fundamentados na concepção sistêmica. O autor realça a necessidade de nossa sociedade passar por uma mudança de paradigma, uma transformação essencial nas nossas percepções, valores e pensamentos, com base nessa consciência da integração, inter-relação e interdependência de todos os fenômenos, em uma visão unificada entre vida, mente, matéria e espírito.

Capra (2006) aborda a visão sistêmica de um modo integrado à educação ambiental, se referindo à importância da aprendizagem dos princípios básicos que regem a vida (Alfabetização Ecológica), para que possa ocorrer a formação de sociedades sustentáveis. Entre os princípios citados pelo autor estão a interdependência, a diversidade e os ciclos e fluxos, formando um equilíbrio dinâmico. Conforme visto anteriormente, estes princípios estão vivos nas percepções ambientais Guarani, se manifestando em um modo de viver que valoriza a diversidade de seres e elementos naturais, as relações entre estes componentes diversos que compõem uma unidade, e os ciclos que movem as conexões.

A visão sistêmica e a interdependência entre todos os elementos e seres também é foco da hipótese Gaia, de Lovelock (1987, 1990, 1991), que junto com Linn Margulis propõe a compreensão do planeta Terra como uma entidade fisiológica, um ser vivo sustentado e regulado ativamente e continuamente pela vida, de modo que a evolução

das espécies e do seu ambiente estão estreitamente associadas, em um processo único e indivisível. A regulação das características essenciais à vida, como limiares de temperatura, salinidade, acidez, pressão, estado de oxidação, etc., só existe através de processos ativos de trocas e de realimentações dos organismos que fazem parte deste sistema, mantendo o equilíbrio dinâmico. O planeta como um todo apresenta propriedades que não são perceptíveis a partir do conhecimento de espécies ou de populações isoladas, sendo a vida um fenômeno social, auto-organizado e ativamente sustentado, que somente ocorre de forma coletiva, comunitária.

Escutando as falas Guarani e lendo estes autores, vejo a possibilidade de um diálogo muito rico entre o conhecimento adquirido através desses estudos, experimentos e teorias, e a sabedoria proveniente da cosmologia, intuição e modo de ser Mbya, em que o planeta é representado como ser vivo, espiritual, uno, que se manifesta de diversas formas.

A relação entre ecologia e espiritualidade, fortemente presente na cultura Guarani também tem sido trazida para a EA, através de autores como Capra (2002), que se refere à experiência espiritual como uma vivência da unidade, em uma profunda percepção de pertencimento ao universo como um todo, transcendendo divisões entre a mente e o corpo e entre o eu e o mundo. Boff (1995) reúne ciência, espiritualidade e poesia para apresentar essa visão de integração planetária. O autor se refere à ecologia mental, que parte da constatação de que a natureza não é exterior ao ser humano, mas interior, sob a forma de energias psíquicas, símbolos, arquétipos, sonhos e intuições que se manifestam nos tipos de práticas em relação ao ambiente. Para Boff (1998), o ser humano é a própria Terra que alcança um estágio de consciência, amor e veneração do mistério sagrado da vida.

Nesse sentido, Naess (1989) propõe uma ecologia profunda, com questionamentos e transformações essenciais em nossas visões de mundo e valores. Uma série de princípios foi criada para este movimento, através de Naess e Sessions, também em uma concepção sistêmica e de aprendizagem com a natureza, contemplando a visão relacional (organismos como laços ou campos de relações na rede da biosfera), o equalitarismo biosférico (direito de viver das outras espécies, por seu valor intrínseco), a diversidade e a simbiose (a habilidade de coexistir e cooperar com formas diversas intensifica as potencialidades da vida), além de uma postura social anti-classista, que prioriza a autonomia local e a descentralização (NAESS 1995).

Ârhem (1993), estudando os índios Makuna na Amazônia, relaciona a percepção deste povo de integração entre natureza e sociedade com os princípios da Ecologia Profunda desenvolvidos por Naess. O autor observa, no pensamento Makuna, um sistema integral de valores e práticas, cuidadosamente regulado, que rege suas relações com a natureza, incluindo o manejo dos recursos. Cada ser possui uma forma material e outra imaterial, sendo que as distintas formas de vida apresentam uma essência comum que flui entre si, reunindo todos os seres em uma unidade inter-relacionada. Homens e animais participam de uma sociedade única, mas diversificada, cujas relações são guiadas por um sistema interdependente de trocas, do mesmo modo que nas relações entre grupos sociais humanos.

Naess (1995) elaborou uma forma de ecologia transpessoal ou filosofia ecológica, a qual chamou de Ecosofia, um processo de transformação pessoal e de auto-realização a ser alcançado por meio de uma busca da expansão do self para atingir uma identificação mais ampla com a natureza ou com o planeta como um todo. Estes tipos de trajetórias de transformação humana, fundamentados em visões sistêmicas, ecológicas e espirituais, passaram a ser criados, buscados e vivenciados através da abordagem holística, também utilizada em algumas perspectivas da Educação Ambiental. Para Weil (1990), o holismo é a força vital responsável pela formação de conjuntos: átomos e moléculas no plano físico, células no biológico, ideias no psicológico, e da personalidade no espiritual. O autor considera que esta coesão e a continuidade de todos os seres e do próprio universo é originada em uma sabedoria primordial que é inseparável do amor.

Hutchison (2000) e Yus (2002) compreendem que a visão educacional holística emerge através de uma concepção de mundo ecológica, na qual todos os fenômenos naturais são vistos como interligados em uma relação de interdependência e reciprocidade entre os mundos natural, físico cultural. Ocorre a internalização das dimensões espiritual, intuitiva e metafórica à educação, abrangendo a busca de propósito e de significado do indivíduo no mundo. Naranjo (1991) realça a integralidade da educação holística, que conecta inter-culturalmente as diversas formas e tipos de conhecimento, unindo teoria e prática em uma consciência ecológica e espiritual na qual a pessoa é vista como um todo, integrando sensação, sentimento, pensamento e intuição.

A cultura Guarani, conforme visto anteriormente, apresenta esta base ecológica e espiritual que reúne as diversas áreas de conhecimento e dimensões, internalizando em sua vivência cotidiana alguns valores que têm sido indicados em reflexões da EA como essenciais para a necessária mudança planetária. Por exemplo, o cuidado consigo e com

o outro, incluindo o respeito e a reverência por todas as formas de vida; o fortalecimento de valores como coletividade, reciprocidade, cooperação, simplicidade e alegria; a relevância e o significado da comunidade e da família, incluindo a valorização dos mais velhos, o cuidado mútuo das crianças e a divisão de papéis segundo o dom de cada indivíduo; e hábitos como mutirões, partilha de alimentos e expressões artísticas. A percepção Mbya de conexão entre natureza, saúde, bem estar e cura também pode ser comparada com uma busca que tem sido pensada na Educação Ambiental, como verificado nos trabalhos de Carvalho e Steil (2008) e Steil et al (2010), que identificam conexões entre ecologia, religiosidade e saúde.

Na busca de sistemas de vida que incorporam estas qualidades, valores, atitudes e práticas na construção de comunidades sustentáveis, foi criada a Permacultura (Cultura Permanente), a qual também apresenta similaridades com a cultura Guarani, tendo sido elaborada a partir da integração entre saberes populares e tradicionais de diversos povos e conhecimentos técnicos e científicos de várias áreas. Esta estratégia, criada pelos australianos Mollison (1988) e Holmgren (2002), envolve o planejamento, a implantação e a manutenção de sistemas produtivos ecológicos através de um trabalho em conjunto com a natureza, de forma adaptada a cada realidade, de modo a suprir as necessidades das populações humanas sem causar impactos negativos, ambientais, sociais ou culturais. Este planejamento consciente parte de profunda compreensão dos processos naturais, seguindo os princípios básicos que guiam o funcionamento dos ecossistemas, como interdependência, reciclagem, diversidade, flexibilidade e equilíbrio dinâmico. Também encontrei semelhanças entre a vida Guarani e de permacultores, como a visão sistêmica e holística, a integração com os princípios ecológicos que regem os sistemas vivos, a reciprocidade, a vida comunitária, a interferência mínima na paisagem e a valorização das conexões.

4.2.3. O porquê de uma Educação Ambiental Mbya Guarani

Considerando-se todas as percepções e reflexões relatadas até o momento, o (a) leitor (a) provavelmente estará questionando o porquê de uma educação ambiental Mbya, se eles já possuem uma visão, uma prática e uma educação que pode ser referida como ambiental.

No entanto, apesar dessa visão Guarani de integração entre ambiente e cultura e de grande respeito e comunhão com o ambiente em que vivem, suas percepções sobre a realidade atual de algumas aldeias mostram a existência de problemas ambientais. Muitas

áreas que eram originalmente destes indígenas passaram por processos intensivos de degradação antes de serem retomadas. As terras disponíveis atualmente nem sempre apresentam matas, sendo algumas bastante degradadas devido a monoculturas de eucalipto e outros sistemas de produção de grande impacto. Conforme percepções Guarani relatadas anteriormente, existe uma preocupação com a situação destas áreas e com suas consequências em relação a perdas culturais.

Além disso, estão ocorrendo algumas transformações no modo de vida deste povo, principalmente nas aldeias mais próximas às cidades, devido à pressão da cultura ocidental, com o forte estímulo ao consumo de produtos industrializados, com seus excessos de embalagens, que conforme a percepção de alguns representantes, lhes causa uma angústia pelo fato de serem materiais produzidos pelos Juruá. Em muitos casos são espaços pequenos em relação ao rápido aumento das famílias, sendo necessária a abertura de mais áreas para roçados e produção de alimentos, dificultando a conservação das matas. Semeghini (2003) aponta para o fato de que a falta de terras impede a manutenção das práticas agrícolas de pousio, nas quais ocorria a alternância das áreas de roçado, permitindo tempo para a regeneração da vegetação e o enriquecimento da biodiversidade.

O destino de resíduos sólidos e líquidos tem contribuído para a poluição de água e dos solos, podendo ter consequências na contaminação de alimentos produzidos e da pesca. Giatti et al (2007), Toledo et al (2008) e Gonçalves (2004), através de pesquisas em aldeias indígenas, apontam a existência de problemas sanitários, ambientais e de saúde, concluindo sobre a importância do desenvolvimento de ações conjuntas nas áreas da infra-estrutura e da educação, incentivando a participação da comunidade local para discutir soluções sobre estas questões.

Os Guarani da atualidade buscam viver sem perder suas crenças e tradições, mas também se relacionando com as sociedades modernas, utilizando suas tecnologias e conhecimentos, integrando estes diferentes saberes, sendo necessários processos de aprendizagens e de negociações. Do mesmo modo como a escola é algo que não existia na educação tradicional e hoje algumas aldeias a aceitam e dela se apropriam, transformando e adaptando à sua cultura, também podem fazer isso em relação a práticas relacionadas à recuperação ambiental de suas áreas, destacando-se, neste sentido, a importância de processos educativos ambientais interculturais.

A Educação Ambiental é indicada por Verdum (2002), em uma concepção de etnodesenvolvimento dos povos indígenas, tendo como base a gestão participativa e a

valorização dos conhecimentos locais sobre o manejo sustentável de ecossistemas, junto ao repasse de novos conhecimentos, incluindo técnicas para a manutenção da fertilidade do solo baseadas em princípios ecológicos, como o uso de biofertilizantes e a adubação verde. Bertho (2005), em um enfoque da etnoconservação, apresenta visão semelhante, embora sem usar o termo Educação Ambiental, ao considerar a potencialidade dos saberes indígenas na construção de sistemas sustentáveis de manejo de áreas, apontando para projetos de colaboração que integram conhecimentos etnoecológicos destas culturas com princípios agroecológicos. O autor indica processos de sustentabilidade etnoambiental que possibilitem a recuperação da agrofloresta, podendo ser acrescentados outros métodos adaptados ao contexto da atualidade, com a problemática ambiental contemporânea e a necessidade de se fixarem mais em um território, incluindo a inclusão de técnicas de cobertura vegetal e adubação verde, atividades de viveirismo e de reflorestamento, possibilitando a recuperação de solos degradados e o enriquecimento florestal com plantas nativas.

Portanto, está se considerando aqui, com base nas percepções Guarani sobre ambiente e sobre o trabalho que foi desenvolvido, a importância de processos educativos ambientais em aldeias Mbya para a contribuição na resolução de problemas ambientais, em um enfoque intercultural, de construção conjunta, escuta de suas demandas e trocas de ideias, com planejamento e execução de ações coletivas. Essas atuações são educativas, levando a aprendizagens e transformações mútuas, entre os membros de diferentes culturas, podendo ser considerado como processos de Educação Ambiental.

Neste sentido, percebo a importância de reflexões sobre o que seria e como seria uma EA na concepção Guarani. Conversas sobre estes temas foram realizadas durante o trabalho, em diversos momentos, levantando aspectos importantes que são aqui relatados, no intuito de contribuir para reflexões sobre a demanda de programas socioambientais nas aldeias e os seus processos de construção junto aos indígenas, de um modo que seja integrado ao seu modo de ser, respeitando e valorizando as características destes povos. Começo apresentando algumas percepções Mbya sobre a interculturalidade nesses processos.

4.3. Percepções Mbya Guarani sobre a interculturalidade na educação ambiental

A participação em um projeto que trabalha a partir da identificação das necessidades Guarani consiste em uma contínua aprendizagem das suas formas tradicionais de resolverem questões, bem como da identificação de momentos em que

pode haver a contribuição de outras técnicas, de acordo com as condições atuais das áreas indígenas. Durante o trabalho do IECAM sempre esteve presente o cuidado com relação à em que momentos e de que forma eram propostas técnicas não indígenas. Portanto, as falas Guarani que expressavam suas percepções sobre o modo como eram recebidas essas técnicas, saberes e ideias provenientes da cultura ocidental foram de grande importância na construção dessa trajetória e foram me proporcionando reflexões sobre a visão Mbya a cerca da interculturalidade no âmbito deste tipo de atuação educativa socioambiental, no sentido de um reconhecimento de um processo de integração entre diferentes conhecimentos (Guarani e Juruá), com seus potenciais e dificuldades, em um objetivo comum. Essas opiniões Guarani sobre interculturalidade se manifestaram naturalmente, tanto durante a relação cotidiana com os técnicos, como nos encontros sobre temas diversos, em que havia trocas entre conhecimentos das diferentes culturas, e nas atividades de avaliação do projeto.

Houve, por exemplo, manifestações sobre a importância de pessoas de outras culturas estarem se aproximando da causa indígena e se propondo a contribuir:

O desenvolvimento vai avançando, sem respeito, pisando nos pobres. Nós sozinhos não conseguimos muito, tem que vir gente de fora ajudar, tem que ter parceria. Hoje tem mais companheiros da causa, que respeitam a cultura Guarani. Não podemos perder o vínculo com as pessoas aliadas e tem que ampliar esses aliados. Não é fácil trabalhar na questão indígena. São dois mundos diferentes. Os índios têm que ser vistos como parceiros. Não adianta vir aqui na aldeia só pra perguntar sobre nossa cultura, nossa cosmologia, tem que trabalhar nossas necessidades, ver o que falta. Tem que caminhar junto, abraçar a causa indígena. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2013).

Os dizeres acima me proporcionam reflexões sobre a visão Mbya quanto à importância de duas culturas diversas (“dois mundos diferentes”) caminharem juntas, como parceiros, “companheiros”, se complementando, trocando ideias e experiências, construindo ações para atender às demandas das aldeias e da questão indígena como um todo, em uma visão de transformação de aspectos da sociedade, enfrentando as dificuldades que fazem parte deste processo, o qual também abrange conflitos e incompreensões.

A perspectiva de interculturalidade aqui referida pode ser comparada ao sentido atribuído por Walsh (2010), da Interculturalidade Crítica, como instrumento, estratégia ou processo contínuo de relação e negociação, construído como projeto político, ético, social e epistêmico, que afirma a necessidade de transformação nas estruturas e relações de poder que alimentam a desigualdade, discriminação e dominação. Esta abordagem está relacionada com a Pedagogia Crítica que iniciou com Paulo Freire nos anos 60, no

sentido de projetos, processos e movimentos que se entrelaçam em uma dinâmica de questionamento crítico, transformação e reconstrução.

A forma dialógica como foram trazidos conhecimentos e técnicas não indígenas, durante o trabalho do IECAM, foi valorizada por alguns Guarani, como o cacique Eloir, da Aldeia da Estiva:

O trabalho da equipe é muito importante. O conhecimento técnico contribui muito para dar certo, mas se une ao nosso conhecimento, com respeito, sem imposição. Tudo é discutido, bem conversado. (Cacique Eloir, Aldeia da Estiva, 2012).

A opinião dos Mbya sobre algumas técnicas e estratégias, sugeridas pelos Juruá, ilustrou essa visão de se constituírem como conhecimentos que se somam à sua cultura, complementando, quando necessário:

Se nas aldeias Guarani tivesse espaço e árvores, não precisaria dos viveiros, mas tem aldeias que não tem mata e que não tem nem uma árvore. Há uma interferência, mas de modo positivo, para o cultivo de plantas que são da nossa religião e medicina. (Cacique Eloir, Aldeia da Estiva, 2013).

O turismo nas aldeias ajuda a fortalecer a luta do povo Guarani, divulgar a cultura, para as pessoas vivenciarem um pouco da vida da aldeia e conhecerem a nossa realidade, ver a situação precária em que vivemos. Se não ver não fica sabendo, não respeita. (Cacique Eloir, Aldeia da Estiva, 2013).

A gente não sabe tudo. A Virgínia nos ensinou muita coisa. (Cacique Miguel, Aldeia de Riozinho, 2013).

Alguém de fora tem que vir ajudar na questão do lixo. Pra nós é importante. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2013).

Pra nós é bom quando o não índio vem trazer sacolas e falar do lixo. Mas a gente não gosta quando as pessoas falam que as crianças estão de pés descalços. Isso não é sujeira, é que a criança já se acostumou com a natureza. (Cacique Miguel, Aldeia de Riozinho, 2013).

Através das escutas, observações e vivências, também ficou claro que apesar do uso de técnicas não tradicionais, como o viveirismo, a compostagem, a adubação verde e o uso de biofertilizantes, trazidas pelos técnicos do IECAM, o saber Guarani continua sempre sendo ressaltado e valorizado por eles:

Precisamos falar muito com a sabedoria do índio Guarani (Karái Adolfo, Aldeia da Varzinha, 2012).

O branco acredita no papel, nós no coração. Não nos criamos pelo papel, mas pelo espírito sagrado. (Felipe Brizoela, Aldeia Pindoty, 2012).

O conhecimento tradicional é milenar, é um valor que a gente tem, é sabedoria. É o nosso futuro, por que nossas crianças continuam aprendendo a medicina, a conviver com os parentes, a conviver com esse sistema cultural. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2011).

É dolorido quando as pessoas dizem que a gente está perdendo a cultura e tem que resgatar. A gente tem que fortalecer, não resgatar, por que a gente não perdeu. Está dentro de nós. (Cacique Eloir, Aldeia da Estiva, 2011).

Algumas observações indígenas se referem ao projeto inclusive como um estímulo para retomar e dar continuidade a atividades tradicionais da cultura Mbya que estavam sendo pouco utilizadas:

Este novo começo é na verdade uma retomada de questões que estavam um pouco esquecidas, como a troca de sementes, de alimentos e de remédios, o plantio de árvores e o cultivo de roças nas aldeias. A mata nativa tem tudo o que precisamos e o projeto é para nós esse novo começo. O projeto está trazendo as coisas antigas de volta. (Cacique José, Aldeia Campo Molhado, 2011).

Notei que o modo como alguns caciques coordenavam os encontros valorizava a interculturalidade, pois eles mantinham o modo Guarani de condução de suas atividades, mas faziam questão de incluir a participação dos técnicos Juruá, estimulando-os a falar. O cacique também estimulava as mulheres e os mais jovens a se expressar. Todos ficavam sentados em um grande círculo, enquanto quem estava com a palavra se levantava e ficava no centro, geralmente caminhando e falando, mantendo a atenção dos ouvintes. Eles falavam algumas vezes em guarani e algumas em português, possibilitando um resguardo, através da sua língua própria, daquilo que deveria ser conversado somente entre eles, sem que os Juruá tivessem acesso. Quando falavam em português, muitas vezes demonstravam valorização e gratidão pelo trabalho dos técnicos, mas também questionavam o que não concordavam e expressavam suas demandas. Os encontros, principalmente das aldeias do norte, se desenrolavam de uma forma que envolvia a todos em um clima em que estavam presentes a espiritualidade, a emoção, a arte e a afetividade. Geralmente o encontro terminava com música, através do coral da aldeia. E no final ocorria a despedida no modo Guarani, em que todos ficam em uma fila, inclusive os técnicos, e um de cada vez vai passando e se despedindo.

Tanto o modo de conduzir estas atividades, como alguns dizeres trazidos ao longo de todo o projeto refletem a importância que eles dão para um processo educativo que estimula as trocas de conhecimentos entre membros de diferentes aldeias e de diversas idades, e também a troca entre saberes de diferentes culturas. Estas manifestações remetem a outro elemento importante que observei ao longo do projeto, no que se refere a uma grande valorização da aprendizagem, tanto com relação a técnicas não indígenas, como entre os próprios indígenas, principalmente com a participação dos mais velhos:

Através do projeto estamos aprendendo com o conhecimento dos técnicos, mas também com a gente mesmo, com os mais velhos e com o pessoal das outras aldeias. (Cacique Eloir, Aldeia da Estiva, 2012).

O projeto é um compromisso que temos em trabalhar e aprender juntos. (Cacique Miguel, Aldeia de Riozinho, 2012).

O reconhecimento, por parte dos indígenas, da importância das técnicas trazidas pelo projeto e, ao mesmo tempo, de manter os saberes tradicionais, também se reflete nas falas relacionadas com a continuidade, que retratam uma vontade de que o projeto continue, mas de um modo em que eles consigam manter sua autonomia. Ao mesmo tempo em que valorizam o projeto como grande oportunidade, também percebem que precisam ter cuidado para não desenvolver uma dependência dos não indígenas para a realização das atividades.

O projeto vai continuar por muito tempo (Cacique Sérgio, Aldeia da Varzinha, 2012).

Queremos o projeto por mais dois, três, muitos anos. O plantio é muito importante para nós, Guarani. Em alguns anos as árvores estarão dando frutos. A continuidade do projeto é muito importante. (Cacique Eloir, Aldeia da Estiva, 2012).

O projeto precisa continuar mais um tempo, mas não é pra vida toda. Nós precisamos nos fortalecer para continuar por nossa conta, sem precisar de projetos. (Felipe Brizoela, Aldeia Pindoty, Riozinho, 2012).

Estas constatações são relevantes, pois a simples absorção de técnicas não indígenas, sem a devida valorização da sua própria cultura, poderia ser considerada como uma interferência negativa na tradição indígena, uma imposição com características dominadoras, ainda com traços colonialistas. Mas em uma concepção de dinamismo cultural, esta conjunção entre diferentes culturas pode deixar de ser considerada como uma interferência, como algo negativo que está “aculturando” os indígenas e prejudicando a continuidade de sua tradição, mas como um processo que vem trazendo ideias importantes para a situação atual das aldeias, ao mesmo tempo em que procura respeitar o tempo e a cosmologia indígena, oferecendo incentivo para a valorização e a continuidade dos saberes tradicionais.

Autores como Menezes e Bergamaschi (2009), refletem sobre o fato da cosmologia Guarani não ser estática, e dos índios também se modificarem, como todas as sociedades, estando sempre se movimentando e se recriando. Este movimento contínuo de recriação é relatado por Claudino (2010), referindo-se aos povos indígenas Kaingang como uma sociedade que vem se transformando ao longo do tempo, influenciada pela cultura não indígena, e que da mesma maneira como, de um modo geral, as sociedades mudam, isto não é diferente para os povos indígenas. No entanto, estes povos conseguem manter uma lealdade à sua identidade cultural e étnica, o que

constitui uma característica de sua dignidade pessoal. Este autor, representante indígena Kaingang, ressalta que para preservar a lealdade a este modo de ser, com sua cultura e ritualística, onde se manifestam heranças tradicionais muito antigas, a terra é um fator essencial e prioritário, através do qual os índios podem manter seu modo de vida, se adaptando às transformações socioeconômicas, plantando seus alimentos, coletando e produzindo artesanato. Neste sentido, uma interferência com relação a técnicas agroecológicas, quando necessário, poderia terminar se transformando em um fator de contribuição para a melhoria ambiental da terra, a qual se constitui em elemento fundamental para a continuidade do modo de vida tradicional indígena.

É importante ter a clareza desta integridade, esta lealdade à identidade cultural e étnica, que é mantida na tradição indígena, e o reconhecimento de que os Guarani possuem a liberdade de escolha e somente vão optar por determinada tecnologia se quiserem, no momento e na forma que desejarem. Houve situações, durante o projeto, em que alguns Guarani aceitavam determinadas propostas, mas não davam continuidade, às vezes por não quererem realmente e terem dificuldade de dizer não, conforme a explicação do Cacique Miguel, da aldeia de Riozinho, ou outras vezes por que algo não funcionou da forma como gostariam e, neste caso, a importância de estarmos sempre alimentando o diálogo e a confiança para que nos digam os motivos.

Echeverry (2008) relata a existência de dificuldades relacionadas com a diversidade de interesses e expectativas envolvidas em projetos que reúnem diferenças institucionais e culturais. O autor desenvolve uma reflexão sobre o diálogo de saberes, não somente como uma troca de conhecimentos, ideias, discursos, significados, mas como uma relação entre sujeitos socialmente situados, que possuem diferentes visões de mundo, interesses, saberes, habilidades e formas de viver, pensar e sentir. Deste modo, este diálogo de sujeitos constitui uma arte política, portadora de um caráter intersubjetivo. Mais do que discursivo e intelectual, é uma relação social e política, um diálogo entre sujeitos em uma relação de confiança e respeito.

Esta relação não é um caminho pronto, simples e harmonioso, sem dificuldades. Se trata de uma aproximação que precisa ser construída e cuidada, com muita sinceridade, flexibilidade e abertura para se transformar, incluindo diálogos, negociações, reflexões, podendo resultar em vínculos de amizade e companheirismo, com transformações e aprendizagens mútuas.

Neste sentido, Echeverry (2008) expõe a importância de que a análise de processos interculturais e de diálogos de saberes tenha como base a identificação dos

sujeitos participantes e a sua inter-relação, tornando-se um tema social, não só intelectual. O autor se refere a uma ciência das relações, mais do que uma relação entre ciências. Este saber dos diálogos é considerado como um saber manter alianças e relações fecundas, não significando somente o saber do outro, mas saber sobre o outro, reconhecer e respeitar o outro como sujeito, contemplando ainda o processo de saber de si, de se conhecer. Este autoconhecimento pode contribuir para outro elemento da interculturalidade, o qual é abordado por Canclini (2007): o como aprendemos a ser interculturais ao nos relacionarmos uns com os outros, em um processo dinâmico que inclui relações de entrelaçamento, negociação, trocas, empréstimos e conflitos, nas quais os diferentes são o que são.

Nessa aprendizagem da interculturalidade, Silva e Nornberg (2009) destacam a importância de um diálogo intercultural que permita que cada indivíduo seja aceito como legítimo na sua forma de ser, pressupondo a abertura para rever e transformar hábitos e convicções, construindo outros modos de ser, estar, viver, pensar, aprender e ensinar, em uma visão de diversidade e reciprocidade cultural, com contribuições mútuas e crescimento conjunto.

Com essa abordagem, torna-se importante um movimento de se colocar no lugar do outro e de buscar mais profundamente compreender o seu modo de pensar. Kush (2000) busca uma compreensão profunda do pensamento indígena, a partir de dentro, e põe em evidência uma grande diferença entre o pensamento indígena e o ocidental, considerando-os respectivamente como pensamento seminal e causal. O seminal (indígena) é interno, vem do âmago, da origem, não precisa de muita explicação, pois se sente, se vive, no aqui e agora. O causal (ocidental) busca as causas externas e a delimitação dos problemas para um enfrentamento com mais eficiência. O autor coloca como exemplo da dificuldade de integrar estes diferentes modos de pensar, uma situação de seca em que é oferecida uma solução externa, tecnológica, a bomba hidráulica, mas a qual o ancião indígena rejeita por preferir a solução tradicional ritualística.

Um exemplo semelhante ocorreu durante o desenvolvimento da atuação do IECAM. Na primeira vez que foi sugerida a construção de um viveiro para a produção de mudas e o posterior plantio nas aldeias, a resposta Guarani foi de que eles não iriam plantar, pois Nhanderu é que planta as árvores. No entanto, com a continuidade da convivência e dos diálogos entre a coordenadora do instituto e os indígenas, chegou um momento, após um período de dois anos, em que eles decidiram que poderiam “ajudar Nhanderu, plantando árvores”. Atualmente o viveiro é considerado como um elemento

importante da aldeia, e que está sendo solicitado por outras aldeias. E durante o desenvolvimento do atual projeto houve uma fala importante do cacique José neste sentido:

Este projeto não é dos humanos, é de Nhanderu. Nhanderu sempre trazia sementes, e agora está trazendo através do projeto. (Cacique José, Aldeia Campo Molhado, 2012).

O cacique José se refere ainda ao fato de sempre rezar pelos Juruá que trabalham com eles, para que possam ter saúde e conseguir vencer as dificuldades para a continuidade dos trabalhos. Há aqui um entrelaçamento entre uma visão cosmológica guarani e uma solução ocidental proposta por uma instituição. Albert (1995), referindo-se ao discurso político indígena Yanomami, também o descreve como uma mistura entre categorias do pensamento ocidental e uma reelaboração cosmológica de fatos relacionados com este encontro intercultural, constituindo “duas faces equivalentes e interdependentes de um mesmo processo de construção simbólica da história imediata”.

5. CONSTRUÇÕES INTERCULTURAIS SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL GUARANI

Como fazer educação ambiental se não tem terra, não tem floresta? Como o branco que destruiu vem plantar e querer que a gente plante? (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2011).

O Índio não gosta que o branco venha dizer o que tem que fazer. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2011).

Este capítulo propõe uma construção intercultural sobre algumas especificidades de processos educacionais ambientais desenvolvidos com povo Guarani, tendo como base suas percepções sobre ambiente, interculturalidade e Educação Ambiental, bem como as demandas que se apresentaram durante o desenvolvimento do trabalho. Trago esta reflexão considerando a importância de que processos educativos ambientais em aldeias Guarani possam respeitar suas especificidades, com suas formas de organização, ritmos e jeitos de aprender e de ensinar.

Procurou desenvolver um diálogo entre as percepções Mbya, minhas próprias percepções e as de técnicos do IECAM, bem como ideias e visões de alguns autores da educação ambiental. Esta construção conjunta visa levantar elementos que possam contribuir para reflexões referentes não só a questões metodológicas, mas também sobre qual seria a concepção de uma Educação Ambiental Guarani, quais os seus objetivos, como seria o papel do educador ambiental e a sua forma de se relacionar com estes povos. A ideia não é de propor princípios ou construir métodos, mas de suscitar novas reflexões.

Percepções ambientais Guarani indicam como essencial para este tipo de iniciativa, a visão integrada entre cultura e ambiente, em um processo de conexão entre diversas dimensões, como ecológica, social, econômica, política, cultural, educacional e da saúde, em uma perspectiva de Educação Ambiental que integra sustentabilidade ambiental e social. Mas para essa integração entre cultura e ambiente, torna-se importante perceber que tipo de visão nós temos sobre ambiente e sobre cultura. A conexão pressupõe uma visão ambiental que não poderia ser preservacionista, em termos de uma natureza intocada, e sim uma concepção que valoriza as interações e o papel humano na constituição das paisagens. E a cultura precisa de uma visão dinâmica, que considera a possibilidade do povo Guarani passar por transformações culturais, adquirir outras tecnologias e técnicas de manejo ambiental, sem que percam sua essência cultural. Neste sentido, torna-se importante considerar as mudanças ao longo do tempo, bem como as diferenças individuais, familiares e entre aldeias.

A Ecopedagogia, conforme Ruscheinsky (2002, 2004), é uma abordagem educacional ambiental que integra a dimensão ambiental e a social, trazendo aspectos como a educação comunitária, questões políticas e de cidadania, e o papel das organizações e movimentos populares. Gadotti (2000, 2003) identifica nesta pedagogia a abordagem de Paulo Freire, partindo do cotidiano e das necessidades dos indivíduos e coletividades, em relações dialógicas direcionadas para a autonomia. Além disso, segundo Avanzi (2004), a abordagem ecopedagógica trabalha com um conjunto de referenciais que inclui a visão dos povos indígenas latino-americanos, junto a conhecimentos e reflexões de autores como James Lovelock, Fritjof Capra e Leonardo Boff, em uma concepção de cidadania planetária.

O caráter cultural da relação com o ambiente também é enfatizado na corrente etnográfica, identificada por Sauv  (2005) como uma perspectiva da educa o ambiental que considera a cultura de refer ncia das comunidades trabalhadas, de modo a n o impor saberes e vis es de mundo. Al m de buscar adaptar a pedagogia a diferentes realidades culturais, esta abordagem tamb m se inspira nas vis es educacionais de diferentes culturas que apresentam rela es diferenciadas com o ambiente.

Para que se possa alcan ar esta rela o, observei a import ncia de que a EA n o seja considerada como algo pronto, um planejamento fixo, mas que tenha caracter sticas de abertura, flexibilidade, constru o e transforma o cont nuas, com a participa o ativa das lideran as e comunidades nos projetos, incluindo as fases de elabora o, execu o e avalia o. Para exemplificar este processo, apresento aqui um relato da presidente do IECAM, Denise Wolf, com rela o   proposta de constru o do viveiro, que foi feita com base na demanda manifestada pelos Guarani com rela o   falta de esp cies vegetais necess rias para o artesanato:

Quando apresentamos na aldeia da Lomba do Pinheiro a proposta de construir um viveiro/estufa para multiplicar, semear, cultivar e depois plantar nas aldeias esp cies vegetais nativas para eles importantes, a proposta foi inicialmente rejeitada por alguns, mas solicitaram um tempo para pensar, refletir, conversar, rezar, sonhar, e conversar com os *Karai*. As quest es do espa o, do uso da terra e especialmente as “quest es” espirituais envolvidas eram muitas e significativas. Ap s cerca de dois anos concluíram que havia chegado a hora de “ajudar” *Nhanderu* (Deus, Pai, Criador). Ent o se partiu para a elabora o conjunta do projeto arquitet nico, para a localiza o do viveiro, constru o e “ben o” do *Poarendu*. (WOLF, 2011).

Al m da import ncia da atua o partir das necessidades apresentadas pelos Mbya, o processo mostrou a necessidade de se ter abertura para ir acrescentando demandas que possam ir surgindo ao longo do trabalho. No caso deste projeto desenvolvido pelo IECAM, embora o foco inicial tenha sido a produ o de mudas para

suprir a necessidade de matéria-prima para o artesanato, uma demanda importante que surgiu posteriormente foi trabalhar em conjunto para garantir que todas as aldeias tenham novamente suas casas de reza (Opy).

Tem a preocupação de material para construção da Opy, porque algumas aldeias não têm condições e falta matéria prima. É preciso adquirir material, transportar e ter alimento pra fazer o mutirão de construção da Opy. (Professor Hugo França, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2012).

A construção da Opy é um exemplo que através de uma visão disciplinar poderia parecer não consistir em uma demanda ambiental, mas está diretamente relacionada com essa questão, pois constitui o local onde os Mbya trabalham sua espiritualidade, fortalecendo sua cultura, saúde, educação, agricultura, alimentando a cosmologia e o modo de ser ecológico.

Com esta visão unificada entre as diversas dimensões relevantes para uma comunidade humana, os objetivos e metas de uma EA Guarani vão incluindo uma diversidade de aspectos, compondo o conjunto de condições necessárias para que possam ter uma vida de qualidade, como territorialidade, recursos naturais, segurança alimentar, habitação, saúde, educação, geração de renda, saneamento, coleta de resíduos, etc., abrangendo o apoio (meios, condições, materiais, estruturas físicas adequadas) para que estes povos consigam manter suas tradições, ritos e costumes, incluindo seus hábitos ecológicos originais, que respeitam a capacidade natural de suporte e renovação dos ecossistemas, como a pesca, a coleta e o uso de plantas, fibras e sementes; o armazenamento, o cuidado e a troca de sementes. As sementes constituem um elemento de grande importância que, de acordo com Heckler (2006) possibilita aos indígenas o aumento de auto-estima, de autonomia e de fortalecimento cultural.

Não adianta vir aqui na aldeia só pra perguntar sobre nossa cultura, nossa cosmologia, tem que trabalhar nossas necessidades, ver o que falta. Tem que caminhar junto, abraçar a causa indígena. Abraçar não é só o amigo, é abraçar a causa. Não podem ser só palavras vazias, tem que falar com o coração, tem que caminhar junto. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2011).

Portanto, este tipo de atuação precisa se direcionar para uma conjugação de saberes, esforços e ideias, incluindo a articulação entre conhecimentos de diferentes áreas, culturas, instituições e funções em processos organizativos que tenham como objetivo a causa indígena, em uma visão colaborativa e não competitiva, com uma boa comunicação e divisão de tarefas, formando parcerias e redes de ações. Esta visão inclui a dedicação para obtenção de avanços na construção e aprimoramento, execução e monitoramento de políticas públicas indígenas de acordo com as demandas específicas

desta cultura e, quando necessário, incluir o pressionamento de órgãos públicos para a exigência do cumprimento dos direitos indígenas.

Berkes (2009) destaca o papel importante das organizações, construindo pontes, facilitando uma tradução de conhecimentos, gerando aprendizagens coletivas e criando mecanismos nos quais saberes individuais podem ser compartilhados e reforçados, através de abordagens participativas, por exemplo. Este autor ressalta a importância da aprendizagem social, através da integração entre reflexão e ação e da solução conjunta de problemas, com a partilha de experiências e de ideias.

Como uma das dificuldades apresentada pelos Guarani para resolver algumas questões foi a do envolvimento de todos os membros da aldeia; o educador ambiental teria ainda uma função motivadora, de articulação e incentivo, proporcionando espaços e meios para a reunião da comunidade na identificação das suas demandas, integração dos seus saberes e ideias na resolução de problemas e, quando necessário, articulação com conhecimentos, técnicas e estruturas de outras culturas, com o devido respeito para com as decisões indígenas.

Este novo começo é na verdade uma retomada de questões que estavam um pouco esquecidas, como a troca de sementes, de alimentos e de remédios, o plantio de árvores e o cultivo de roças nas aldeias. (Cacique José, Aldeia Campo Molhado, 2012).

Também é importante o estímulo à consolidação de multiplicadores indígenas, trabalhando com agentes de saúde e de saneamento, professores, lideranças e outros interessados, em processos formativos que proporcionem o suporte necessário e espaços de reflexão, construção e troca de experiências, de modo a contribuir para a fortificação da pedagogia Guarani. Assim, elementos novos podem ser inseridos espontaneamente, através das práticas e ritmos próprios deste povo, com a sua forma de ensinar e de aprender. Além disso, este processo contribui para a valorização e o cultivo da sua própria cultura, através da promoção de atividades, como oficinas e encontros, em que ocorram trocas de ideias entre as aldeias e onde os mais velhos possam transmitir seus saberes para os mais jovens.

Neste sentido, é de grande relevância a promoção de encontros que sejam dirigidos pelos próprios Guarani, para discutirem livremente suas questões, em que haja momentos com a participação da equipe não indígena, para que eles possam apresentar suas demandas e os resultados de suas reflexões. A troca de saberes proporcionada pelos encontros, entre pessoas mais velhas e mais jovens, provenientes de aldeias mais afastadas e mais próximas das cidades, foi considerada um elemento de contribuição

para a valorização e o fortalecimento da cultura Guarani. A fala de Talcira Gomes, Cunhã Karaí da aldeia da Estiva, se referindo ao encontro entre as aldeias para colheita de pinhão e confecção de erva mate, mostrou esta importância:

Vivemos nestes dias a verdadeira vida guarani. (Talcira Gomes, Aldeia da Estiva, 2012).

Nesta ocasião, alguns jovens relataram a importância do encontro como uma forma das aldeias valorizarem seus conhecimentos ancestrais e de se sentirem mais fortes e orgulhosos da cultura guarani. Esta importância de “viver a vida Guarani” também se manifestou durante o encontro sobre as árvores, realizado na aldeia Itapoty, onde o Cacique José falou que estes encontros vão além de uma troca de saberes, sementes e alimentos, abrangendo a vivência da cultura Guarani. Este cacique expressou sua visão sobre a relação entre a vivência dos encontros e o fortalecimento cultural:

Gosto muito destes encontros onde além de discutir trabalho e cultura, nos encontramos com nossos parentes, tomamos chimarrão, fumamos petyngué, o que nos deixa fortes e com coragem de plantar, colher e manter a cultura. (Cacique José, Aldeia Campo Molhado, 2012).

As ideias levantadas pelos Guarani para o trabalho de EA refletem a sua cosmologia, com seus valores e suas conexões, como a relação entre educação, espiritualidade, ecologia e valores humanos. As suas sugestões de como abordar a questão dos resíduos, por exemplo, partiam de relações com saúde, alimentação, agricultura, terra, animais, turismo e economia.

A relevância da troca, da reciprocidade foi trazida com bastante ênfase, como sugestão para abordar e envolver as pessoas. Por exemplo, o indígena Ariel, que ajuda no trabalho do viveiro e do plantio de mudas, deu a sugestão de falar sobre os resíduos durante as visitas às famílias para oferecer mudas de árvores frutíferas.

Tem que ter troca pra falar, se não índio não aceita. Antigamente levava fumo. Porque levou presente tem liberdade pra falar. Só chegar falando o índio não aceita. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2011).

Tem que ganhar a confiança, envolver, “amarrar” a aldeia, trazer recurso, como por exemplo, o alimento pra reunir as pessoas e fazer mutirão. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2013).

Se eu chegar falando pra juntar o lixo, a pessoa fica ofendida, tem que chegar e cumprimentar, conversar, perguntar como está a saúde, como estão as crianças. Se não quiserem conversar, por que faltou comida, a gente não fala. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2011).

Observei a importância de respeitar o tempo necessário para cada mudança, de acordo com o ritmo próprio dos Guarani, sem exigências de resultados. No início tive dificuldade de lidar com este tempo diferente e de conciliar com as metas do projeto no

qual trabalhava e com minha dinâmica interior, que é fruto de outra cultura. Esta relação foi para mim um elemento de grande aprendizagem. Trago aqui um trecho de meu diário de campo, buscando exemplificar sentimentos contraditórios.

Me sinto entre dois mundos muito diferentes. De um lado há um projeto, com grandes metas, um contrato de trabalho, um financiamento, os relatórios para a verificação de resultados. De outro lado, um povo, com suas tradições, hábitos, modo de ser e ritmo. Mas estes dois mundos possuem coisas em comum: o interesse de lideranças indígenas em melhorar as questões de plantio e dos resíduos na aldeia, e a abordagem utilizada pela ONG, de escuta, respeito e atuação com base nas demandas apresentadas pelos índios. Mesmo assim, há fortes diferenças, principalmente em relação a expectativas quanto ao tempo para atingir resultados. Sinto que há muito a aprender. (Diário de Campo, 2011).

A importância do respeito com relação ao tempo de cada pessoa e de cada povo foi visível durante uma conversa que tive com o jovem que ficou responsável pelo grupo de trabalho que tratava do tema dos resíduos, na aldeia da Varzinha. Quando perguntei como estava esta questão, ele respondeu da seguinte forma:

É difícil, mas vai aos poucos. (Mário Benites, Aldeia da Varzinha, 2012).

Também foi nítida, na EA Mbya, a relevância do aspecto artístico e histórico, dos desenhos, da cultura oral e da valorização do conhecimento dos mais velhos. Após as primeiras conversas com os educadores e o primeiro encontro em que foi lançada coletivamente a questão do lixo, um dos professores espontaneamente começou a desenvolver este tema com os alunos e depois veio me contar sobre os métodos utilizados:

Nós conversamos sobre como o lixo era antigamente e atualmente. Os alunos fizeram pesquisa, conversando com os mais velhos. Era só orgânico, só tinha cascas de alimentos. Não tinha papel, lata. Quem trouxe pra aldeia foi a gente, por isso temos que saber como tratar. Na visão Guarani queimar lixo não é problema. Então fizemos o desenho do planeta. O ar tem uma camada. É importante ver que quando queima o lixo, a fumaça vai pro ar, mas não some. (Professor Jerônimo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2011).

O uso de mapas se mostrou como elemento de grande auxílio, principalmente no planejamento coletivo das ações e do manejo de áreas, aproveitando o interesse indígena nesta atividade e sua admiração por imagens, com grande noção espacial e potencial para expressão através desenhos e leitura e interpretação de imagens. A arte tem grande relevância na vida Guarani, sendo uma fonte de expressão de sua relação com a natureza, através da dança, música, desenhos e artesanato. De acordo com Ingold (2000), a arte pode ser vista como um modo de explorar mais profundamente o mundo, descobrindo seus significados e dando forma aos sentimentos, vistos como forma de engajamento perceptivo e ativo no mundo, através da ecologia da vida.

5.1. CONTRIBUIÇÕES MBYA GUARANI PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Leff (2003, 2009) propõe uma nova racionalidade, integradora dos potenciais da natureza e da humanidade, das identidades culturais e dos valores humanos em sistemas produtivos sustentáveis, elaborados e implantados por meio de processos dialógicos, de troca e de conjugação de saberes. As bagagens culturais de diversos povos podem contribuir para estes questionamentos e transformações, oferecendo elementos para o enriquecimento cultural da sociedade. A cultura Guarani apresenta poderosos ensinamentos neste sentido, conforme pode ser observado a partir de suas percepções ambientais e da relação com saberes e práticas que estão sendo buscados através da Educação Ambiental. O valor da sabedoria Mbya também aparece fortemente em relatos de transformações das pessoas que passam a interagir com essa cultura e a vivenciar um pouco da vida das aldeias.

Nesse sentido, relato um pouco de minhas vivências, embora me pareça impossível representar através das palavras o processo de transformação, aprendizagem e cura pelo qual passei durante a convivência com os Guarani, bem como descrever sentimentos, sensações, contemplações e estados de consciência que me envolveram em muitos momentos. O que posso apresentar, de modo muitíssimo simplificado são sentimentos de paz, tranquilidade e conexão com a natureza e a plenitude da vida. Lembro, por exemplo, do dia em que eu estava indo com um colega para a Aldeia de Granja Vargas, quando o carro atolou e precisei caminhar até a aldeia para pedir ajuda. Quando entrei na área dessa aldeia tive a nítida sensação de penetrar em outra dimensão, outro tempo, outra energia, em que um imenso e profundo sentimento de paz e de amor tomou conta do meu ser.

Trago também no coração um sonho que tive, muito intenso e vivo, com uma imagem nítida que brilhava em cores vivas:

Eu deslizava por um caminho lindo, margeado por uma mata de grande diversidade de formas e tons de verde. Parecia que uma força me empurrava por aquele caminho, que terminava em uma água, na qual penetro e que me envolve inteira, se transformando em um vazio. Me senti imersa nesse vazio que é pleno, onde não sinto falta de nada. Acordo nesse momento, já é de manhã e estou em Riozinho, no dia em que estava marcado de eu ir à aldeia Campo Molhado. Para ir a essa aldeia, caminho por uma estrada de terra que se torna cada vez mais estreita, rodeada por mata, até chegar naquele ambiente de imensa paz, ser recebida por sr. José, com seu sorriso e tranquilidade, ser conduzida até uma casa de xaxim, com fogo, milho coloridos, cestos e peças artesanais, receber um chimarrão e conversar com ele tranquilamente, recebendo seus ensinamentos. Momentos depois, quando estava sentada em uma pedra, em silêncio, com sr. José sentado a minha frente, em um ambiente acolhedor, com árvores e algumas mesas e bancos de bambu e madeira feitos por ele, a imagem do sonho me veio novamente, com a sensação de ser deslizada por um caminho

até um vazio pleno. Permaneci neste vazio por alguns segundos que me pareceram uma eternidade. (Diário de Campo, 2013).

Silveira (2013) descreve com muita profundidade sua experiência na Aldeia Guarani da Lomba do Pinheiro, ressaltando alguma alteração no nível de consciência e a densidade da vivência de elementos de outra dimensão, com outras possibilidades de funções mentais e estados diferenciados de atenção. Em seu trabalho, relaciona esse estado psíquico com um modo de ser sensível e atento a si mesmo e ao outro, em que a natureza ocupa espaço privilegiado na vivência do estar, em modos diferenciados de atenção, escuta e valorização dos integrantes do universo. A presença forte do fogo e dos outros elementos naturais, o silêncio e a vivência em uma lógica do tempo relacionada com a dimensão espiritual, provoca uma forma peculiar de conexão com a natureza, em um modo mais elevado de estar e de trocar que passa a integrar a dimensão psíquica, constituindo outras lógicas que passam a poder ser acessadas mesmo quando não se está nas aldeias. A autora ressalta que quando se está com o coração aberto e o interesse genuíno, torna-se muito difícil não ser tomado por este encantamento e não ser sensibilizado.

Essa sensibilização é uma qualidade que tem sido fortemente buscada na Educação Ambiental. Encontro profunda ligação entre esse tipo de relato, o que eu senti, e textos de autores que tratam de algumas abordagens da EA. Unger (1991) desenvolve com grande profundidade e beleza a necessidade atual de um reencantamento da nossa relação com a natureza, através de um reencantamento do nosso olhar. Para a autora, a crise da civilização atual é a expressão de uma crise de visão de mundo, de uma sociedade fragmentada, que dissociou unidade e diversidade, corpo e espírito, ser humano e universo. A transformação da sociedade precisa estar vinculada à transformação pessoal, interior, no sentido da religação, da experiência que nos liga novamente à natureza, ao Cosmos, a nós mesmos. O reencantamento do mundo significa redescobrirmos nossa essência, aquilo que nos constitui.

Atualmente, muitas pessoas estão em um movimento de busca de suas essências e ancestralidades, em processos de reconexão espiritual e ecológica. Faz alguns anos que tenho observado e participado de uma rede de movimentos em que indivíduos do mundo inteiro são atraídos por vivências ecológicas e espirituais, participando de grupos, organizações, eventos, retiros, peregrinações, etc. Muitas vezes deixam suas profissões, sua vida urbana, de correria e de consumo, passando a viver no meio rural, de um modo mais simples, comunitário ou em redes de reciprocidade. Noto o interesse de grande

número de pessoas em conhecer aldeias indígenas e o quanto são profundamente tocadas quando conseguem visitar alguma aldeia e ter momentos de vivência.

Carvalho e Steil (2008) usam o termo “práticas de cultivo de si”, se referindo à convergência das dimensões ecológica e espiritual, nesse caminho que faz da conexão com a natureza uma forma de integração pessoal com a totalidade, buscando a saúde e o bem-estar espiritual, mental e físico. Essa espiritualidade, segundo Cardoso (1995), difere da concepção dualista que separa espírito e matéria. Em uma visão holística, é considerada como uma forma de integração teórica e vivencial com a totalidade cósmica, através da dimensão pessoal, social e planetária, no sentido da origem do termo religião (religare), como caminho que reconecta nosso ser ao Ser total.

Por outro lado, nas conversas com alguns Guarani, percebo uma vontade de receber pessoas em algumas aldeias, de mostrar seu modo de ser, de provocar outros tipos de vivência. Há aldeias que já estão recebendo grupos, como a da Lomba do Pinheiro, da Estiva e do Campo Molhado, mas algumas falas demonstram a necessidade de mais estruturas e apoio. Um Mbya da aldeia da Estiva, me falou da sua vontade de fazer um quiosque, uma construção de barro e taquara, “tipo uma mini Opy”, com fogo, comida típica, artesanato, para mostrar sua cultura e para as pessoas poderem “experimentar um pouquinho da vida Guarani”. O cacique Cirilo reside na casa onde recebe os grupos e mostra a necessidade de construir sua própria casa, para que a atual possa ser dedicada a este trabalho. O cacique Miguel disse que quer fazer uma “Casa de Artesanato” e que também gosta de dar palestras nas escolas da região.

O Ecoetnoturismo pode ser um elemento de grande potencial para a Educação Ambiental, em uma abordagem que integra a valorização da diversidade cultural e ambiental, se for realizada em aldeias que tenham interesse e de acordo com as características de cada área, de um modo construído com as comunidades, com respeito ao ritmo e tempo característico do seu modo de ser.

Os Guarani tem que saber o que querem mostrar e as visitas não podem ser todos os dias, pois a aldeia precisa ter o tempo pra si. Tem que ser de forma planejada, uma ou duas vezes por semana, pois se ocorrer todos os dias vai mudar o tempo da aldeia. (Cacique Eloir, Aldeia da Estiva, 2013).

Os Mbya nos trazem lições de vida essenciais, que podem contribuir para uma visão de mundo ecológica, com mais cooperação, harmonia e coerência entre palavra e ação. A partir de uma desconstrução da separação entre natureza e cultura que poderia ser alcançada com a aprendizagem a partir da visão indígena, Descola (2002) vislumbra uma nova paisagem antropológica multidimensional, em que todos os elementos naturais

e as criações humanas possam ser considerados dentro de um mesmo conjunto de relações.

Ao longo deste projeto pude observar o potencial educativo Guarani, com a sua forma oral, vivencial e criativa de transmissão de saberes, em grande riqueza de representações visuais, manifestações artísticas e culturais, as quais podem ser cultivadas em atuações educacionais ambientais. Os conhecimentos, as práticas e as manifestações artísticas e culturais indígenas podem ser mais difundidos e valorizados, com a organização de eventos, palestras, filmes, exposições fotográficas e de artesanato, apresentações culturais e artísticas, produção de filmes, materiais didáticos e informativos, livros, etc., de modo que estas atividades possam se constituir em formas de geração de renda para os indígenas.

Herculano (2007) salienta a relevância do estímulo à participação indígena na sociedade, de modo a proporcionar mudanças na nossa representação de índio no Brasil, na qual ainda predomina o preconceito e a opressão cultural. Através do trabalho do IECAM, eu participava de eventos e exposições, onde conversava com o público e respondia suas questões e curiosidades em relação aos Guarani. Nestes momentos, eu percebi o distanciamento que algumas pessoas possuem destes povos, com visões distorcidas e permeadas por dúvidas, preconceitos e críticas. Houve ocasiões em que os Guarani se referiram a este distanciamento, como por exemplo, o Cacique Miguel comentou o fato de que muitas vezes as pessoas falam dos índios sem saber sobre qual etnia estão se referindo, sendo que cada etnia tem sua forma de ser e de fazer as coisas. E o Cacique Eloir abordou a questão de que a visão que as pessoas possuem se baseia muito nos livros, em que a referência é sobre os índios do passado, sendo que o Guarani já mudou muito, sem deixar de ser Guarani.

O Ecoetnoturismo e as visitas de grupos indígenas em escolas podem ajudar na implementação da lei 11.645/2008¹⁰, além de contribuir para a Educação Ambiental e enriquecer o ensino de vários conteúdos. Na estrutura de divisão disciplinar, os temas transversais são vistos separadamente, mas penso que temáticas como ambiente, pluralidade cultural e étnica poderiam ser abordadas de forma mais integrada. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, ambiente e pluralidade cultural são dois temas cuja abordagem é indicada através de temas transversais. A transversalidade é vista como uma forma de que as temáticas possam permear todas as áreas de

¹⁰ Lei federal que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

conhecimento, em uma visão abrangente e de forma articulada com a realidade do entorno (BRASIL, 1997).

Na prática, existem potencialidades na articulação e integração destes temas que poderiam ser mais aproveitadas, tanto na educação formal como não formal. A própria educação poderia se tornar mais intercultural, no sentido de valorizar a integração de saberes e ideias provenientes de diferentes culturas, em uma perspectiva de reciprocidade, contribuição mútua e crescimento conjunto.

As tradições precisam se comunicar, porque a tradição que guarda a lembrança da criação do mundo, que tem essa memória e esse aprendizado no sonho, pode, junto com essa tradição que avançou tanto nas tecnologias, buscar reverter o caminho que tem sido feito pelos homens tecnológicos, no sentido de curar a Terra. (BOFF & KRENAK, 1992).

Finalizo o capítulo com essas palavras de Ailton Krenak, indígena da nação dos Botocudos, como uma mensagem de interculturalidade, de integração de diferentes culturas em um objetivo comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade das questões ambientais e sociais da atualidade exige visões, valores e práticas que integrem conhecimentos das diferentes áreas da ciência com saberes tradicionais e populares; e que considerem as ligações entre as diversas dimensões de uma sociedade, como ambiental, social, cultural, econômica, educacional e da saúde. É necessário um questionamento do padrão de pensamento predominante da nossa sociedade, na sua tendência unidimensional, linear, fragmentada e estratificada, que alimenta dicotomias entre natureza e cultura, individualidade e coletividade, razão e emoção, espiritualidade e materialidade. Este padrão tem se estabelecido como visão de mundo, regendo ideologias, discursos, ações e escolhas civilizatórias. Há uma necessidade atual de desconstruções de padrões e de reconstruções, a partir de novas racionalidades, que reúnam diversas culturas, dimensões da sociedade e do ser humano, incluindo o sentimento, a afetividade, a profundidade.

Percepções ambientais Guarani remetem a uma concepção de mundo sistêmica, que integra ambiente e cultura, onde estão conectadas todas as dimensões da constituição de uma sociedade, como economia, saúde, arte e educação, tendo como centro integrador a espiritualidade, em um modo de vida comunitário, que reúne razão, emoção, intuição e ação. Com essa visão integradora, une temas e conecta aspectos que costumam ser considerados dicotômicos. O conhecimento destas visões, além de auxiliar em atuações que melhorem efetivamente as condições de vida destes povos, pode oferecer contribuições para a sociedade como um todo, no processo de superação da crise multidimensional que enfrenta na atualidade.

A cultura Mbya, com sua cosmovisão, seu jeito de ser, seus valores, saberes e práticas, sua arte e sua pedagogia, apresenta pontos de encontro com os objetivos e métodos que estão sendo construídos para a Educação Ambiental, podendo trazer contribuições para processos renovadores necessários à civilização, em termos de exemplos, inspiração, sensibilização, conhecimento e incentivo. Foi observado um interesse Guarani em mostrar elementos de sua cultura, de receber pessoas nas aldeias e de estabelecer relações de parceria que possam contribuir com algumas de suas demandas. Simultaneamente, observa-se atualmente um aumento do número de pessoas que procura conhecer estes povos e que busca um estilo de vida mais ecológico e comunitário.

No entanto, considerando-se a situação atual de algumas aldeias e as demandas que estão sendo apresentadas, destaca-se a importância de projetos educacionais

participativos interculturais nestas áreas, com objetivos de trocas de saberes e de melhoria ambiental, social e econômica. É importante que estas atuações tenham como base as percepções dos próprios Guarani, manifestadas através de um processo contínuo de diálogo, construção coletiva e troca de experiências, ideias e saberes; integrando também conhecimentos, técnicas e estruturas provenientes de outras culturas, de acordo com a necessidade.

A EA Guarani pode ser representada por um caminho que envolve dois direcionamentos complementares, em uma abordagem intercultural, de modo a trazer benefícios não só para estes povos, mas para a sociedade com um todo, contribuindo para uma integração entre os povos indígenas e a sociedade brasileira na identificação de novas formas de relação com o ambiente. As grandes diferenças culturais não constituem em impedimentos para estes processos, podendo, inclusive ser fonte de enriquecimento, desde que haja uma construção coletiva que respeite a cultura indígena e o seu ritmo próprio, com a potencialidade de novas configurações que integrem a dimensão simbólica, ritual e afetiva com o pensamento técnico e científico, em um processo dinâmico de transformação mútua, sem que se perca a integridade e a essência das tradições Mbya.

Processos educativos ambientais com abertura para a interculturalidade proporcionam a integração, a articulação e a troca de pensamentos e práticas entre diferentes culturas, na construção coletiva em direção a um objetivo comum, que favoreça a ambos os grupos sociais e ao cuidado natural, em uma perspectiva que integra a dimensão ambiental, social, cultural, econômica e política, envolvendo fortalecimento de etnias, participação em decisões políticas, conservação de recursos naturais, geração de renda, acesso ao mercado, justiça social e garantia de direitos. Esta concepção pode contribuir para a valorização das aldeias e para a provisão e a manutenção das condições necessárias à qualidade de vida destas comunidades, de um modo participativo e integrado à questão ecológica, favorecendo a conservação da biodiversidade e de mananciais de água, a recuperação de solos e a recomposição de paisagens, em uma perspectiva de desenvolvimento que integra aspectos como preservação ambiental, valorização étnica, autonomia cultural, justiça social e educação intercultural.

Elementos que são relevantes na cultura Guarani apresentam grande potencialidade na atuação educativa ambiental, como a troca, a partilha do alimento, a arte; e a visão de mundo unificada, de integração entre humanidade e natureza, entre razão e emoção, e entre questões de diversas áreas. É necessária uma valorização dos

saberes próprios da cultura Mbya, os conhecimentos sobre as plantas, os animais, a natureza como um todo, com todas as suas conexões, aproveitando os acontecimentos e as vivências cotidianas. É importante um trabalho continuado, que envolva toda a comunidade e que respeite o ritmo destes povos, mas que possa, ao longo do tempo estar internalizado no cotidiano da aldeia, fortalecendo a autonomia. Deste modo, este mesmo processo pode auxiliar na EA em geral e na educação formal e não formal, através da organização de áreas de visitação nas aldeias, promoção de eventos culturais e debates e apoio à participação indígena em instituições, sempre respeitando suas escolhas e tendo os cuidados necessários com relação à apropriação indevida de saberes.

Para esta abordagem é necessária a integração entre múltiplos saberes, métodos e técnicas, provenientes de diversas culturas, articulando conhecimento científico e tradicional, teórico e prático, mental e emocional, artístico e filosófico. Experiências desse tipo, integradas a propostas de pesquisa, podem contribuir para o aprofundamento de muitos aspectos interculturais, suscitando reflexões e construções em diferentes áreas de conhecimento, em uma visão transdisciplinar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERT, B. O ouro canibal e a queda do céu: uma crítica xamânica da economia política da natureza. *Série Antropologia*, Brasília, n 174, p.1-33. 1995.

ARHEM, K. Ecosofia makuna. In F. Correa (Ed.), *La selva humanizada: ecología alternativa en el trópico húmedo colombiano*. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología / Fondo FEN Colombia / Fondo Editorial CEREC, 1993. p. 109–126

ARMSTRONG, J. C. Em'owkin: a tomada de decisões que leva em conta a sustentabilidade. In: STONE, M. K.; BARLOW, Z. (Orgs.). *Alfabetização Ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2005. p. 39-45.

ARMSTRONG, J. C. Educação Okanagan para uma vida sustentável: tão natural quanto aprender a andar ou falar. In: STONE, M. K.; BARLOW, Z. (Orgs.). *Alfabetização Ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2005. p. 109-113.

AVANZI, M. R. Ecopedagogia. In: LAYRARGUES, P. P. (coord.). *Identidades da educação ambiental brasileira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p. 36-49.

BALÉE, W. Sobre a indigeneidade das paisagens. *Revista de Arqueologia*, Rio de Janeiro, v.21, n.2, p. 09-23. 2008.

BERGAMASCHI, M. A. Educação escolar indígena: um modo próprio de recriar a escola nas aldeias Guarani. *Caderno CEDES*, Campinas, v. 27, n. 72, p. 197-213, maio/ago. 2007.

BERKES, F. Evolution of co-management: role of knowledge generation, bridging organizations and social learning. *Journal of Environmental Management*, v. 90, p.1692-1702. 2009.

BERTHO, A. M. de M. *Os Índios Guarani da Serra do Tabuleiro e a Conservação da Natureza (Uma perspectiva etnoambiental)*. 2005. 224f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, Área Temática Sociedade e Meio Ambiente) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis 2005.

BOFF, L. *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*. São Paulo: Ática, 1995.

BOFF, L. *O despertar da águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1998. 174 p.

BOFF, L; KRENAK, A. Natureza e sagrado: a dimensão espiritual da consciência ecológica. In: UNGER, N. M. (Org.). *Fundamentos filosóficos do pensamento ecológico*. São Paulo: Loyola, 1992. p. 75-84.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação de temas transversais e ética*. Brasília: MEC/SEF, 1997. 146p.

BRASIL, Presidente da República do. Lei 9.795: Política Nacional de Educação Ambiental, 1999. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm. Acesso em dez. 2013.

BROCHADO, J. P. *An ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into Eastern South America*. Urbana-Champaign: University of Illinois. (Tesis Doctoral), 1984.

CANCLINI, Néstor Garcia. Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2007. Tradução Luiz Sérgio Henriques.

CAPRA, F. O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1982. 447 p.

CAPRA, F. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Tradução de Newton Roberval Eicheberg. 6.ed. São Paulo: Cultrix, 2001. 256 p.

CAPRA, F. As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002. 296 p.

CAPRA, F. Falando a linguagem da natureza: princípios da sustentabilidade. In: STONE, M. K.; BARLOW, Z. (Orgs.). *Alfabetização Ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável*. Tradução de Carmen Fischer. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 46-57.

CARDOSO, C. M. *A canção da inteireza: uma visão holística da educação*. São Paulo: Summus, 1995. 92p.

CARRARA, E. Um pouco da educação ambiental Xavante. In: SILVA, A. da, et al. *Crianças indígenas: ensaios antropológicos*. São Paulo: FAPESP, 2002. p. 100-116.

CARVALHO, I. C. M. Educação ambiental crítica: nomes e endereçamentos da educação. In: LAYRARGUES, P. P. (coord.). *Identidades da educação ambiental brasileira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p.13-24.

CARVALHO, I. C. M.; STEIL, C. A. A sacralização da natureza e a “naturalização” do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. *Ambiente & Sociedade*, Campinas, v.11, n.2, p. 289-305, jul/dez. 2008.

CATAFESTO DE SOUZA, J. O. Territórios e povos originários (des)velados na metrópole de Porto Alegre. In: *Povos indígenas na bacia hidrográfica do Guaíba*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Segurança Urbana. Coordenação de Direitos Humanos. Núcleo de Políticas Públicas para os Povos Indígenas, 2008. p. 14-24.

CATAFESTO, J. O. Cosmo-ecologia Mbyá-Guarani. In: FREITAS, A. E. de C.; FAGUNDES, L. F. C. (Orgs.). *Caderno de Direitos Humanos. Edição Núcleo de Políticas Públicas para os Povos Indígenas*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Segurança Urbana. Coordenação de Direitos Humanos, 2010. p.24.

CHAMORRO, G. *Terra Madura, Yvy Araguayje: fundamentos da palavra guarani*. Dourados: Editora UFGD, 2008. 367p.

CLAUDINO, Zaqueu Key. *Educação indígena em diálogo*. Pelotas: Editora Universitária/UFPEL, 2010. 98p. (Cadernos Projea II – Especialização – Rio Grande do Sul. Vol. II).

DESCOLA, P. Construyendo naturalezas: ecología simbólica y práctica social. In: DESCOLA, P.; PÁLSSON, G. *Naturaleza y sociedad: perspectivas antropológicas*. México: Siglo Veintiuno, 2001. p. 101-123.

ECHEVERRI, Juan Alvaro. Diálogo de saberes y meta-saberes del diálogo: uma perspectiva amazônica. *Revista Estudos Sociais Comparativos*, v.2, n.1, p. 16-45, Enero. 2008.

GADOTTI, M. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Peirópolis, 2000. 217 p.

GADOTTI, M. A ecopedagogia como pedagogia apropriada ao processo da Carta da Terra. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v. 12, n. 21, p.11-24, jan/jun. 2003.

GARNELO, Luiza. Cosmologia, ambiente e saúde: mitos e ritos alimentares Baniwa. *História, Ciências, Saúde*, Rio de Janeiro, v.14, p. 191-212, dez. 2007.

GIATTI, et al. Condições sanitárias e socioambientais em Iauaretê, área indígena em São Gabriel da Cachoeira, AM. *Ciência & Saúde Coletiva*, Mangueiras, RJ: Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, v.12, n.6, p.1711-1723, jan. 2007.

GUIMARÃES, Mauro. *A dimensão ambiental na educação*. Campinas: Papirus, 1995.

GUATTARI, F. *As três ecologias*. Campinas, SP: Papirus, 1990. 56 p.

GOBBI, F. S. Sobre formações aldeãs Guarani no Rio Grande do Sul. In: SILVA, G. F. da; PENNA, R. & CARNEIRO, L. C. da C. (Orgs.). *RS índio: cartografias sobre a produção do conhecimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p.169-178.

GOBBI, F. S. et al. Breves aspectos socioambientais da territorialidade Mbya-Guarani no Rio Grande do Sul. In: *Coletivos Guarani do Rio Grande do Sul: territorialidade, interetnicidade, sobreposições e direitos específicos*. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul / Comissão de Cidadania e direitos Humanos, 2010. p. 5-10.

GONÇALVES, C. Resíduos sólidos e líquidos na aldeia indígena, uma abordagem em educação ambiental. In: SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SÓCIOECONÔMICOS DO PANTANAL, 4, 2004, Corumbá. Anais do IV SIMPAN Sustentabilidade Regional. Corumbá: 2004.

HECKLER, J. M. *Sementes e saberes... Trocas e aprendizados com a cultura Guarani e a agroecologia*. 2006. 134f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

HERCULANO, E. F. Educação ambiental como contribuição para construção de valores: práticas e saberes do educador em uma comunidade indígena Terena. *Revista Eletrônica de Ciências da Educação*, Campo Largo, v. 6, n. 2, nov. 2007.

HOLMGREN, D. *Permaculture: principles and pathways beyond sustainability*. Australia: Holmgren Design Services, 2002. 286 p.

HUTCHISON, D. *Educação ecológica: ideias sobre consciência ambiental*. Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre, Artmed, 2000. 176p.

INGOLD, T. *The perception of the environment. Essays on livelihood, dwelling and skill*. London and New York: Routledge / Taylor & Francis Group. 2000. 178p.

KUSCH, Rodolfo. *Obras completas: tomo II*. Córdoba: Editorial Fundación Ross. 2000.

LADEIRA, M. I.; MATTA, P. *Terras guarani no litoral: as matas que foram reveladas aos nossos antigos avós*. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 2004.

LEFF, E. (coord.). *A complexidade ambiental*. São Paulo: Cortez, 2003.

LEFF, E. *Ecologia, capital e cultura: a territorialização da racionalidade ambiental*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 439p.

LIEBGOTT, R. A. Os guarani e a luta pela terra. In: *Coletivos Guarani do Rio Grande do Sul: territorialidade, interetnicidade, sobreposições e direitos específicos*. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul / Comissão de Cidadania e direitos Humanos, 2010. p. 19-31.

LOVELOCK, J. *Gaia: um novo olhar sobre a vida na Terra*. Lisboa: Edições 70, 1987.

LOVELOCK, J. *As eras de Gaia: a biografia da nossa Terra viva*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1990.

LOVELOCK, J. *Gaia, a prática científica da medicina planetária: perspectivas ecológicas*. São Paulo: Instituto Piaget, 1991.

MADEIRA, R. M. *Na negação dos muros, a mirada ambiental na perspectiva do ser Guarani*. 2005. 185f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MENEZES, A. L. T. *A alegria do corpo-espírito saudável: ritos de aprendizagem Guarani*. 2006. 265f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MENEZES, A. L. T.; BERGAMASCHI, M. A. *Educação ameríndia: a dança e a escola Guarani*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009. 258p.

MOLLISON, B. *Permaculture: designers manual*. Australia: Tagari Publications, 1988. 576p.

MUÑOZ, M. G. Saber indígena e meio ambiente: experiências de aprendizagem comunitária. In: LEFF, E. (coord.). *A complexidade ambiental*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 282-322.

- NAESS, A. *Ecology, community and lifestyle*. Cambridge: University Press, 1989. 218 p.
- NAESS, A. The shallow and the deep, longe-range ecology movement: a summary. In: DRENGSO, A. & INOUE Y. (Orgs.). *The deep ecology movement: an introductory anthology*, 1995. p. 13-30.
- NAESS, A. Self-realization: An ecological approach to being in the world. In: DRENGSO, A. & INOUE, Y. (Orgs.). *The deep ecology movement: an introductory anthology*, 1995. p. 3-9.
- NARANJO, C. Educando a pessoa como um todo para um mundo como um todo. In: BRANDÃO, D. M. S.; CREMA, R. *Visão holística em psicologia e educação*. São Paulo: Summus, 1991. p. 111-122.
- PISSOLATO, E. *A duração da pessoa: mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (guarani)*. São Paulo: Editora UNESP, 2007. 433 p.
- PRUDENTE, L. T. *Arquitetura Mbyá-Guarani na mata atlântica do Rio Grande do Sul: estudo de caso do Tekoá Nhüu Porã*. 2007. 164f. Dissertação (Mestrado em Engenharia na modalidade acadêmico) - Programa de Pós-graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- PRUDENTE, L. T. A casa de xaxim dos Mbyá-Guarani na mata atlântica do Rio Grande do Sul: *Tekoá Nhüu Porã*. In: SILVA, G. F. da; PENNA, R. & CARNEIRO, L. C.da C. (Orgs.). *RS índio: cartografias sobre a produção do conhecimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p.194-208.
- REICHEL-DOLMATOFF, Gerardo. "Cosmology as Ecological Analysis: A View from the Rain Forest". *Man*, v.2, n.3, p. 307-318. 1976.
- ROCHA, G.; TOSTA, S. P. *Antropologia & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- RUSCHENSKY, A. As rimas da ecopedagogia: uma perspectiva ambientalista. In: RUSCHENSKY, A. (Org.). *Educação Ambiental: abordagens múltiplas*. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 61-71.
- RUSCHENSKY, A. Atores sociais e meio ambiente: a mediação da ecopedagogia. In: LAYRARGUES, P. P. (Coord.). *Identidades da Educação Ambiental Brasileira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. 156p.
- SCHADEN, E. *Aspectos fundamentais da cultura guarani*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962. 190 p.
- SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, M.; CARVALHO, I.C.M. *Educação Ambiental Pesquisa e Desafios*. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 17-44.
- SEMEGHINI, M. G. Jaipota yvy porã (precisamos de terra boa): uma visão do manejo e agricultura guarani mbya. In: GUIMARÃES, L, B. et al. (Orgs.). *Tecendo subjetividades em*

educação e meio ambiente. Florianópolis: Núcleo de Publicações/ Centro de Ciências da Educação/ Universidade Federal de Santa Catarina, 2003. p.93-108.

SILVA, H. A situação etnográfica: andar e ver. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p.171-188, jul/dez. 2009.

SILVA, G. F. da.; NORBERG, M. Proposições para o diálogo intercultural: movimentos necessários. In: SILVA, G. F. da; PENNA, R. & CARNEIRO, L. C.da C. (Orgs.). *RS índio: cartografias sobre a produção do conhecimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p.124-129.

SILVEIRA, V. F. *Mbaé pa reipotá? Me respondeu o povo guarani*. 212 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

STEIL, C. A.; CARVALHO, I. C. M., PASTORI, E. O. Educação ambiental no Rincão Gaia: pelas trilhas da saúde e da religiosidade numa paisagem ecológica. *Educação*, Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 33, n. 1, p. 54-64, jan./abr. 2010.

TEMPASS, M. C. *Orerémbiú: a relação das práticas alimentares e seus significados com a identidade étnica e a cosmologia Mbyá-Guarani*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

TOLEDO, R. F. de; GIATTI, L. L.; PELICIONI, M. C. F. Urbanidade rural, território e sustentabilidade: relações de contato em uma comunidade indígena no noroeste amazônico. *Ambiente & Sociedade*, Campinas, v.12, n. 01, p. 173-188, jan/jul. 2008.

UNGER, N. M. *O encantamento do humano: ecologia e espiritualidade*. São Paulo: Edições Loyola, 1991. 94p.

VASCONCELLOS, M. J. E. de. *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Campinas, SP: Papirus, 2002.

VERÁ, J. *Mbya-Guarani*. Porto Alegre: ASSECAN, 2007.

VERDUM, R. Etnodesenvolvimento e mecanismos de fomento do desenvolvimento dos povos indígenas: a contribuição do subprograma projetos demonstrativos (PDA). In: Antônio Carlos de Souza Lima; Maria Barroso Hoffman (Org.). *Etnodesenvolvimento e políticas públicas*. Rio de Janeiro: Contra Apa & LACED, 2002. p. 87-105.

VESTENA, C. L. B.; CARNEIRO, S. M. M.; STOLTZ, T. A percepção e a tomada de consciência do meio ambiente: contribuições ao desenvolvimento da educação ambiental. In: GUIMARÃES, S. R. K.; STOLTS, T. (Orgs.). *Tomada de consciência e conhecimento metacognitivo*. Curitiba: Editora UFPR, 2008. p. 279-305.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 115-144. 1996.

VIVEIROS DE CASTRO, E. B. (2011). *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2011, 552p.

WALSH, C. Interculturalidad crítica y educación intercultural. In: VIAÑA, J.; TAPIA, L. Y WALSH, C. (Orgs.). *Construyendo interculturalidad crítica*. La Paz – Bolivia: Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, 2010. p. 75-96.

WEIL, P. *Holística: uma nova visão e abordagem do real*. São Paulo: Palas Athena, 1990. 3 ed.

WOLF, D. R. *Conflito ou Aliança entre a Proteção da Natureza e o Nhanderekó (Modo de Ser e Viver) Guarani*. 68 f. 2011. Monografia (Especialização em Gestão Ambiental). Fundação Getúlio Vargas. Porto Alegre, 2011.

YUS, R. *Educação integral: uma educação holística para o século XXI*. Tradução de Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2002. 269p.

ZANIN, N. Z. Aspectos simbólico-culturais e continuidade das construções Mbyá-Guarani. In: SILVA, G. F. da; PENNA, R. & CARNEIRO, L. C.da C. (Orgs.). *RS índio: cartografias sobre a produção do conhecimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p.179-193.

ANEXO I: Mapa Geral de Localização e Uso da Terra



ANEXO II: Imagens Fotográficas



Plantio de Mudas. Fotografia: Paulo José Fernandes



Encontro de Avaliação. Fotografia: Raniera Pinto



Planejamento de Plantio. Fotografia: Beatriz Stumpf



Oficina de Compostagem. Fotografia: Raniera Pinto



Encontro para confecção de Erva Mate. Fotografia: Paulo Fernandes



Construção da Opy. Fotografia: Paulo Fernandes



Reunião sobre mapa das aldeias. Fotografia: Paulo Fernandes



Viveiro de Mudas. Fotografia: Beatriz Stumpf

ANEXO III:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE Para Liderança da Terra Indígena

Título do Projeto: Educação Ameríndia e Interculturalidade

Responsável pela pesquisa: Maria Aparecida Bergamaschi

Projeto de Mestrado: A interculturalidade na Educação Ambiental Indígena: reflexões a partir de percepções Guarani. Desenvolvido pela mestranda Beatriz Osorio Stumpf e orientando pela professora Maria Aparecida Bergamaschi

Contatos: Diretamente com a professora Maria Aparecida Bergamaschi na Faculdade de Educação; com a mestranda Beatriz Osorio Stumpf, Comitê de ética em Pesquisa da UFRGS.

Objetivo geral da pesquisa: Identificar, compreender e subsidiar processos de interculturalidade que contém em seu âmbito os saberes e conhecimentos dos e sobre os povos ameríndios, tendo como palco principal a escola.

Objetivo específico: Investigar percepções Guarani sobre ambiente e processos de degradação ambiental ocorridos em suas terras, bem como sobre as relações interculturais no caminho educativo de construir em conjunto possibilidades de recuperação ambiental.

Procedimentos de pesquisa: Apresentar percepções Guarani sobre ambiente, educação ambiental e interculturalidade compreendidas e registradas durante o trabalho junto ao IECAM (2001 e 2012), dialogando com outros autores e desenvolvendo reflexões sobre estes temas. Realizar novas visitas a quatro aldeias participantes do projeto, para conversas informais com os caciques, seus familiares, professores e outras pessoas que queiram participar, nas quais a pesquisadora se propõe a apresentar as reflexões desenvolvidas, bem como escutar as suas opiniões e contribuições sobre as ideias apresentadas.

Se houver consentimento esses registros e depoimentos comporão dados analisados e possivelmente publicados, preservando o sigilo das pessoas que concederem depoimentos e informações. A participação não acarreta em riscos à dignidade e à liberdade das pessoas e nem tampouco prejuízos às pessoas da comunidade, que terão acesso à produção de pesquisa, recebendo cópia de tudo o que for produzido e ou publicado, podendo fazer uso das mesmas para compreender e potencializar os processos de escolarização nas aldeias. Após o uso destes materiais e assegurado um período de guarda formal, que será efetuada na sala 814 da Faculdade de Educação da UFRGS, os dados serão descartados.

Consentimento da Liderança (cacique)

Autrizo o estudo acima descrito na Terra Indígena que dirijo como cacique. Declaro ter sido devidamente informado e esclarecido sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios envolvidos na participação das pessoas desta comunidade, sendo que estas também já foram esclarecidas. Foi-me dada a oportunidade de fazer perguntas e recebi telefones e endereço para entrar em contato, caso tenha dúvidas ou quera desistir, a qualquer momento, sem qualquer penalidade ou prejuízo. Recebi uma cópia deste documento.

Nome: _____

Assinatura: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

Responsável pela pesquisa: _____

Porto Alegre ____ de _____ de 20 ____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE
Para Presidente do IECAM

Título do Projeto: Educação Ameríndia e Interculturalidade

Responsável pela pesquisa: Maria Aparecida Bergamaschi

Projeto de Mestrado: A interculturalidade na Educação Ambiental Indígena: reflexões a partir de percepções Guarani. Desenvolvido pela mestranda Beatriz Osorio Stumpf e orientando pela professora Maria Aparecida Bergamaschi

Contatos: Diretamente com a professora Maria Aparecida Bergamaschi na Faculdade de Educação da UFRGS; com a mestranda Beatriz Osorio Stumpf. Comitê de ética em Pesquisa da UFRGS.

Objetivo geral da pesquisa: Identificar, compreender e subsidiar processos de interculturalidade que contém em seu âmago os saberes e conhecimentos dos e sobre os povos ameríndios.

Objetivo específico: Investigar percepções Guarani sobre ambiente e processos de degradação ambiental ocorridos em suas terras, bem como sobre as relações interculturais no caminho educativo de construir em conjunto possibilidades de recuperação ambiental.

Procedimentos de pesquisa: Apresentar percepções Guarani sobre ambiente, educação ambiental e interculturalidade compreendidas e registradas durante o trabalho junto ao IECAM (2001 e 2012), dialogando com outros autores e desenvolvendo reflexões sobre estes temas. Realizar novas visitas a quatro aldeias participantes do projeto, para conversas informais com os caciques, seus familiares, professores e outras pessoas que queiram participar, nas quais a pesquisadora se propõe a apresentar as reflexões desenvolvidas, bem como escutar as suas opiniões e contribuições sobre as ideias apresentadas. Pesquisar materiais do IECAM: relatórios, relatos de atividades, filmes, materiais de divulgação e textos produzidos pela equipe técnica durante o desenvolvimento do trabalho.

Se houver consentimento esses registros e depoimentos comporão dados analisados e possivelmente publicados, preservando o sigilo das pessoas que concederem depoimentos e informações. A participação não acarreta em riscos à dignidade e à liberdade das pessoas e nem tampouco prejuízos às pessoas da comunidade, que terão acesso à produção de pesquisa, recebendo cópia de tudo o que for produzido e ou publicado, podendo fazer uso das mesmas para compreender e potencializar os processos educacionais nas aldeias. Após o uso destes materiais e assegurado um período de guarda formal, que será efetuada na sala 814 da Faculdade de Educação da UFRGS, os dados serão descartados.

Consentimento da Presidente do Instituto de Estudos Culturais e Ambientais – IECAM

Autorizo o estudo acima, desenvolvido a partir do trabalho realizado no IECAM. Declaro ter sido devidamente informada e esclarecida sobre os objetivos da pesquisa e os procedimentos nela envolvidos. Foi-me dada a oportunidade de fazer perguntas e recebi telefones e endereço para entrar em contato, caso tenha dúvidas ou quera desistir, a qualquer momento, sem qualquer penalidade ou prejuízo. Recebi uma cópia deste documento.

Nome: _____

Assinatura: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

Responsável pela pesquisa: _____

Porto Alegre ____ de _____ de 20____